

CRISE teatral. [O Estado], [São Paulo], 24 jan. 1959. Suplemento do Estado.

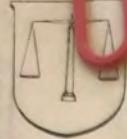
Crise teatral

O ESTADO
24-1-1959

Para Miroel Silveira (SL, Diário de Notícias, 11.1.59), a dificuldade por que passa o TBC (e que, em menor grau, atinge os Teatro Maria Della Costa, o Teatro de Areia, a Cia. Nídia Lícia-Sérgio Cardoso e outros elencos) reflete uma indiscutível crise do teatro paulista. Quais as causas dessa crise, quando até bem pouco tempo eram as mais otimistas as perspectivas teatrais em S. Paulo? Acredita MS que o que aconteceu foi o seguinte: durante dez anos representou-se bom teatro em São Paulo, fizeram-se esforços colossais para chegar-se a duas vitórias melancólicas: "as mímicas círcenses de Dercy Gonçalves e as "sacadas" teatrais de Abílio Pereira de Almeida". Os fundamentos dessa derrota — conforme diz MS — "estão no fato de ter o público assimilado, em relação ao progresso cênico efetivado em nosso país, apenas seus aspectos formais — os cenários, os trajes, e pormenores da representação, como a ausência de "ponto", modernidade no estilo de dizer, etc.

Quanto aos aspectos substanciais, permanece a mesma indiferença face a um teatro sério com objetivos artísticos, humanos ou sociais". Acha MS que a ajuda oficial, comprando as casas para oferecer espetáculo barato, não dá resultado, pois os grã-finos, que prestigiam as "bombas teatrais", só vão aos bons espetáculos quando os preços baixam... Mas MS acredita numa solução, que consistiria no seguinte: "proporcionar às companhias desejosas de manter nível artístico em suas representações a possibilidade de um entendimento recíproco para elaboração de um plano conjunto de atividades, que dividisse em duas fases suas encenações, segundo o local de trabalho." Em certos palcos representar-se-iam peças de boa qualidade, outros peças comerciais, havendo o rodízio das companhias. Essa medida de separar bem o lugar onde represente a peça artística, do lugar onde se monte a chanchada, assume grande importância para MS. Ele explica por que: "Onde uma vez pisou Abílio ou Roussin ou mesmo Noel Coward, dificilmente tornarão a medrar Lorca, Shakespeare ou Goldoni".

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**



APA IV II 2.00003 P60

11.ª CÔRTE DE JUSTIÇA DA CAPITAL DE NEW YORK

PROVISÓRIAMENTE TRANSFERIDA PARA O
TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA

RUA MAJOR DIOGO, 315 — FONE 6-4408 — SÃO PAULO

30 - 4 - 1949 .

AJUDE-NOS A DESVENDAR A MISTERIOSA MORTE DE CARLOS FAULKNER.

Prezado Sócio:

Temos o prazer de comunicar a VS. a próxima estréia do Teatro Brasileiro de Comédia, com a peça de Ayn Rand, "A NOITE DE 16 DE JANEIRO".

Permitimo-nos chamar a sua ATENÇÃO e interesse sobre a particularidade inédita da PARTICIPAÇÃO ATIVA DO PÚBLICO PRESENTE AO JULGAMENTO DESTE PROCESSO-CRIME. Dependerá de VS. se Karen Borg será condenada a morrer na cadeira elétrica, ou absolvida, pois doze pessoas entre a seleta assistência deverão funcionar como jurados.

Pedimos a VS. gentilmente observar que não se achará num teatro, mas sim no Tribunal de Justiça, onde deverá seguir rigorosamente estas instruções:

PROJETO COMPANHIA

LEVANTAR-se à entrada da egrégia corte;

CONSERVAR silêncio absoluto quando o juiz o solicitar;

ACATAR todas as ordens dos guardas vindos especialmente de New York para manter a ordem e ajudar a desvendar o mistério da noite de 16 de janeiro.

O VEREDICTO dos jurados é, portanto, da egrégia corte, sera inapelável.

NÃO SE ADMITEM protestos de espécie nenhuma.

OS PERTURBADORES da ordem serão imediatamente afastados do recinto do Tribunal pelos guardas.

ESTANDO a estréia marcada para o dia dez (10) de maio de 1949, as entradas gratuitas poderão ser retiradas pelos srs. sócios da bilheteria deste teatro até o dia 6 de maio, após o qual serão postas à venda ao público geral.

Agradecendo desde já o seu comparecimento a mais esta estréia, somos,

Cordialmente,
SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMÉDIA.

A. Cel.
(Adolfo Cel, Diretor Artístico)

APA IV II 2.00003 P 60
anexo



11.ª CÓRTE DE JUSTIÇA DA CAPITAL DE NEW YORK

PROVISÓRIAMENTE TRANSFERIDA PARA O
TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA
RUA MAJOR DIOGO, 315 — FONE 6-4408 — SÃO PAULO

Ilmo. Shr.
Abilio Pereira de Almeida
Al. Sarutaiá 361
N e s t a



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

APA IV II 3.0000 P 60

Sociedade Brasileira de Comédia (TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA)

Rua Major Diogo, 311/315 - Telefones, 36-4408 - 32-9912
SÃO PAULO

RELATÓRIO AO SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO, DAS ATIVIDADES DA EMPRESA DURANTE O PRIMEIRO TRIMESTRE DE 1963.

Durante o período de 2 de janeiro a 7 de março de 1963, as atividades da empresa restringiram-se apenas aos ensaios da peça "OS OSSOS DO BARÃO", de autoria de Jorge Andrade, comédia em 3 atos, cuja estréia se deu em 8 de março de 1963, continuando sua encenação até hoje.

E a seguinte a ficha técnica desta peça:-

NOME:- "Os OSSOS do Barão"

AUTOR:- Jorge Andrade

GENERO:- Comédia em 3 atos

CENARIOS E FIGURINOS:- Marie Claire Vaneau

DIREÇÃO:- Maurice Vaneau

ATORES:- Otello Zeloni

Lelia Abramo

Sylvio Zilber

Rubens de Falco

Cleyde Xaconis

Imay Cabanha

Aurea Campos

Hedy Toledo

Dina Lisboa

Carmen Silva (atualmente substituída por Marina Freire)

Lea Surian

Sylvio Rocha

DIRETOR DE CENA:- Sebastião Ribeiro

EXECUÇÃO DOS CENARIOS:- Arquimedes Ribeiro

ELETRICISTA CHEFE:- Aparecido André

CABELEIRAS:- Leontij Tymoszczenko

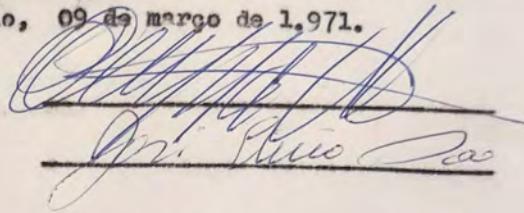
Sao Paulo, 28 de maio de 1963

SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMÉDIA

GUILHERME VITALE-Dir. Administrativo

Sociedades De Basile
Instituto
Delecionado
Teatro
Serviço Nacional de Teatro
no Estado de São Paulo
End: Alvaro Machado, 28
Fone: 32-5743

CERTIFICO eu, oficial de justiça abaixo assinado, que em cumprimento ao mandado junto e sua respectiva assinatura, dirigi-me em companhia de outro Oficial no cartório da 12a. Vara Cível, e sendo lá acompanhado do Ofício expedido pelo MM. Juiz de Direito da 17a. Vara Cível, procedemos à penhora no rôsto dos autos, conforme auto que segue. O referido é verdade e damos fé. São Paulo, 09 de março de 1.971.



AUTO DE PENHORA NO RÔSTO DOS AUTOS

Às nove dias do mês de março do ano de mil novecentos e setenta e um, neste dia de São José, na Praça da Sé, em cumprimento ao mandado em frente, expedido pelo MM. - Juiz de Direito da Décima Sétima Vara Cível e cartório respectivo, consequentemente da SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMÉDIA, nos autos da Ação Possessória que move contra SOCIEDADE PAULISTA DE COMÉDIA, dirigidos à oficina de justiça abaixo assinada no cartório da 12a. Vara Cível, de sentença, após preenchidas as formalidades legais, procedemos à penhora no rôsto dos autos, dos direitos que a SOCIEDADE PAULISTA DE COMÉDIA tem nos autos da Ação Ordinária que move contra ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA, constantes da respectiva sentença de fls. 128 a 131 dos autos, da qual o réu da ação manifestou recurso de apelação às fls. 135, direitos êsses que consistem na condenação do réu no pedido da inicial de fls. 12a custas e demais encargos legais. Lavrado o auto, dei contra-fé ao Escrivão, que o recebeu e passou o seu ciente e que deixou de assinar como depositário sobre presteza de direitos ainda sucumbíveis de apuramento e, por assim dizer, coisa inoperante. Penhora essa efetuada, após ter intimado o Sr. Escrivão e Dr. RIBEIRO DO VAL a exhibir-nos os autos. Feita a penhora, la-

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

levarmos o presente "ato que após lido, vni devidamente assinado por nós oficiais de justiça" e para dura testemunha. -z-z-z

OFICIAL DE JUSTIÇA
OFICIAL DE JUSTIÇA

卷之三

中国科学院植物研究所

19th day of January, 1922
John H. Dill
John H. Dill, 20
gives undivided property
to his wife, Edna.

114 S^{MO} AMARO 461. C. 2
R. ACUERIA 2629

PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ

APA IV II 4.0002 P60

TEATRO
BRASILEIRO
DE COMÉDIA

PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ

apresenta



Lilia Chaves P. Rocha

NICK-BAR... *alcool, brinquedos e ambições*
de WILLIAM SAROYAN

Se
A.

O
pessoas
diverse
se con
todo n
sentazi
que vi
cosos
E
divers
encont
S



PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ

UNIVERSAL
Genève

APA II 4.0001 P60

Casa Hamburgueza

Tecidos modernos nacionais e estrangeiros

Sedas - Algodões - Lans - Linhos
A. Furtado & Cia. — Rua Barão de Itapetininga, 78

O bar de Nick, pôrto de ambições, é frequentado por tôdas as categorias de pessoas. O objetivo do espetáculo é o de forrar os vários ângulos da taverna com os diversos mundos das pessoas que alí se encontram; criar ilhas de humanidade que se confundam e se misturem, mas conservando inalteradas sua côn e substancia. O todo numa projeção contemporânea e paralela, como uma moderna «sacra rappresentazione» medieval. E assim, dêsse amaranhado humano, destacar cada personagem que vive seu cotidiano, simplesmente, com tôda a liberdade de movimentos preguiçosos e distraídos.

E, compreendendo que não se trata de uma história, mas de momentos de vidas diversos, condensados, reunidos e expostos como num carroussel, o público poderá encontrar-se um pouco em cada um dos personagens.

Saroyan é um homem puro, cristalino — um romântico iluminado a gás neon.

COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ



TRÊS FAMOSOS WHISKIES DA ESCOCIA

Representantes exclusivos: ALMEIDA SILVA & CIA.

Rua Brigadeiro Tobias, 502 - Fone: 4-5145



*Maury Lopes
(O jornaleiro)*



*Hollanda Maria
(2ª mulher)*



*Thales Maia
(Harry)*



*Alfredo Kleemann
(Willie)*



*Expedito de Castro
(Dudley)*

PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ

*Ricardo Campos
(Blick)*

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CINEMA

GRUPO DE ATORES

NICK - BAR... alcool

(The Times)

Prêmios Pulitzer e dos Críticos

Tradução de G. M. T. P.

Ele

(por ordem de nascimento)

Abílio Pereira de Almeida
Haroldo Gregory
Julton Ribeiro
Estavio Nonnenberg
Maury Lopes
Carlos O. Junqueira
Alfredo Kleemann
Mauricio Barroso
Cacilda Becker
José Expedito de Castro
Thales de Castro Maia
Carlos Vergueiro
Ondina Motta
Ricardo Campos

Direção de ALDO CALVO

Cenários de ALDO CALVO executados por

PRESENTES FINOS

ENRIQUE DE GOEYE & CIA. LTDA.

RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 149 — FONE: 4-3088 — SÃO PAULO

APA IV II 4.00001 P 60

Teatro Brasileiro de Comédia

RUA MAJOR DIOGO, 311-315 — TELEFONE: 6-4408

SÃO PAULO

Presidente de Honra: Francisco Matarazzo Sobrinho
Presidente: Paulo de Assumpção
Vice-Presidente: Adolpho Rheingantz
Direção Artística: Adolfo Celi

Grupo de Arte Dramática

(Grupo permanente do Teatro Brasileiro de Comédia)
com

Cacilda Becker, Madalena Nicol,
Mauricio Barroso e Célia Biar

Grupos que colaboraram com o Teatro Brasileiro de Comédia:

Grupo de Teatro Experimental
Grupo Universitário de Teatro
Sociedade de Artistas Amadores, de São Paulo
Grupo de Artistas Amadores (em inglês)

PROJETO
Cenógrafo-Supervisor: Aldo Calvo
Cenógrafo: Bassano Vaccarini
Cenógrafos colaboradores (por ordem alfabética):
COMPANHIA
Clovis Gradiano,
Hilde Weber,
Noémia Cavalcanti,
Sofia Lebre Assumpção.
CINEMATOGRÁFICA
Colaboradores de direção (por ordem alfabética):
Abílio Pereira de Almeida,
Alfredo Mesquita,
Décio de Almeida Prado,
Madalena Nicol,
R.H. Egging.

O TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA JÁ É UMA REALIDADE, NÃO MAIS UMA UTOPIA. CONSTITUE UMA SOCIEDADE SEM FINS ECONÔMICOS, DESTINADA EXCLUSIVAMENTE A TRABALHAR EM PRÓL DA ARTE E DA CULTURA



A Sociedade Brasileira de Comédia aceita com prazer a cooperação de todos, e assim convida V. S. a tornar-se seu sócio. Esta sociedade, por sua vez, oferece aos seus associados a entrada gratuita a tôdas as estréias patrocinadas pelo Teatro Brasileiro de Comédia, e o abatimento de 50 % sobre o preço das entradas nos demais dias.

TORNE-SE SÓCIO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMÉDIA

LUSTRES MODERNOS

VIDROS DE MURANO

OBJETOS DE ARTE

CERÂMICAS

P R E S E N T E S



DOMINICI

SÃO PAULO — RUA XAVIER DE TOLEDO, 310 — FONE: 6-1609

PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ

O Teatro Brasileiro de Comédia, inaugurado em 11 de outubro de 1948, conta, depois de apenas oito meses de existência, com um vasto repertório que já foi apresentado. Abrange as seguintes peças:

«La Voix Humaine»	de Jean Cocteau;
«A Mulher do Próximo»	de Abílio Pereira de Almeida;
«O Baile dos Ladrões»	de Jean Anouïlh;
«A Margem da Vida»	de Tennessee Williams;
«Id Passei por Aqui»	de J. B. Priestley;
«Esquina Perigosa»	de J. B. Priestley;
«Ingenuidade»	de Jean van Druten;
«Amores do Café»	de Eugene O'Neill;
«O Paiz»	de Abílio Pereira de Almeida;
«Na Era das Olarias»	de Louis Verneuil;
«A Inconveniência de Ser Esposa»	de Silveira Sampaio;
«A Noite de 16 de Janeiro»	de Ayn Rand;
«Dois Destinos»	de Noel Coward
«A Mão do Macaco»	de Jacobos

O Teatro Brasileiro de Comédia está sempre mais empenhado em formar artistas e apresentar novos e mais perfeitos espetáculos.

A todos que estejam dispostos a colaborar de qualquer forma com o Teatro Brasileiro de Comédia, rogamos a fineza de comunicar-se com a nossa Secretaria, ou pelo telefone 6-4408, podendo sempre ser úteis elementos de todas as idades.

Com o intuito de incentivar também a produção literária brasileira para o teatro, ultimamente o Teatro Brasileiro de Comédia instituiu um prêmio de Cr\$ 25.000,00 e um de Cr\$ 5.000,00 para peças de teatro, promovendo para esse fim um concurso sob o patrocínio da Academia Paulista de Letras, que poderá fornecer todas as informações desejadas aos interessados.

Futuramente, o Teatro Brasileiro de Comédia promoverá também programas de música fina, dos quais o primeiro atualmente já está sendo elaborado, para a imediata execução.

Al
expres
demia
borada
Townz
de Wi
tigona
E
cará

PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRAFICA VERA CRUZ

Hilde

ADOLFO CELI, diretor artístico do Teatro Brasileiro de Comédia, é uma das mais altas expressões da nova geração de homens de teatro da Europa. Diplomado em 1945, pela Academia de Arte Dramática de Roma, dirigida por Silvio D'Amico, um dos mais ilustres colaboradores de Max Reinhardt. Na Itália, entre outras, Celi dirigiu quatro grandes peças: «Our Town» de Thourton Wilder, «Labirinto» de Sergio Pugliese, «Time of Your Life» (Nick-Bar) de William Saroyan e «Fausto» de Goethe. Na Argentina, onde esteve em 1948 dirigiu «Antígona» de Sofocles. Foi também ator de teatro e cinema.

Estréia no Brasil como diretor artístico de «Nick-Bar» de William Saroyan, peça que marcará o início de uma nova etapa do Teatro Brasileiro de Comédia.

O TEATRO NO BRASIL

PAULO DE ASSUMPÇÃO

Durante essa longa existência de quatro séculos, nem um momento signor ele atingiu o címo intelectual das nossas gerações. A galeria dos nossos poetas, literatos e cientistas, tem ressonâncias que emocionam e envaidecem uma raça. Entretanto, no tablado da nossa dramaturgia, o fulgor esparso de uns poucos não consegue aquecer aquêle cenário da mais vigorosa de tôdas as artes.

De quem a culpa? Do governo? Dos autores? Dos atores? Do público?

A todos cabe parcela de responsabilidade no grande crime.

Si outrora os governos quasi nada fizeram, hoje, a ação governamental deixou de ser nula para se tornar pesada. O impôsto que onera a bilheteria dos teatros em prol do desenvolvimento cultural, reveste-se da mesma incongruência de uma eventual taxação de hospitais para a manutenção da saúde.

O público justifica o seu afastamento do teatro porque ali não encontra arte. E a arte, por sua vez, se amedronta do palco porque ali não encontra público.

E o «impasse» perdura. E a decadência continua. E nada mais triste que a decadência.

Antes a morte, diante de cuja irremediável surge sempre uma idéia nova, um novo esforço.

Não desejaremos, entretanto,

PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ

Não obstante o momento que atravessamos, onde a preocupação material se sobrepõe à intelectual, sente-se o frenesi de uma reviravolta animadora. Autores e artistas, criam e interpretam a transposição da vida moderna, sobre a cena, com os brilhantes e negros coloridos que entrelacam as suas complicações, desejos, sofrimentos e realizações.

Nota-se um grande esforço. Há imaginação. Imaginação que é a luz do ideal iluminando a realidade. Realidade que é o nascedouro imprescindível de tôdas as creações artísticas. E, como testemunho consolador das nossas esperanças, aqui está o Teatro Brasileiro de Comédias.

Nos alicerces desta casa, existe a argamassa de uma grande responsabilidade thumbada desinteressadamente pelo espírito de dois idealistas.

Um déles, brasileiro que tem o sangue aquecido pelas generosas tradições italianas e cuja fortuna se detém continuadamente em visões de arte e de filantropia. O outro, sonhador dinâmico, italiano que se orgulha de o ser, sem prejuizo desse acendrado amor à nossa terra que o nivela, em civismo e ideal, aos patriotas brasileiros. Em torno desses dois Mecenas, mobiliza-se uma colmeia de artistas cheios de entusiasmo, de fé e devotamento.

Todos êles estão formando a esplêndida sementeira fertilisante por onde se infiltram as raízes desta Casa, e, de onde nos vem o pregão consolador, anunciando um ressurgimento teatral brasileiro.

A todos êsses bravos, as nossas homenagens.

GESSY

dará a sua cútis
a beleza
e fragrância
que inspiram
palavras.
de amor...

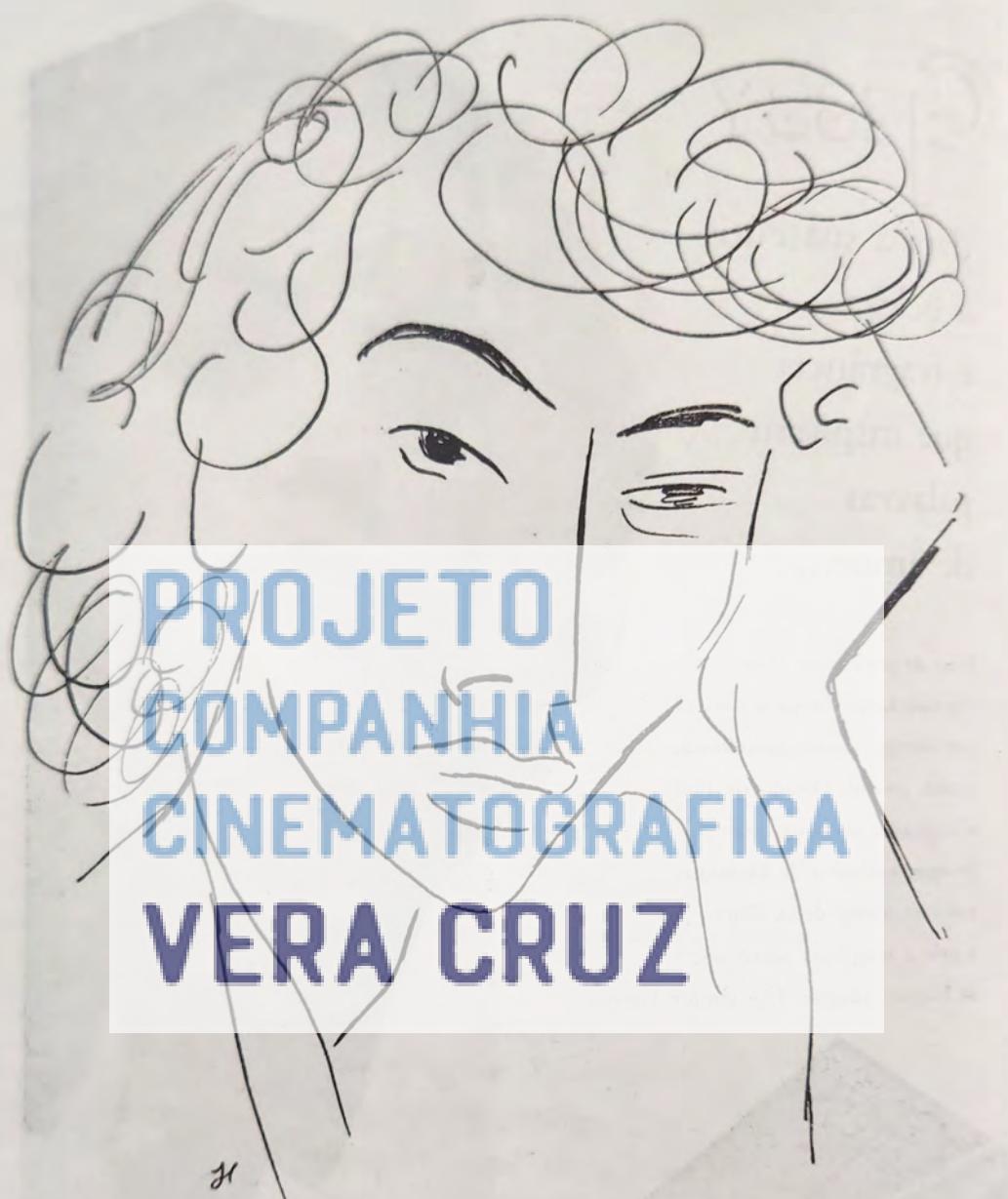


Feito de puríssimos óleos
vegetais, Gessy limpa e suaviza
a epiderme, mantendo-a fresca,
viçosa, juvenil. Dotado de um
e inspirador perfume, num
bouquet exclusivo de caríssimas
essências, Gessy deixa sobre
a pele a fragrância suave que
os homens admoram. Use Gessy.

PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ



Um sabonete
*puro, consistente,
perfumado*



CACILDA BECKER, primeira atriz do Grupo de Arte Dramatica do Teatro Brasileiro de Comedia estreou, como amadora no Teatro do Estudante do Brasil, onde Raul Roulien foi buscá-la com um contrato que lhe abriu a carreira de atriz profissional. Posteriormente trabalhou com Bibi Ferreira e fez parte dos Comediantes, sob a direção artística de Ziembinski. Em 1948 lecionou comédia na Escola de Arte Dramática.

Silvio D'Amico, entrevistado por Pascoal Carlos Magno, disse o seguinte: «Esta Cacilda Becker é a maior atriz dramática do Brasil.

Na peça de Saroyan, Cacilda cria uma Kitty Duval que, certamente, significará mais uma etapa de sua brilhante carreira.



**Casa
Lemcke**

FUNDADA EM 1902

Mantem a primazia em
QUALIDADE — VARIEDADE
PREÇOS AGRADAVEIS

PROJETO
Para temperatura atual
COMPANHIA
apresentamos sortimento completo de
Cobertores — Acolchoados
Tecidos de lã e de flanela
Peignoirs de lã ou flanela
CINEMATOGRÁFICA
Roupa de baixo em malha de lã ou algodão
Bainas, coletes e casacos de malha.
Roupas de lã para crianças.
Liseuses de malha de lã

Echarpes — Pullovers

Pijamas e camisolas de flanela

Camisetas e ceroulas de malha
de lã e de algodão.

Meias de lã.



SÃO PAULO: RUA 24 DE MAIO, 224 — RUA LÍBERO BADARÓ, 303

SANTOS: RUA JOÃO PESSÔA, 45/47



MADALENA NICOL, que a critica consagrou como uma das maiores atrizes dramáticas do Brasil depois de sua inesquecível interpretação no monólogo de Eugene O'Neill, começou

PROJETO

COMPANHIA
LICEU DE ARTES E OFICIOS DE SÃO PAULO
CINEMATOGRÁFICA

VERA CRUZ

sua carreira teatral desempenhando papéis de grande relevo, suprindo as possíveis deficiências de estreante com os recursos de um extraordinário talento.

Madalena começou sua carreira artística como cantora, tendo sido laureada em Genebra num concurso internacional do qual participaram os maiores cantores do mundo. Depois disso cantou em Paris, Londres e New York; antes já havia cantado na Casa Branca em Washington.

Sua estréia como comedianta data apenas de 1947 como fundadora, diretora e atriz do «Grupo de Artistas Amadores» que se apresentou ao público paulista com a peça de J. B. Priestley — «Esquina Perigosa» no Teatro Municipal. A seguir, já como integrante do Grupo de Arte Dramática do Teatro Brasileiro de Comédia, como atriz e diretora, apresentou «Ingenuidade» de J. van Durten, «Antes do Café» de E. O'Neill, «Dois Destinos de Noel Coward» e «A Mão do Macaco».

Na peça de Saroyan, Madalena faz o papel de Mary L., um dos muitos pequenos papéis que no teatro só podem ser confiados a comediantes de primeiro plano.

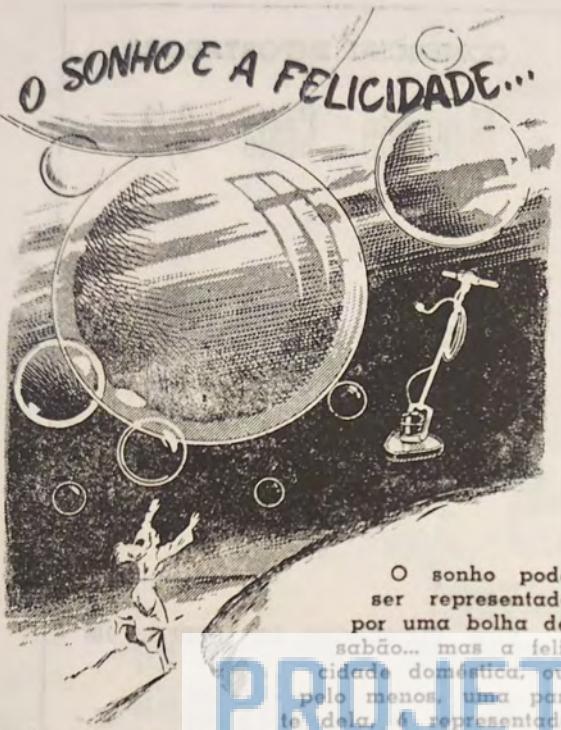


* Móveis Artísticos

* Decorações

* Cerâmica Artística

AVENIDA TIRADENTES, 141 — TELEFONE: 4-7136



O sonho pode ser representado por uma bolha de sabão... mas a felicidade doméstica, ou pelo menos uma parte dela, é representada pela enceradeira que ocupa trabalho, fadiga e aborrecimentos a uma esposa carinhosa.

PROJETO

COMPANHIA

CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ

«EPEL» — D-5, leve e silenciosa, dotada de inúmeras inovações, é a enceradeira elétrica mais procurada em todo o Brasil. Conheça-a de perto em nossas exposições, ou solicitando seu gestivo folheto em cores.



A marca que responde pela eficiência dos seus produtos
GARANTIDA PELA FÁBRICA

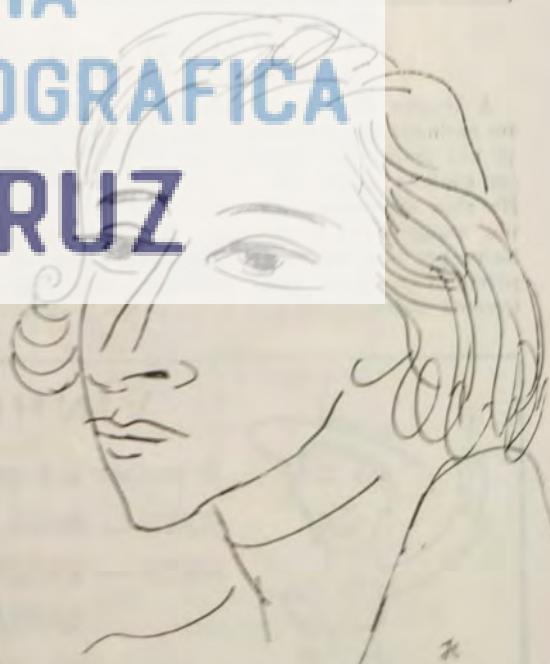
Lojas EPEL LTDA.

LARGO SÃO BENTO, 20 - TEL. 3-1724
SAO PAULO



MAURICIO BARROSO, única figura masculina do Grupo de Arte Dramática do T. B. de C. Iniciou sua carreira artística como um dos mais jovens integrantes do Grupo de Teatro Experimental no ano de 1945.

Na peça de Saroyan, Adolfo Celi confiou-lhe um dos mais difíceis papéis, o de Tom.



CELIA BIAR foi a grande revelação da temporada de 1949 quando, com um único ensaio, sem nunca ter pisado num palco, substituiu Madalena Nicol em «Ingenuidades».

Na peça de Saroyan, Juilhe confiou-lhe o difícil papel de Elsa Mandelspiegel.



ABILIO PEREIRRA DE ALMEIDA, autor, ator e diretor, com Alfredo Mesquita, é um dos fundadores do Grupo de Teatro Experimental, conjunto amador que logo se impôs à consideração do público. Como autor, Abilio Pereira de Almeida conseguiu dois grandes êxitos «Pif-Paf» e «O Mulher do Próximo». Como ator e diretor seus êxitos estão ligados a quase tudo que de melhor se fez em matéria de teatro em São Paulo.

Nick, o dono do bar, é o papel que Celi lhe confiou na peça de Saroyan. Trata-se, por assim dizer, do papel chave da peça.

PROJETO COMPANHIA Técnica e Instinto CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ

A técnica de escrever uma peça, não pode ser ensinada por nenhuma escola às pessoas que já não tenham no sangue. Nem é possível tentar explicar o que essa técnica é exatamente. Na obra dramática, cada uma determina a sua seguinte por uma espécie de lei da gravitação, por uma espécie de fatalidade. Cada fato parece, com efeito, estar querendo outra, exatamente aquela outra que o verdadeiro teatrólogo

COMERCIAL IMPORTADORA
Manfredo Costa S/A.

★

MATERIAIS ELÉTRICOS
M O T O R E S
BOMBAS PARA ÁGUA

★

RUA FLORÊNCIO DE ABREU, 167

TELEFONES { 2-4305
 { 2-4309
 { 2-5210



VINHOS ESPANHOES

O melhor e o maior sortimento no Brasil de vinhos de JEREZ — RIOJA — VALDEPEÑAS — PANADES PRIORATO — VALENCIA — MANZANILLA — MALVASIA — QUINADO — MOSCATEL — ETC.

Peça a tabela de preços a

MESTRE JOU & CO.

RUA JOÃO BRÍCOLA, 24 — 23° — FONE: 3-3904



De um bom presente
depende seu futuro!

PROJETO

SCHWARTZMANN é o melhor presente que poderá proporcionar à sua família. A sonoridade perfeita e aprimorado acabamento, a fabricação sólida e esmerada com a melhor matéria prima nacional e estrangeira, fazem de SCHWARTZMANN o piano que mais se destaca entre todas as marcas artísticas.

COMPANHIA

CINEMATOGRAFICA

VERA CRUZ

DUPLA REPETIÇÃO

TECLADO COMPLETO (88 notas)
TRÊS PEDAIS - CORDAS CRUZADAS

★ ABSOLUTA GARANTIA



SCHWARTZMANN

Lojas e Exposições:

S. PAULO: Av. Ipiranga, 714 • Fone: 4-7478 • **RIO:** Av. Rio Branco, 257-A
R. Xav. Toledo, 272 • Fone: 4-1452 Fone: 32-7522

Fábrica e Escrit. central: Av. Água Branca, 524 • Fone: 51-6981 • **SÃO PAULO**

Visite-nos ou
escreva-nos

para conhecer as
vantagens e as
facilidades que
SCHWARTZMANN
lhe oferece, no seu
plano de vendas.





A Senhora encontra dificuldades na decoração de sua casa ou apartamento? Desejaria que o seu ambiente refletisse a sua personalidade e que o colorido de sua casa realçasse a sua beleza? Para resolver os seus problemas e realizar os seus desejos, a

"IF DECORAÇÕES"

à Rua Veiga Filho, 422, põe ao seu dispôr a experiência de longos anos no ramo, um pessoal especializado e o seu apurado bom gosto.

Indo ao encontro do progresso vertiginoso de São Paulo, a

PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ



creou, ao lado de sua decoração de luxo, de modelos exclusivos, uma nova linha de creações originais a preços os mais acessíveis.

Com isso coloca ao alcance de todas as bolsas o prazer e o orgulho de possuir um lar harmonioso, simpático e acolhedor.

Exce-
SEI
RUY AFON
amadores q
êxitos, ch
pecializada
no «Baile
sentada no
Grupo de T



Seiva RICA FLÓRA

(VEGETAL)

DETEM A QUEDA
EVITA CASPA E
CABELOS BRANCOS

PROJETO

A venda em lojas de Farmácia, Drogarias e Perfumerias.
De hora em hora — às 7, às 8, às 9 e assim por diante, até às 21 horas, e Rádio
Excelsior irradia o Projeto, que é transmitido ao redor do mundo.

SEIVA RICA FLÓRA

COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ



RUY APONTE MACHADO, um dos atores mais populares que existem, depois de diversos êxitos, cheiou a estrada de volta a São Paulo, despedindo-se com seu inseparável antropomóvel no clube dos Leilões da 7ª Avenida, apresentado no Teatro Brasileiro de Comédia pelo Grupo de Teatro Universitário.

Desnard & C
Uma organização
contemporânea

Rua 24 de Maio, 78-98

Artigos finos



Casa do
PORCELANATO

AV. SÃO JOÃO • 304

COMPANHIA

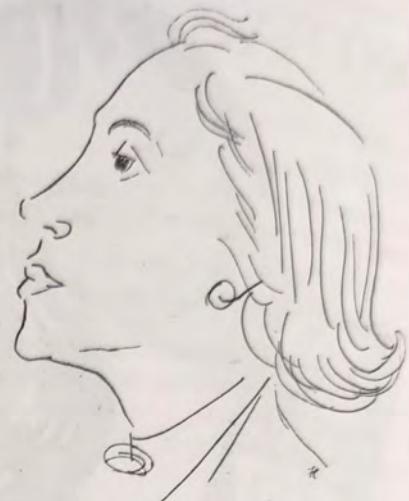
CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ

A Fábrica Flag tem...

A bolsa que lhe fica bem...

Pelo preço que convem...

R. Cons. Crispiniano, 325



MARINA FREIRE FRANCO foi, com Alfredo Mesquita, Abílio Pereira de Almeida e outros, uma das fundadoras do Grupo de Teatro Experimental. Trata-se de uma artista sobre a qual público e crítica sempre tiveram a mesma opinião e sempre aplaudiram com entusiasmo.

Na peça de Saroyan, com a segurança e o equilíbrio de sempre, incarna o papel de uma dama da alta sociedade.

NOT

A inspiração e ingénua é dado um

Nada em toda a

Um m
cândido e
numa civil
portância
transforma
milagre da
redor escu

Os ca
liente que
cias de hu



H.
Tomado
nhado

NOTAS SÔBRE SAROYAN

ADOLFO CELI

A inspiração saroyana surge de seu subconsciente. A musicalidade simples e ingênua de uma frase cria um título, e o título a obra, assim como o músico que, dado um tema, o desenvolve, inverte, modula, varia e conclui.

Nada porém de mecânico, de artificial. O homem vive nas obras de Saroyan em toda a sua essência: corpo e alma, sangue e peso, intuição e subconsciente.

Um mundo poético. O entrechoque de desejos não realizados. William Saroyan, cônclido e culto, ingênuo e tchecoviano, cheio de um lirismo crepuscular, nascido numa civilização onde predominam os valores objetivos, quer nos convencer da importância da nossa infância, quando eramos dominados pelo desejo invencível de transformar a realidade de cada dia em contos de fadas. Quando, aterrados com o milagre da noite, tínhamos medo, embora sem o confessar, de andar por um corredor escuro.

Os caracteres de seus personagens têm um relêvo perfeitamente delineado e saliente que, com poucas palavras, compreendemos e sentimos. São sempre experiências de humanidade e nunca esquemas.



NICK-BAR... — Uma cena do 1º ato. Kitty (Cacilda Becker) dança com Tom (Mauricio Barroso); sentado, Joe (G. Nonnenberg) os observa. Flagrante apanhado durante um ensaio por Hilde Webber.



PROJETO

NICK-BAR... Uma cena do 5º ato. Whesley (Carlos Vergueiro) toca piano enquanto Harry (Thales) dança. Desenho de Hilde Webber.

COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ

A capacidade de sonhar de Kitty, vale mais do que sua triste condição. A inatividade de Joe, irmão de todos os homens, é o produto de determinada civilização. A velha e sã América dos pioneiros e da aventura tem seu expoente máximo num dos últimos Búfalo Bill, épico e lírico contador de lorotas. A luta de William Farougli com a caça-níquel, símbolo de uma civilização mecanizada, que só dá frutos por acaso e quando o engrenagem se parte, sintetiza a eterna gangorra que existe no espírito humano: otimismo e pessimismo, estados que o homem sempre julga decisivos. A luta instintiva e inconscientemente animalesca de Dudley pela conquista de Elsa Mandelspiegel, triste e cançada enfermeira, deixa perceber um futuro de vida mesquinho mas necessário. A ânsia de Harry para exprimir-se. Dançando e representando, quer fazer o mundo rir, mas ignora que sua mensagem confusa nasce numa época de tristeza do mundo.

E assim, um por um, desfilam todos com seus problemas que não se resolvem, porque a vida não começa e nem acaba.

Os dois pratos da balança são: Nick, uma espécie de guarda do purgatório, brutalhado, simples, bom, sentimental — é a terra onde vivemos, a terra quente e confortadora; um estranho tipo de árabe — mensagem da história que continua, lembrança de um velho mundo, pátria distante e presente; cônscido filósofo que faz advertências. Seu refrão quer prevenir os homens, aconselhá-los, fazê-los refletir.

A tais criaturas, Saroyan confia seu apelo ao mundo, e sempre um apelo de paz e de humildade.

Um senso primordial das forças da vida, o eco incessante do tempo que corre, e o homem, suas esperanças, suas alegrias, sua solidão, seus impulsos, o senso do pecado e sua absoluta necessidade de vida.

Desde 1925



Símbolo de garantia



WALDEMAR WEY, um dos melhores amadores do Brasil. Sua estréia data de 1939, no Teatro Universitário. De 1943 a 1948 fez parte do Grupo Universitário de Teatro.

Em Nick-Bar, Adolfo Celi confiou-lhe um dos mais difíceis papéis da peça, o do ex-Bufalo Bill, símbolo admirável da velha América.

PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ

Motores Elétricos Trifásicos
IEB Gina

A FÁBRICA MAIS ANTIGA DE
MOTORES

- ||| - ROBUSTOS
- ||| - DE POTÊNCIA FOLGADA
- ||| - ISOLAÇÃO TROPICAL
- ||| - CONSTRUIDOS PELO
STANDARD NEMA
- ||| - COM ROLAMENTOS

Cada motor é vendido com sua garantia individual pelo prazo de 1 ano.

Intercambio Eletro Mecanico "IEM"

INDÚSTRIA E COMÉRCIO S/A
RUA SENADOR QUEIROZ, 371
TELEFONES: — 4-5179 E 4-5170
ENDERÉÇO TELEG.: "EMU CO"

É

CASA ITALIANA

Lans Francesas — Veludos Italianos — Sedas

RUA DIREITA, 25 — SÃO PAULO

JOUVET NÃO ESQUECEU O BRASIL

Louis Jouvet, regressando à França, depois da guerra, pronunciou no «Théâtre de l'Athénée» uma conferência sobre sua estadia de quatro anos na América Latina, da qual extraímos algumas impressões sobre o Brasil:

«No dia 27 de junho de 1948, a bordo do «Bagé», navio brasileiro, chegamos ao Rio de Janeiro.

de calor, fazem um ano no Brasil, dizem os brasileiros.

«Seis meses de verão seguidos de seis meses

de calor, fazem um ano no Brasil, dizem os brasileiros.

«A superfície desse país regula com a da

Europa, com quarenta e cinco milhões de habitan-

tes, metade da população total da América

do Sul.

«Da Bahia a Pôrto Alegre, através de seu vasto continente, o brasileiro é sempre o mesmo, idêntico.

«Os encantos de uma natureza exótica e tropical são ultrapassados pela amabilidade e encanto de seus habitantes. Nas camadas mais cultas, fala-se o francês com graça e distinção, o que nos proporcionou plateias que poderiam rivalizar com as melhores de Paris, quer pela sua elegância, quer pela compreensão de todas as subtilezas da nossa língua. Um espetáculo no grande teatro do Rio de Janeiro é sem dúvida, uma reunião confortadora.

«Em São Paulo, somos recebidos com o mesmo calor, a mesma simpatia e a mesma compreensão.

«De Santos partimos para Buenos Aires, mas

um imprevisto nos obriga a passar um dia em Pôrto Alegre.

«No aeroporto, três brasileiros desconhecidos estavam à nossa espera. Conversamos com eles sem saber de quem se tratava, pois eles nem sequer se haviam dado ao trabalho de se apresentarem.

«Algumas horas mais tarde já haviam conquistado nossa amizade com dissídios sobre as dificuldades de traduzir as conjugações da língua francesa, sobre a resistência do estilo de Gide ao português. Tinham concluído a tradução dos «Thibault» de Roger Martin du Gard e preparavam-se para começar a tradução dos 17 volumes de Proust; infelizmente, que tragicamente, faltava-lhes o último volume.»

Este último volume que faltava aos três amigos que Jouvet fez em Pôrto Alegre, nos faz recordar as dificuldades que todos encontravam para conseguir este ou aquele livro francês durante os anos da guerra... Quanto valia, nesse tempo, um velho volume de Proust ou de Gide!

E a leitura de sua conferência nos fez também recordar suas extraordinárias temporadas nos teatros do Rio e São Paulo. Espetáculos inesquecíveis, tais como «L'École des Femmes» Knobek, Monsieur de Troubadec, Electre, La Guerre de Troie, Ondine, L'Annonce faite à Marie, Le Médecin malgré lui, Tessa, Judith, La Belle au bois, On ne badine pas avec l'amour» etc., etc. Temporadas teatrais de um nível no mínimo igual ao que de melhor nos foi possível assistir antes da guerra, e certamente superior a tudo quanto nos apareceu nos anos subsequentes.

CONSIGLIO & CIA.

ESPECIALISTAS EM GORDURAS E ÓLEOS VEGETAIS

ÓLEOS DE: CÔCO BABAÇÚ, MAMONA, AMENDOIM, LINHAÇA,

COPRA, ETC., ETC.

OLEINAS — STEARINAS — GLICERINAS

ESCRITÓRIO: RUA FLORIANO PEIXOTO, 40 — 8º ANDAR — SÃO PAULO

FONES: 2-4295 - 2-1220

FÁBRICA: SÃO BERNARDO DO CAMPO

VIA ANCHIETA, KL. 16

CARLOS
Teatro
data par
papeis q

E o
papel qu
nista.



R. ALVARES PENTEADO, 65 - 4.^o • TEL.: 2-2929 - 3-1241

PROJETO COMPANHIA

CINEMATOGRÁFICA **VERA CRUZ**



CARLOS VERGUEIRO estreou no Grupo de Teatro Experimental no ano de 1943. Dessa data para cá, tem desempenhado importantes papéis que lhe valeram uma excelente crítica.

E' o pretinho Wesley da peça de Saroyan, papel que exige um ator do double de pianista.

AUTO LIDER

• PEÇAS FORD E CHEVROLET
GENUINAS

• PNEUS E ACCESSÓRIOS

A. Cardoso & Vivone
IMPORTADORES

AVENIDA RANGEL PESTANA, 1098
FONE: 3-1269 — SÃO PAULO

A ARTE TEATRAL E AS IDÉIAS DE GORDON CRAIG

PAUL BLANCHART

Entre os grandes teóricos que exercearam influência decisiva na evolução da «mise en scène» contemporânea, o esteta inglês Gordon Craig ocupa um lugar de grande destaque.

Para ele, o teatro deveria ser mais do que uma representação, para ser quase uma revelação. Isso significava o repúdio de todo e qualquer realismo. Levando sua teoria ao extremo do exagero, Craig chegou a negar ao corpo do ator a possibilidade de servir de instrumento à alma, ao sentimento e à inteligência. Para ele, um ator em cena está sujeito a uma série de acidentes involuntários, o que não se pode admitir em arte. Ponto de vista que não é nada mais, nada menos, do que a resurreição do «Paradoxe sur le Comédien», de Diderot. Craig diz que no ator existe um «complot» de sensações contra as idéias.

Assim sendo, sustentava que o homem não é um material que se possa usar numa cena, já que ele nunca poderá deixar de ser escravo de suas emoções. Para ele,

ideal seria substituir o ator por uma super-marionette.

Procurando a essência da arte teatral, Craig proclamou sua independência de todas as demais artes. Falando de sua complexidade e de suas dificuldades, disse serem necessários de 6 a 10 anos de estudo e trabalho para formar um bom diretor, o que significa a excomunhão dos improvisadores e dos ignorantes. Não consultem a natureza e sim a peça, escreve Craig, formulando assim um axioma fundamental, hoje quase universalmente consagrado e que, por assim dizer, condensa os principais problemas da «Mise en scène».

Com certa razão, muitos teóricos da arte teatral censuraram Gordon Craig de se ter deixado influenciar demais pelo estetismo dos prerafaelitas, caindo num intelectualismo exagerado e suscetível de paralisar a pesquisa ou a realização plástica, quando, na verdade, visava renovar a plástica cênica. Ninguém pode negar, entretanto, que as idéias de Craig renovaram as linhas, as cores e o espírito do teatro europeu. Muito recentemente, um dos maiores atores contemporâneos — Jean Louis Barrault, falando de «A Arte do Teatro» de Craig, disse: «Sempre foi meu livro de cabeceira, meu catecismo, esse perfeito guia do artista de teatro».

PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ



CLIMATIZADO

Prova bem... nutre bem... faz bem!

O BAR DA ESQUINA

RUGGERO JACOBBI

O inverno milanês custa a morrer, as brumas continuam pela primavera a dentro, nas longas noites os bondes são luzes e sons fantásticos, especiais num mar de cinzas e sombras. Em março, em abril, o hálito quente dos homens ainda sai pelas bocas como fumaça.

A leiteria era triste. A pensão era sordida. O bar da esquina era apertado, frio, com o balcão enferrujado; pelas janelas viam-se os destroços dos edifícios de Brera. Na alta madrugada, homens barbados dormiam à sombra da única parede ainda inteira, ou procuravam entre as macerias pequenos tesouros: uma lata de sardinhas vazia, um velho sapato seco e duro como bacalhau.

Nesta paisagem esquálida movimentava-se, contudo, um mundo extremamente vivo e jovem. Pintores cubistas. Poetas herméticos. Cineastas que guardavam no bolso, religiosamente, um fotograma de Dreyer recortado às escondidas na Cineteca. E muita gente de teatro, muita gente de teatro. E eu também, é claro. E, a partir de certo dia, Adolfo também. Adolfo e outros rapazes que ele dirigiu em «Time of your life».

Sim, «numa noite de fim de inverno, a mais longa das nossas noites, já no umbra da primavera» — Maxwell Anderson, «Winterset», primeiro ato — estreou em Milão a peça de Saroyan, canção das misérias e gloriosas esperanças do homem. Canção de gente pobre, como nós eramos; de gente que vivia em bares e botequins, como nós vivíamos; à sombra de duas guerras, como nós estávamos e estávamos.

O pessoal da esquina de Brera gostou da peça mais do que qualquer crítico ou espectador do mundo. Tinha razão, os estranhos moradores da zona. Psicologicamente, a peça pertencia a eles. Era, para eles, algo diário, algo íntimo.



NOEMIA, depois de assistir alguns ensaios da peça de Saroyan e ler o artigo de Ruggero Jacobbi, imaginou como seria o Bar da Esquina, onde Adolfo Celi e Jacobbi tantas vezes se encontraram, quando o primeiro ensaiava a mesma peça em Milão.

Mas a peça, como qualquer outra peça importante, não era e não é para esta ou aquela minoria. Tem um sentido universal. Adolfo Celi trabalhava dia e noite, ensaiando, para extrair e revelar essa mensagem.

Nunca quis assistir a um ensaio da peça. Tinha medo de que as palavras de Saroyan se esfarelassem nas mãos inexperientes dos rapazes

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

Restaurante Spadoni

CESARE TOMEI
O PREFERIDO PELOS TURISTAS E PELA ELITE BANDEIRANTE
ABERTO DIA E NOITE
AVENIDA IPIRANGA N° 916 — TELEFONE: 4-1651 — SÃO PAULO

Cas

que faziam
por demais
faziam o
fesso. E

Encon-
méticos,
sepois
saiu. Nu-
va para
— ou
os dias
brumas
gritava
encontrar
la peça
fo, cada

Pass-
cesso,
quele
Adolfo
coisas
lá e
sente,
tra to

Ma-
guém
da es-
porci-
paro
com

*Uma tradição
de qualidade
em todo o País*

Casas PERNAMBUCANAS

um nome que é uma garantia



PROJETO

COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ

que faziam os papéis secundários e nas mãos por demais experientes dos grandes atores que faziam os papéis principais. Tinham medo, confessou. E Adolfo também devia ter.

Encontrava-o no bar dos cubistas e dos herméticos, onde ele vinha tomar seu cafezinho depois do almoço, antes de correr para o ensaio. Nunca perguntava nada sobre a peça. Olhava para ele e dizia: — Sei como você se sente, — ou outra bobagem dessas. Assim passaram os dias, brumas dos dias e brumas das noites brumas milanesas nos bares onde os cineastas gritavam os nomes de Griffith e de Pudovkine, encontros apressados, cafezinhos e sempre aquela peça côr de rosa debaixo do braço do Adolfo, cada dia mais suja e cheia de riscos.

Passaram os dias, veio a estréia, veio o sucesso, o mais belo sucesso do teatro italiano naquele ano. Depois da estréia fomos a uma boite. Adolfo sentou num canto, bebendo e pensando coisas incompreensíveis. Parecia triste. E eu fui lá e disse mais uma vez: — Sei como você se sente, — ou qualquer outra bobagem. A orquestra tocava «Aquarela do Brasil». (Juro!).

Mas ninguém, nem Adolfo nem os atores, ninguém lembrou-se de agradecer ao dono do bar da esquina, o bar dos cubistas, por ter-lhes proporcionado uma inspiração diária durante o preparo da peça. Puxa! se até o pequeno bilhar com música tinha, no diabo do bar!

Srs. MUSICOS

PROCUREM CONHECER NOSSO
MÉTODO PARA A REPRODU-
ÇÃO DE SUAS PARTITURAS.
COMPOSIÇÕES, ETC.

SERVIÇO BARATO,
P R Á T I C O ,
E N T R E G U E
N A H O R A .



Leopoldo Machado & Cia. Ltda.

RUA XAVIER DE TOLEDO, 242

TELEFONES: — 4-2950 E 6-1254

Teatro dos Doze

O Teatro dos Doze, que é, na opinião do crítico Augusto de Almeida Filho, «o mais harmonioso dos conjuntos profissionais que se apresentam, atualmente nos teatros cariocas», foi fundado por um grupo de jovens amadores que decidiram, uma vez por todas, ingressar no profissionalismo. Na sua maioria, pertenceram ao Teatro do Estudante.

O Teatro dos Doze estreou no dia 6 de janeiro de 1949, no Teatro Ginástico, com a «reprise» de *HAMLET*, numa nova montagem, com novo elenco, mas sempre com Sérgio Cardoso no principal papel, e ainda sob a direção de Hoffmann Harnish.

Arlequim, servidor de dois amos de Goldoni, foi o segundo espetáculo do excelente conjunto, já sob a direção de Ruggero Jacobbi, sem dúvida o maior êxito teatral do ano, tanto na opinião da crítica como na do público carioca. Nesse espetáculo, Sérgio Cardoso teve a oportunidade de mostrar sua versatilidade, passando com inesperada desenvoltura da tragédia para a farça.

Com *Tragédia em Nova York* de Maxwell Anderson, o conjunto atingiu um nível de maior harmonia, já sem o menor sinal de estrelismo como observou muito bem toda a crítica. Direção de Ruggero Jacobbi, que apresentou a peça de Anderson dentro do mesmo estilo de realismo poético que imprimiu à «Estrada do Tabaco». Cenários de Aldo Calvo.

Em 22 de maio último, o Teatro dos Doze apresentou *Simbita e o Dragão* de Lucia Benedetti, primeiro espetáculo de uma série dedicada ao público infantil. A crítica aclamou esta realização do conjunto dirigido pelo sr. Ruggero Jacobbi como a melhor diversão para crianças já apresentada no Rio de Janeiro.

No dia 15 de julho a companhia deixará o Teatro Ginástico, iniciando uma excursão pelos Estados. Antes disso, entretanto, levará à cena mais uma peça de autor brasileiro, que ainda não foi escolhida. É muito provável que inicie essa excursão por São Paulo, o que nos permitirá aplaudir os maiores êxitos teatrais da capital da República na temporada de 1949.

PROJETO

COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ

ESCRITÓRIOS:

RUA DR. FALCÃO FILHO, 50 - RJ

Edifício Conde Matarazzo

TELEFONE, 3-5116

CAIXA POSTAL, 3593

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: JANER



ARMAZENS:

AV. UM NO 29 (Parque da Mooca)

TELEFONE 9-4399

Estação Ipiranga (S. P. R.)

CHAVE "JANER"

CIA. T. JANER, COMÉRCIO E INDÚSTRIA

PAPÉIS — CELULOSE — MÁQUINAS E MATERIAIS
GRÁFICOS — MOTORES MARÍTIMOS — AÇOS.
MAÇARICOS — MATERIAL CIRÚRGICO, ETC.

MATRIZ: Rio de Janeiro

FILIAIS: Belo Horizonte — Curitiba — Porto Alegre — Recife

Agentes nas principais cidades do país

MODAS

T A I L L E U R S
M A N T E A U X
V E S T I D O S
B L U S A S

Creation Florence

Rua Barão de Itapetininga, 88 (Térreo) — Fone: 4-3405



NICK-BAR — 5º ato — À esquerda, o casal granfino (Marina Freire e Ruy Afonso Machado); à direita Bufalo Bill (Waldemar Wey) Joe (Gustavo Nonnenberg) e Tom (Mauricio Barroso); no segundo plano, Nick (Abílio Pereira de Almeida). Croquis de Hilde Weber.

DECORAÇÕES
MOVEIS
TAPETES

Casas Renato
A Sua Tapeçaria

CORTINAS
PEÇAM
ORÇAMENTO

Secções: ARTIGOS PARA PRESENTES LOUCAS CRISTais ARTIGOS DE CAMA



Schilling-Hiller
S.A. Industrial e Comercial

Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife, Bahia

**Produtos Farmacêuticos, Produtos Químicos,
Insecticidas, Perfumaria, Conservas**



PROJETO Primeira leitura de uma Peça

COMPANHIA DIRETÓRIA VERA CRUZ

A leitura da peça representa o começo do trabalho com os atores. Ela se verifica logo após à distribuição mais ou menos oficial dos papéis. Na realidade, essa distribuição, no que diz respeito aos principais atores, é feita anteriormente, e sempre de acordo com o autor. Na maioria das vezes, quando não se trata de um grupo fixo, os atores mais importantes são contratados depois de lhes serem submetidas a peça. Naturalmente, essa primeira distribuição nem sempre é definitiva. Depois das primeiras experiências, o diretor artístico pode julgar necessário substituir um ator ou até mesmo trocar papéis. De qualquer forma, para o bom an-

damento da interpretação, convém que tais substituições não sejam feitas depois de muitos ensaios.

Esta primeira leitura, em via de regra, é assistida pelos principais intérpretes, assim como também pelos colaboradores mais diretos, tais como decoradores, músicos, costureiros, etc. Hoje em dia é feita pelo diretor artístico. Alguns, entretanto, gostam de fazê-la. Embora certos autores leiam admiravelmente suas obras (Racine e Molière foram leitores insuperáveis de suas obras), isso não significa que o autor de uma comédia ou de um drama seja necessariamente o leitor ideal da obra.

Para fechar seus Pacotes use
PRODUTOS PAPEL GOMADO

PRÓPRIOS DO NOSSO CLIMA

VISGOL - LIDER - PROPAGOL

MARCAS REGISTRADAS

RUA LUIZ GAMA, 188 TELEFONE: 3-5338
SÃO PAULO

E' por ocasião desse ponto de partida dos trabalhos, decisivo para a preparação do espetáculo, que autor e diretor devem discutir seus pontos de vista assim de que desapareçam todos os possíveis mal-entendidos.

Em geral, a leitura é acompanhada de uma exposição geral das linhas mestras da obra que devem ser sublinhadas com clareza, tanto no que diz respeito à forma como no que diz respeito à ação.

A etapa seguinte será a leitura a diversas vozes e o trabalho de interpretação. Falaremos dela no programa do mês de julho.

William Saroyan

William Saroyan, filho de pais armênios, nasceu em Fresno, na Califórnia, no dia 31 de agosto de 1909. Começou a trabalhar como jornaleiro aos 7 anos de idade; aos 13 anos foi mensageiro do telegráfico de sua cidade natal e aos 19 e 20 anos gerente de filiais telegráficas nos Estados da Califórnia e Nova York.

Em 1934 publicou seu primeiro livro de contos: «The Daring Young Man on the Flying Trapeze» que lhe valeu o prêmio «O. Henry

Short Story Award». Em 1939 com «The Time of Your Life» (Nick-Bar) conquistou o «Prêmio Pulitzer» para o teatro. Em 1943 foi-lhe concedido a «Motion Picture Academy Award» (Human Comedy).

F E R R O E M G E R A L

Distribuidores dos Produtos da Cia.
Sid. Nacional (Volta Redonda) e Cia.
Sid. Belgo-Mineira

Ferro redondo, chato, quadrado, têe, cantoneira, etc. Chapas pretas, polidas e galvanizadas. - Tubos pretos, galvanizados e para caldeiras - Eixos de ferro trefilado - Vigas de ferro «U» e duplo têe. - Materiais para portas onduladas: chapas, corrediças, molas e fitas de aço.

STRANO S. A. - COMERCIAL E IMPORTADORA

RUA CAP. FAUSTINO LIMA, 292

FONES: 2-8731/2-9892

Endereço Telegráfico: «STRAFER»

S Ã O P A U L O



Aço, Ferro, Chapas,
Arames, Tubos, etc.

Costa, Lion & Cia. Ltda.

Distribuidores da Cia. Sid. Belgo-Mineira



Escritório e Depósito:

RUA GOMES CARDIM N° 60
SÃO PAULO

PROJETO

TELEFONES { 9-4504
9-4506

ARTISTAS E ATORES

DINAMATO DE MATERIA
VERA CRUZ

Charles Dullin, no seu livro «Souvenirs d'un acteur», diz que existem atores que ninguém ouve... Possuem — diz ele — bela voz, uma dicção impecável, são de bonita aparência, desempenham papéis destacados, chamam a atenção da platéia quando entram em cena. Entretanto, passados cinco minutos, toda a atenção do público está voltada para um companheiro desconhecido que desempenha um papel secundário, mas que possui esse dom maravilhoso que é a «presença». O primeiro é um manequim, o segundo um comediante».

A PRESENÇA

«Estar presente — prossegue — agradando ou não. Interessar, desde o momento que entra em cena, até mesmo quando o personagem deve passar desapercebido, encher um determinado espaço, tornar-se necessário. Poderão objetar, com razão aliás, que os maus atores entopem a cena e, na ânsia de fazer notar sua presença, provocam em todos o desejo de vê-los pelas costas. Tal acontece porque não estão realmente presentes... E isso porque não são verdadeiros artistas e não passam de figurantes desajeitados. Desagradam porque estão fora do personagem. Presença é uma qualidade discreta que emana da alma, que irradia e que se impõe. Muitos profissionais de teatro — atores e atóres mesmos — dão uma grande importância às qualidades exteriores: autoridade física, voz, etc., mas o público é muito mais sensível à ascendência de uma presença real. O artista, quando tem consciência de sua presença, ousa exteriorizar o que sente e sempre o fará na justa medida, já que não precisa fazer qualquer esforço. Na arte de um ator existe algo de misterioso que não depende unicamente do estudo, da preparação, da inteligência, da vontade, e tanto isso é verdade que um homem, além de possuir um físico privilegiado e uma bela voz, pode ser profundamente versado sobre todos os problemas da arte teatral e ser um ator detestável.

O verdadeiro artista interpreta situações, enquanto um simples ator limita-se a explicá-las. Os apaixonados que raciocinam, os heróis que declamam, as amantes convencionais existem em quantidade, mas os comediantes são raros.



SILEIRA DE CO

sentia o
RTE DRAMATIC
peça de
l SAROYAN
l, brinquedos, a
of your life)
máticos Teatrais de Nova
ustavo Nonnenberg

enco

entrada em cena)

MARIA L
KRUPP
McCARTHY
MÃE DE NICK
EX-BUFALO BILL
ELSA
UMA MULHER
OUTRA MULHER
ANA
DAMA DA SOCIEDAD
SEU MARIDO
UM POLÍCIA
OUTRO POLÍCIA
SAM

ADOLFO CELI
-ados por B. VACC



Ondina Motta
(Lorene Smith)



JOIAS E OBJETOS DE ARTE
BENTO LOEB
RUA QUINZE DE NOVEMBRO, 331

SILEIRA DE COMEDIA

presenta o
ARTE DRAMATICA

peça de

N SAROYAN

*Al, brinquedos, ambições
e of your life)*

Criticos Teatrais de Nova York

Gustavo Nonnenberg

enco

e entrada em cena)

MARIA L.	Madalena Nicol
KRUPP	Moisés Leiner
McCARTHY	Tito Fleury Martins
MÃE DE NICK	Maria Augusta Costa Leite
EX-BUFALO BILL	Waldemar Wey
ELSA	Celia Bian
UMA MULHER	Rejane Milliet
OUTRA MULHER	Hollanda Maria
ANA	N. N.
DAMA DA SOCIEDADE	Marina Freire Franco
SEU MARIDO	Ruy Alonso Machado
UM POLICIA	N. N.
OUTRO POLICIA	N. N.
SAM	N. N.

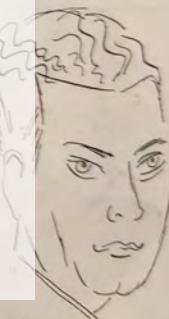
PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRAFICA VERA CRUZ

ADOLFO CELI

estados por B. VACCARINI e CARLOS



Tito Fleury
(McCarty)



Moisés Leiner
(Krupp)



Ondina Motta
(Lorene Smith)



Rejane Milliet
(1ª mulher)



Haroldo Gregory
(O marinheiro)



Carlos Junqueira
(O bebado)



O Elenco de Nick-Bar

Se é verdade que no elenco da peça que Adolfo Celi apresenta ao público paulista, o leitor encontrará um grande número de nomes de artistas profissionais ou amadores que todos conhecem, quer nos grandes papéis, quer nos papéis menores, tais como Cacilda Becker, Madalena Nicol, Marina Freire Franco, Celia Biar, Abílio Pereira de Almeida, Mauricio Barroso, Tito Fleury Martins, Haroldo Gregory, Carlos Vergueiro, Ruy Afonso Machado, Waldemar Wey, existem muitos outros que pela primeira vez se apresentam em público, alguns dos quais com papéis de grande responsabilidade, tais como os de Joe, Blick e Harry.

GUSTAVO NONNENBERG, faz sua estréia no teatro no papel de Joe. É o tradutor da

COMPANHIA

**CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

*Chapéus
finos*

RAMENZONI



**GU
O**
REFRIGERA
PRODU

APP 四 4.00030 P60

TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA

Rua Major Diego N.º 311 - 315
SÃO PAULO

B_Q_R_D_E_R_A_U_X

Espectáculo de Gala realizado em 11 de outubro de 1948, de inauguração do Teatro Brasileiro de Comédia, com "A mulher do Próximo", de Bilio Pereira de Almeida, pelo "Grupo de Teatro Experimental".

LOTAÇÃO DO TEÁTRO - 581 POLTRONAS

<u>LIVRES</u>	<u>DEVOLVIDAS</u>	<u>VENDIDAS</u>	<u>PREÇO</u>	<u>TOTAL</u>
561	126	235	Cr\$ 250,00	Cr\$ 58.750,00

PROJETO

COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ





madame henriette morineau em "la voix humaine" de jean cocteau - tbc 11-10-48

algumas
datas
históricas
do
tbc



C
Socie
lidad
sump

com

tacan

Aime

Dec

CINEMATOGRAFICA

PROJETO COMPANHIA

VERA CRUZ

Em
trega a
Estação
perintele
Segall,
pelo Dr
tutto pr
Dec
a gestão
novo co

O ano de 1946 vê a fundação da Sociedade Brasileira de Comédia. Sociedade civil sem fins lucrativos composta de sócios fundadores liderados por Francisco Matarazzo Sobrinho, Paulo Alvaro de Assumpção e Franco Zampari.

O primeiro passo da recém formada S.B.C. é entrar em contato com os vários grupos amadores existentes a frente dos quais destacam-se: Alfredo Mesquita, Abílio Pereira de Almeida, Décio de Almeida Prado.

PRESIDENTE DE HONRA: Francisco Matarazzo Sobrinho

Presidente	—	Paulo Alvaro de Assumpção
Vice-Presidente	—	Adolpho Rheingantz
1.º Secretário	—	Abílio Pereira de Almeida
2.º Secretário	—	Carlos Vergueiro
1.º Tesoureiro	—	Franco Zampari
2.º Tesoureiro	—	Paulo Coelho

CONSELHO CONSULTATIVO:

Alfredo Mesquita — Vicente Ancona — Ruy Affonso Machado
Décio de Almeida Prado — Clevis Graciano — Aldo Calvo
Madalena Nicol — Nicanor Miranda — Enzo Cajone

O espetáculo de estréia é composto de "La voix humaine" de J. Cocteau, interpretado em francês por Henriette Morineau, e "A Mulher do próximo" de Abílio Pereira de Almeida.

A peça de Abílio entra em temporada normal conseguindo 20 espetáculos consecutivos, registrando 4.098 espectadores pagos e 156 gratis. O preço da poltrona é de Cr\$ 33,00.

— 8 de Junho de 1949 estreia de NICK-BAR (The time of your life) de William Saroyan, dirigido por Adolfo Celi, o primeiro passo em direção ao profissionalismo que se concretiza em princípios de 1950 com a formação de um elenco permanente.

— 1951, primeira apresentação do T.B.C. no Rio de Janeiro no Teatro Municipal com "A Dama das camélias" de Alexandre Dumas Filho, na direção de Luciano Salice.

— 3 de Setembro de 1954. O T.B.C. forma um segundo elenco e inicia temporada no Teatro Ginástico do Rio de Janeiro. Temporada esta que se prolongará até 1960. A peça inicial é "Assim é... se lhe parece" de Pirandello.

No dia 28 de Fevereiro de 1960 o elenco de São Paulo embarca para Porto-Alegre onde permanecerá até 16 de Maio, apresentando ali: Leonor de Mendonça, Panorama visto da Ponte, e o Anjo de Pedra.

Em 15 de Março de 1961 a Sociedade Brasileira de Comédia entrega a gestão do Teatro para um prazo de dois anos à Comissão Estadual de Teatro que nomeia o Dr. Roberto Frere Diretor Superintendente. Depois da demissão deste, é nomeado o Dr. Mauricio Segall, o qual é substituído posteriormente por Moyses Leiner e depois pelo Dr. Décio de Almeida Prado, o qual, por sua vez, foi substituído por Flávio Rangel.

Decorrido quase que integralmente este mandato devolve a C.E.T. a gestão do Teatro à Sociedade que desde então é administrada por novo conselho diretor.

dr. franco zampari - presidente perpetuo e benfeitor



PROGRAMA

O TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA apresenta

"HENRIETTE MORINEAU" em

"LA VOIX HUMAINE"

de JEAN COCTEAU

E O

"GRUPO DE TEATRO EXPERIMENTAL" em

"A MULHER DO PRÓXIMO"

de ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA

Encenação e direção geral de Abilio Pereira de Almeida

Cenários de Aldo Calvo

Execução dos cenários por Vaccarini

Móveis e ambientes por "If Decorações Ltda."

PERSONAGENS

(Por ordem de entrada em cena)

Alfredo	Abilio Pereira de Almeida
Carlos	Paulo Cajado
Jorge :	Carlos Vergueiro
"Seu" Filinto	Raphael Ribeiro da Luz
Garçom	Ildo Passaro
Fernando	Sergio Junqueira
Carmen	Cacilda Becker F. Martins
Luiza	Marina Freire Franco
Creador	N. N.
Odilon	N. N.
Manoel	Delmira Gonçalves

Os vestidos de Cacilda

PROJETO COMPANHIA

CINEMATOGRÁFICA

VERA CRUZ

Ponto, Mello Pereira de Queiroz
Becker F. Martins e de Marina Freire Franco são criações de Beatriz Gonçalves Bla.

O T.B.C. apresentou até hoje (dia 11 de Outubro de 1963) 140 peças sendo:

29	brasileiras
32	francesas
17	americanas
35	inglesas
2	alemãs
4	russas
1	sueca
2	espanholas
13	italianas
1	austriaca
1	holandeza
1	grega
1	polonesa
1	hungara

Algumas dessas peças foram representadas no original, em francês, inglês, italiano por exemplo.

Além dessas peças o T.B.C. também apresentou 12 espetáculos extraordinários assim como recitais poéticos, de canto e de música, pantomima, etc... destacando-se a participação de Inezita Barroso, Zilda Hamburger, Marcel Marceau, les frères Jacques, Vittorio Gassman, Diana Torrieri, Franca Valeri, Os Jograis, etc...

Esses espetáculos perfazem um total de:

8.698 REPRESENTAÇÕES

Repartidas da seguinte maneira:

São Paulo	...	6.288
Rio	...	2.363
Interior	...	741

VERA CRUZ

Os autores nacionais representados foram:

Dias Gomes — G. Guarnieri — Jorge Andrade — João Bethencourt — Abilio Pereira de Almeida — Guilherme Figueiredo — Milor Fernandes — Alfredo Mesquista — Edgar Rocha Miranda — Lorival Gomes Machado — Cló Prado — Antonio Callado — Gonçalves Dias — Silveira Sampaio.

Os principais estrangeiros representados foram:

Jacques Audiberti — Strindberg — Peter Ustinov — M. Achard — Patroni-Griffi — S. Delaney — Gogol — A. Miller — Garcia-Lorca — Diego Fabbri — Anouilh — T. Williams — Ugo Betti — Bennavente — A. Jarry — Pirandello — Sartre — G. B. Shaw — Salacrou — Dickens — Gorki — Alfieri — Brecht — A. Dumas — Sofocles — Tchecov — O. Wilde — F. Kafka

* Não estão incluídos os números de representações, nem de espectadores em Campinas ou Santos, por não termos encontrado nenhum "Bordereau" correspondente.

dias gomes



jorge andrade



guilherme figueiredo



g. guarnieri





Cecília Becker G. Martins



Paulo Caffado



Sérgio Bráuers Júnior



Marina Graira Gracis

Distribuição da Peça "A mulher do Próximo"
de Abílio P. de Almeida

Princípio exibido no T.B.C (11 de outubro de 1972)



Carlos Vergueiro



Ruybel A. de Luz



Nilo Passos



Abílio Pereira de Almeida

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

Até a data da realização deste programa (6 de Outubro de 1963) as 8.695 representações do T.B.C. tiveram 1.855.510 espectadores. Distribuidos da seguinte maneira:

São Paulo ..	1.167.982
Rio	538.885
Interior	37.760



As peças mais assistidas em São Paulo foram:

PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRAFICA VERA CRUZ

Peca	Autor	Diretor	Espec-tadores
1.º Os Ossos do barão	Jorge Andrade	M. Vaneau	69.291 (6 10)
2.º Casa de chá	John Patrick	M. Vaneau	61.677
3.º Rua São Luiz	A.P. de Almeida	A. D'Aversa	52.361
4.º Santa Martha Fabril	A.P. de Almeida	Adolfo Celi	42.918
5.º P. visto da Ponte	A. Miller	A. D'Aversa	39.778
6.º Divorcio para 3	V. Sardou	Ziembinski	39.296
7.º A Escada	Jorge Andrade	Flavio Rangel	35.640
8.º Os filhos de Eduardo	M.G. Sauvageon	Ziembinski	33.052
9.º Ansehico & Alfazema	Kessebring	Adolfo Celi	31.584
10.º Uma certa cabana	A. Roussin	Adolfo Celi	27.612



Os totais gerais incluindo São Paulo, Rio e o Interior apresentam os seguintes resultados:

1.º Casa de chá	John Patrick	M. Vaneau	142.841
2.º Santa Marta Fabril	A.P. de Almeida	Adolfo Celi	114.421
3.º P. visto da Ponte	A. Miller	A. D'Aversa	104.500
4.º Rua São Luiz	A.P. de Almeida	A. D'Aversa	70.279
5.º Os Ossos do barão	J. Andrade	M. Vaneau	69.291 (6 10)
6.º O Anjo de Pedra	T. Williams	Salce Q. Corsi	56.889
7.º Divorcio para três	V. Sardou	Ziembinski	52.247
8.º Pega Fogo	J. Renard	Ziembinski	48.799
9.º Os filhos de Eduardo	M.G. Sauvageon	Ziembinski	47.481
10.º Uma certa cabana	A. Roussin	Adolfo Celi	46.138



* a pagina de ouro *

premio governador do estado de são paulo

1951 Ziembinski (diretor)	Paiol Velho
1951 Abilio P. de Almeida (autor)	Paiol Velho
1953 T.B.C. (espetáculo)	Assim é... se lhe parece
1953 Mauro Francini (cenógrafo)	Assim na terra como no céu
1953 Cleyde Yaconis (atriz)	Assim é... se lhe parece
1953 Waldemar Wey (ator)	Assim é... se lhe parece
1956 T.B.C. (espetáculo)	A Casa de chá do luar de agosto
1956 Maurice Vaneau (diretor)	A Casa de chá do luar de agosto
1956 Mauro Francini (cenógrafo)	A Rainha e os rebeldes
1956 Kalma Murtinho (figurinista)	Nossa vida com papai
1957 Dina Lisboa (co-adjuvante)	A Rainha e os rebeldes
1957 Arquimedes Ribeiro	melhor cenotecnico
1958 Fernanda Montenegro (atriz)	Vestir os nus
1958 Leonardo Vilar (ator)	Panorama visto da ponte
1958 Darcy Penteado (cenógrafo)	Pdreira das Almas
1959 Odilon Nogueira	execução do guarda roupa
1960 T.B.C. (espetáculo)	O Pagador de promessas
1960 Dias Gomes (autor)	O Pagador de promessas
1960 Flavio Rangel (diretor)	O Pagador de promessas
1960 Leonardo Vilar (ator)	O Pagador de promessas
1961 T.B.C. (espetáculo)	A Escada
1961 Flavio Rangel (diretor)	A Escada
1961 Cleyde Yaconis (atriz)	Conjunto de trabalhos
1961 Luiz Linhares (ator)	A Escada
1961 José G. Pupe (cenotecnico)	A Escada e a Semente

SACI (O Estado d São Paulo)

1952 T.B.C. (espetáculo)	Antigone
1952 Cacilda Becker (atriz)	Antigone
1952 Paulo Autran (ator)	Antigone
1952 Adolfo Celi (diretor)	Antigone
1952 Guilherme de Almeida (trad.)	Antigone
1953 Mauro Francini (cenógrafo)	Assim na terra como no céu
1953 Ziembinski (diretor)	Divorcio para três
1953 T.B.C. (espetáculo)	Assim é... se lhe parece
1954 Edgard da R. Miranda (autor)	Ele e noroeste soprou
1954 Jardel Filho (ator)	Assassinato a domicilio
1955 T.B.C. (espetáculo)	Volpone
1955 Cleyde Yaconis (atriz)	Santa Martha Fabril S.A.
1955 Walmore Chagas (autor)	Volpone
1956 T.B.C. (espetáculo)	A Casa de chá do luar de agosto
1956 Maurice Vaneau (diretor)	A casa de chá do luar de agosto
1956 Gianni Ratto (cenógrafo)	Eurydice
1956 Gianni Ratto (diretor)	Eurydice
1956 Sady Cabral (co-adjuvante)	Nossa vida com papai
1956 Kalma Murtinho (figurinista)	Oníris

leonardo vilar



flávio rangel



PRIMETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA

VERA CRUZ



dina lisboa



mauro francini



osvaldo becker



PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRAFICA

VERA CRUZ

- 1954 Jardel Filho (ator)
 1955 T.B.C. (espetáculo)
 1955 Cleyde Yaconis (atriz)
 1955 Walmor Chagas (ator)
 1956 Maurice Vaneau (diretor)
 1956 Gianni Ratto (cenógrafo)
 1956 Gianni Ratto (diretor)
 1956 Sady Cabral (co-adjuvante)
 1956 Kalma Murtinho (figurinista)
 1957 Arquimedes Ribeiro
 1957 Dina Lisboa (co-adjuvante)
 1958 Franco Zampari
 1958 Fernanda Montenegro (atriz)
 1958 Leonardo Vilar (ator)
 1958 Darcy Penteado (cenógrafo)
 1958 Odilon Nogueira (figurinista)
 1959 Tereza Raquel (atriz)
 1960 T.B.C. (espetáculo)
 1960 Flavio Rangel (diretor)
 1960 Leonardo Vilar (ator)
 1961 T.B.C. (espetáculo)
 1961 Flavio Rangel (diretor)
 1961 G. Guarinirli (autor)
 1961 Cleyde Yaconis (atriz)
 1962 T.B.C. (espetáculo)
 1962 J. de Oliveira (co-adjuvante)

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRITICOS TEATRAIS

(Medalha de Ouro)

- 1956 T.B.C. (espetáculo)
 1956 Maurice Vaneau (diretor)
 1956 Maria Helena (atriz)
 1956 Kalma Murtinho (figurinista)
 1956 Mauro Francini (cenógrafo)
 1957 Ervádi Eccio (revel-ator)
 1957 Italo Rossi (ator)
 1957 Clara Heteny (figurinista)
 1958 Franco Zampari
 1958 Fernanda Montenegro (atriz)
 1958 Leonardo Vilar (ator)
 1958 Jorge Andrade (autor)
 1958 Miriam Mehier (revel-atriz)
 1958 E. Waddington (revel-ator)
 1958 Darcy Penteado (cenógrafo)
 1959 A. Bittencourt (revel-atriz) conjunto trabalho
 1960 T.B.C. (espetáculo)
 1960 Dias Gomes (autor)
 1960 Flavio Rangel (diretor)
 1960 Nathalia Timberg (atriz)
 1960 Leonardo Vilar (ator)
 1961 T.B.C. (espetáculo)
 1961 Jorge Andrade (autor)
 1961 Flavio Rangel (diretor)
 1961 Cleyde Yaconis (atriz)
 1961 Luiz Linhares (ator)
 1962 Dias Gomes (autor)
 1962 Raul Crizez (co-adjuvante)

1962 Nuno Bonomi (figurinista)
 1962 Cecília Medeiros (adjudicadora)

- Assassinato a domicílio
 Volpone
 Santa Martha Fabril S.A.
 Volpone
 A Casa de chá do luar de agosto
 A Casa de chá do luar de agosto
 Eurydice
 Eurydice
 Nossa Vida com papai
 melhor cenotécnico
 A rainha e os rebeldes
 10 anos de realizações no T.B.C.
 Vestir os nus
 Panorama visto da Ponte
 Pedreira das Almas
 execução do guarda rouba
 Quando se morre de amor
 O Pagador de promessas
 O Pagador de promessas
 O Pagador de promessas
 A Semente
 A Semente a A Escada
 A Semente
 A Semente
 Verma
 A Morte do caixearo viajante

cleyde yaconis



luiz linhares



fernanda montenegro



o tbc agradece

Alfredo Mesquita;
Aurimara Rocha; Antonio
Decio de Almeida Praça;
Fernando Torres; Gian-
Nicol; Maurice Vaneau
Z. Ziembinski.

Aldo Calvo; Bas-
teado; Franco Zampari;
Claire Veneau; Mauro F.
Westwater; Ruy Affonso

Aldo Calvo; Ben
Weber; Kajma Murtinhão;
Marie-Claire Veneau; M
emínia Cavalcanti; Odil
glioti; Tullio Costa;

A. Bento da C.
Damiano Gozzella; iD
ys; Maria José de Carv
Zilda Hamburger; Anto

Aracy Balabani
tins; Amelia Bittencourt;
Adauto Lopes; Aline
Balechi; A. C. Carvalho;
Alceu Nunes; Alec Weis;
Pereira de Almeida;
Armando Paschoal; A.
Benedito Corsini;
Tista de Oliveira; Ben
Cláudio Ribeiro;
Toforo; Claudio Cava-
Ca o Caiuby; Cláudio
Cazaré; Carmen Silva;
Neill; Cleide Yaconis;
Zama.

Dorothy Leine
Darcel; Dionisio de
mingo; Diehl; Domingo
Eliá Marelli;
Coelho; Eduardo Bas-
Fernandes; Edmundo
Euclides Sandoval;
Gonçalves; Elias Gle-
Francisco Negri;
Martins; Flavio Corrêa;
Fernando; Francisco
Cardoso; Fredi Kleen;
Glauter Lage;
tavo Pinheiro; Guilherme
Marise; Gilberto Spina;
Helio Colona;
Ogala; Helena Barradas;
Jardim da Silveira;
Holanda Mari-
de Albuquerque; Iva-
Jacyra Sampaio;
Ovale; Jean Thuret;
culano; João Henrique;
Tibiriça; Juca de Cima;
Vitiello; José Renato;
José Vaz Pereira; Ju-
Leonardo Vieira;
Duval; Ligia Correia;
Luiz Tito; Lelia Cabral;
Luciano Pessoa; Lu-
Labiby Mady; Ira-
checo; Maria Pompeia;
ro; Mario; Sergio;
margo; Mario Gonçalves;
Carmen; Miguel Can-
Mauricio Nabuco; Mu-
Mehler; Milton Bocaiúva;

**BRASILEIRA DE
JUNTO E
MEIA**

Antonio Prado — Diretor; Armando
Andrea Pradolito — Primeiro S.
Ilda Silva Prado — Segundo S.
Marciondes Zeca — Mestre-Sala
Prado — Coordenador
Aires — Coordenador de Dança
Eduardo Ramalho — Coordenador de Música
Francisco de Moraes — Coordenador de Teatro
Giovanni Vieillas — Glami
de Moraes Barros — Silviano
Silva Nelo — Jorge da Cunha Bueno Neto
da Cunha Bueno — Maria
Cardoso — Maria
de Moraes — Assumpção
Alvaro de Bernardes — Sophie
W. Bernardees — Matarazzo
da Penteado — Matarazzo

SÓCIOS FUNDADORES

ADMINISTRADORES

Ary Prado Marcondes	— Gerente Geral;	Alfredo Mescanita	— Diretor; Armando Paschoal
Assistente Geral; Cld Leite da Silva	— Gerente; Carlos Vergueiro — Primeiro Secretário; Décio	Assistente Geral; Cld Leite da Silva	— Gerente; Carlos Vergueiro — Primeiro Secretário; Décio
de Almeida Prado — Diretor Superintendente	— Diretor-Superintendente; Flávio	de Almeida Prado — Diretor Superintendente	— Diretor-Superintendente; Flávio
Rangel — Diretor; Guilherme V. tale	— Diretor Administrativo; Maurício Segall — Diretor Superintendente	Rangel — Diretor; Guilherme V. tale	— Diretor Administrativo; Maurício Segall — Diretor Superintendente
rintendente; Maurice Vaneau — Diretor Geral;	Maurício Segall — Diretor Superintendente; Moysés Leiner	rintendente; Maurice Vaneau — Diretor Geral;	Maurício Segall — Diretor Superintendente; Moysés Leiner
Ner Loewenberg — Relações Públicas,		Ner Loewenberg — Relações Públicas,	

DIRETORES ARTISTICOS E ENSAIADORES

Alfredo Mesquita; Alberto A'aversa; Adolfo Celi; Antunes Filho; Abilio Pereira de Almeida; Aurimar Rocha; Antonio de Cabo; Armando Paschoal; Benedito Corsi Cacilda Becker; Carlos Frias; Decio de Almeida Prado; Esther Leão; Eugenio Kusnet; Flaminio Bollini Cerri; Flavio Rangel; Fernando Torres; Gianni Ratto; Geraldo Quelroz; Henriette Morneau; Luciano Salce; Madalena Nicol; Maurice Vaneau; R. H. Eagling; Ruggero Jacobbi; R. Rognogni; S. Silveira Sampaio; Z. Ziembinski.

CENÓGRAFOS

Aldo Calvo; Bassano Vacarini; Bela aes Leme; Clovis Graciano; Cyro Del Nero; Darcy Penteado; Franco Zampari; Gianni Ratto Hilde Weber; João Maria dos Santos; Josef Gueireiro; Maria Claire Veneau; Mauro Francini; Maurice Veneau; Napoleão Muniz Freire; Noemí Cavalcanti; Norman Westwater; Ruy Affonso; Sergio Cardoso; Sofia Lebre de Assumpção; Túlio Costa.

FIGURINISTAS

Aldo Calvo; Beatriz B. Biar; Bassano Vá carini; Clara Heteny Carlos Thiré; Celeste Castillo Weber; Kalma Murtinho; Luciana Petrucci; Majó Rheingantz; Malgari Costa Maria Cecília Gurgel; Marie-Claire Veneau; Maurice Veneau; Michel We ber; Napoleão Muniz Freire; Noemí Mourão; No emí Cavalcanti; Odilon Nogueiro; Odete Maluf; Ruy Affonso; Rubens Petrilli de Aragão; Rina Fotioli; Túlio Costa;

MUSICA — BALLET — CORO

A. Bento da Cunha; Carlos Lira; Claudio Petraglia; Cautia de Paula; Caetano Zamma; Damiano Gozzella; iDogo Pacheco; Ernst Viebig; Francisco de Assis; Kitty Bodenheim; Lucila Grey; Maria José de Carvalho; Nicanor iMiranda; Oleg Kusnetzow; Paulo Martins; Paquito; Simonetti; Zilda Hamburger; Antonio Garces; Harie Olenewa;

ATORES — PONTAS — FIGURANTES

Aracy Balabanian; Armando Carlos Magno; Alba de Araujo; Aurimar Rocha; Altamiro Martins; Amelia Bittencourt; Angela Diniz; Arassary de Oliveira; Antônio Ganzarolli; Alice Moura; Adauto Lopes; Alzira Cunha; Agrílio Consone; Aimée; Alberto Maduar; Antonio L. Dantas; Ana Balechi; A. C. Carvalho; Aramys de Oliveira; Armando Couto; Altrair de Lima; Aldo de Maio; Alceu Nunes; Alec Wellington; Ana Maria Diehl; Affonso Celso A. Colichio; Aurea Campos; Abílio Pereira de Almeida; Arquimedes Ribeiro; Angelo M. Almeida; Aníbal Guimarães; Alberto Nuzzo; Armando Paschoal; Atílio Del Frou; Aramis de Oliveira.

Benedito Corsi; Borges de Barros; Bernardo Rochwager; Berta Zemel; Beyla Genaner; Batasta de Oliveira; Bentinho.

Cláudio Ribeiro; Cláudio Modry; Celia Biar; Cláudio Oliani; Cecília Valente; Csatoki Cristoforo; Cláudio Cavalcanti; Clóvis Garcia; Carlos Kroeker; Ciro Cury; Carlos Junqueira Franco; Caio Caiuby; Cláudio Deserti; Cecília Carneiro; Cecília Machado; Carlos Vergueiro; Celeste Lima; Cazaré; Carmen Silva; Cristina Martins; Cuberos Neto; Cacilda Becker; Carminha Brandão; Carla Nelli; Cleide Yaconis; Carlos Augusto; Conrado João; Clarice Pacheco; Cândida Teixeira; Caetano Zama.

Dorothy Leiner; Dulce Margarida; Darcis Pereira; Delmiro Gonçalves; Dante Augusto; Dany Darcel; Dionísio de Azevedo; Diná Mezzomo; Daisy Sant'Ana; Dione de Carli; Dina Lisboa; Domingo; Diehl; Domingos Hernandes.

Elida Marelli; Elisa de Albuquerque; Eduardo Pinheiro; Edmundo Lopes; Edson Ernesto Coelho; Eduardo Bassi; Eva Liebolch; Esther Guimarães; Ericka Falke; Emílio Fontana; Erico Fernandes; Edmundo Mogador; Esther Vera; Eugenio Kusnetzoff; Egydio Eccio; Emane Corinaldi; Euclides Sandoval; Elizabeth Henke; Eduardo Waddington; Eny Autran; Elza Maria; Ezio F. Gonçalves; Elias Gleizer.

Francisco Negrão; Fregolente; Francisco Cuoco; Fernando Mariz; Francisco Ferro; Francisco Martins; Flávio Cordel; Flávio Migliaccio; Felipe Wagner; Francisco Guimarães; Francisco Arisa Fernando; Francisco Fabrizzio; Francisco Golanda; Fernando Torres; Fernanda Montenegro; Fabio Cardoso; Fredi Kleemann; Franck Hollander; Fábio Sabag.

Glauber Lage; Gina Rinaldi; Gini Brentani; Geraldo Pacheco Jordan; Glauco de Civitis; Gustavo Marise; Gilberto Spina; Gladys Areia; Geraldo Mateus; Geraldo dos Santos.

Helio Colona; Haroldo de Oliveira; Humberto José; Helenita Queiroz Matoso; Henrique Ogala; Helena Barreto Leite; Homero Capozzi; Hedy Toledo; Henrique; Haroldo Gregori; Helio Jardim da Silveira.

Holanda Maria; Italo Rossi; Iná de Souza; Ilêma de Castro; Illo Passaro; Ilêana Saska; Iolita de Albuquerque; Ivan de Souza; Isaias Raw.

Jacyra Sampaio; Jorge Chá; Josef Gueirreiro; João Bosco; J. França; Jorge Dinio; Jorge Ovalle; Jean Thuret; José de Blase; José Experito de Castro; Jacob Leiner; José Scatena; José Herkulano; João Henrique; José Queiroz Matoso; Julio Gouveia; Jaime Barcelos; José Karat; José Tibiriça; Juca de Oliveira; José Egydio; Julio Prates; J. Henrique de Carli; Jussara Menezes; José Vitiello; José Renato; Jardine Filho; José da Silva; Joaquim Mello; João Virgílio; José Gazzanes; José Vaz Pereira; Jackson de Souza.

Leonardo Vilar; Luiz Calderaro; Luiz L'haires; Luiz Alberto; Leny Vieira; Lélia Jorge; Liana Duval; Ligia Correa; Lia Malone; Laura Soares; Linda Faria; Luciano Centofant; Lea Camargo Luiz Tito; Lélia Abramo; Laercio Laurelli; Ludy Veloso; Lea Barnett; Luiz Braz; Laerte Morone; Luciano Pessoa; Luiz Eugenio Barcellos; Luiz Vergeiro; Leopoldo F. Inglês; Leda de Oliveira; Labiby Mady; Liza Surian; Luiz D'Avila; Luiz Carrelo; Luiza Sampaio; Leonij Tymoszchenko.

Maria Pompeu; Mauro Mendonça; Maria Helena D'as; Monha Delacy; Miriam; Mylene Parro; Mario; Sergio; Marisa Prado; Marçilo Ribeiro Margot Police; Margarida Rey; Maria Celia Carrasco; Miguel Carrasco; Miriam Muniz; Moacyr Marchesi; Marcelo Bittencourt; Mauricio Barroso; Muaricio Nabuco; Magdalena Nicol; Marisa Marcos Mario Nuzzo; Maria Nuzzo; Maria Dilná; Miriam Mehler; Milton Bocarelli.

Nicete Bruno; Newton Prado; Nelu Rodrigues; Neli Patricia; Nelson E. Coelho; Nydia Licia; Natralia Timberg; Nilda Maria; N.P. Luz; Noel Silva; Napoleão Assis; Norma Grecco; Nely Rodrigues; Nicolas Bliochas; Niki Bliochas; Nelson Duarte.

Oscar Felipe; Osmano Cardoso; Orlando Duarte; Odete Lara; Oswaldo le Abreu; Oswaldo Loureiro Filho; Orlando Ardinghi; Odavlas Petti; Otello Zioni; Oliveira da Silva Fereira.

Paulo Autran; Pedro Cassador; Paulo Padilha; Paulo Cajado; Paulo Porto; Paulo Pinheiro; Pedro Petersen; Plínio Camargo.

Ruy Cerqueira; Rosamaria Murtinha; Riva Nimitz; Rubens O. Silva; Raymundo Duprat; Rosamaria Munari; Ruthinea de Moraes; Raquel Moacyr; Raquel Forner; Roberto Caielli; Rubens Costa Falco; Ruy Affonso; Renato Consorte; Ruth de Souza; Roberto Ferro; Rita de Cassai; Rita Cloés (Shadrack); Rafael R. da Luz; Reynaldo Jardim Ruy Crescenti; Raul Martins; Ruy Nogueira; Renato Doba; Rodolfo; Rubens Teixeira; René Brown; Raul Cortez; Reynaldo Lopes; Ricardo Campos; Rachel; Rosires Rodrigues; Rubens O. Silva; Roberto de Cleto; Ruth Dantas; Roberto Segreti.

Sylvio Zilber; Silvio Rocha; Stenio Garcia; Silvio Donato; Sydnea Rossi; Sergio Dantas; Sadi Cabral; Suzy Arruda; Suzana Negri; Sergio Brotero Junqueira; Silvia Lucia Alayon; Sergio Albertini; Sergio Hingst; Silveira Sampao; Salma Yanni; Sandoval Motta; Sebastião Campos; Sergio Cardoso; Silnei Siqueira; Suzana Barreto; Sonia Miragaia; Sebastião Silva; Silvia Ortoff; Sergio Britto; Sebastião Ribeiro; Suzana Petersen; Samuel dos Santos.

Telcy Perez; Ton a Careiro; Tereza Raquel; Thalma de Oliveira; Tito Fleury; Teotonio P. Silva; Thais ortinho; Tereza Austrogesilo.

Vicente Zirpolo; Vera Augusto; Victor Ja mil; Vera Lucia; Victor Merinow; Vivien Miragaia; Vinícius Salvadori; Vigrilio Carlos; Vera Valdez; Vera Barbosa Ferraz; Vicente Livrari; Vera Lucia Alcazar.

Waldemar wey; wesmeta; William Ricarli; Wilma Duarte; Wanda de Andrade Hamel; Walmor Chagas; Wanda Primo; walter Ribeiro.

Xandó Batista.

Yvonne Vieira; Yola Maia.

Zelui Pinho; Zeni Pereira; Zilah Maria; Zembinski; Zoraide Greco.

ASSISTENTES DE DIREÇÃO

Antunes Filho; Arnanião Paschoal; Benedito Corsi; Carlos Vergueiro; Evaristo Ribeiro; Egydio Ecco; Fernando Torres; Luiz Linhares; Laercio Laurelli; Rubens Petrilli de Aragão; Sergio Cardoso; Stenio Garcia.

DIRETORES DE CENA E CONTRA-REGRA

A. Moisés; Alberto Nuzzo; Camila Bonilho; Eduardo Santiago; oJel Jardim; J. Gomes Pupo; Maury Lopes; Maria I. P. de Queiroz; Nelson Vaz de Oliveira; Pedro Petersen; Sebastião Ribeiro; Sandoval Motta; Tristan Roberti.

PONTO

Helio P. de Queiroz.

ELETRICISTAS

Aníbal Guimarães; Aparecido André; Adelar Elias; Armando Visconde; Conrado Fortuna; Duilio di Pinto; Nadir Gemelli; Nelson Duarte.

EXECUÇÃO DO CENÁRIO E MAQUINISTAS

Attilio Del Fiore; Arquimedes Ribeiro; Carlos Giacchieri; José Gomes Pupo; José Gomes; Jarbas Lotto; José Silva; José Tavares; Walter Ribeiro.

Bassano Vaccarini; Leo Rossetti.

CARPINTEIROS E MARCENEIROS

Carminie Pessaro; Helio Ferraz da Silva; Walcimar Campanha.

MAQUILAGEM E CABELEIRAS

Erich Reszpecki; José Jansen; Leonti Fumio Szekely; Raulo Nunes; Vicente; Merinow.

FOTOGRAFOS

Fredi Kleemann; Hejo; Inje de Beaussac; J. Albuquerque; Julio Agostinelli; Klaus Werner Oswald.

EXECUÇÃO DO GUARDA-ROUPA

A. S. Oliveira; Leonardo Vilar; Maria Penteado; Nieta Junqueira; Odete Maluf; Odilon Nogueira; Pierina Pozzi; Rosa Giordano; Rina Fog iotti; Soares; Zoraide Grego.

GUARDA-ROUPEIRA

Cleyde Yaconis; Rina Fogliotti; Zoraide Grapo.

CHAPEUS

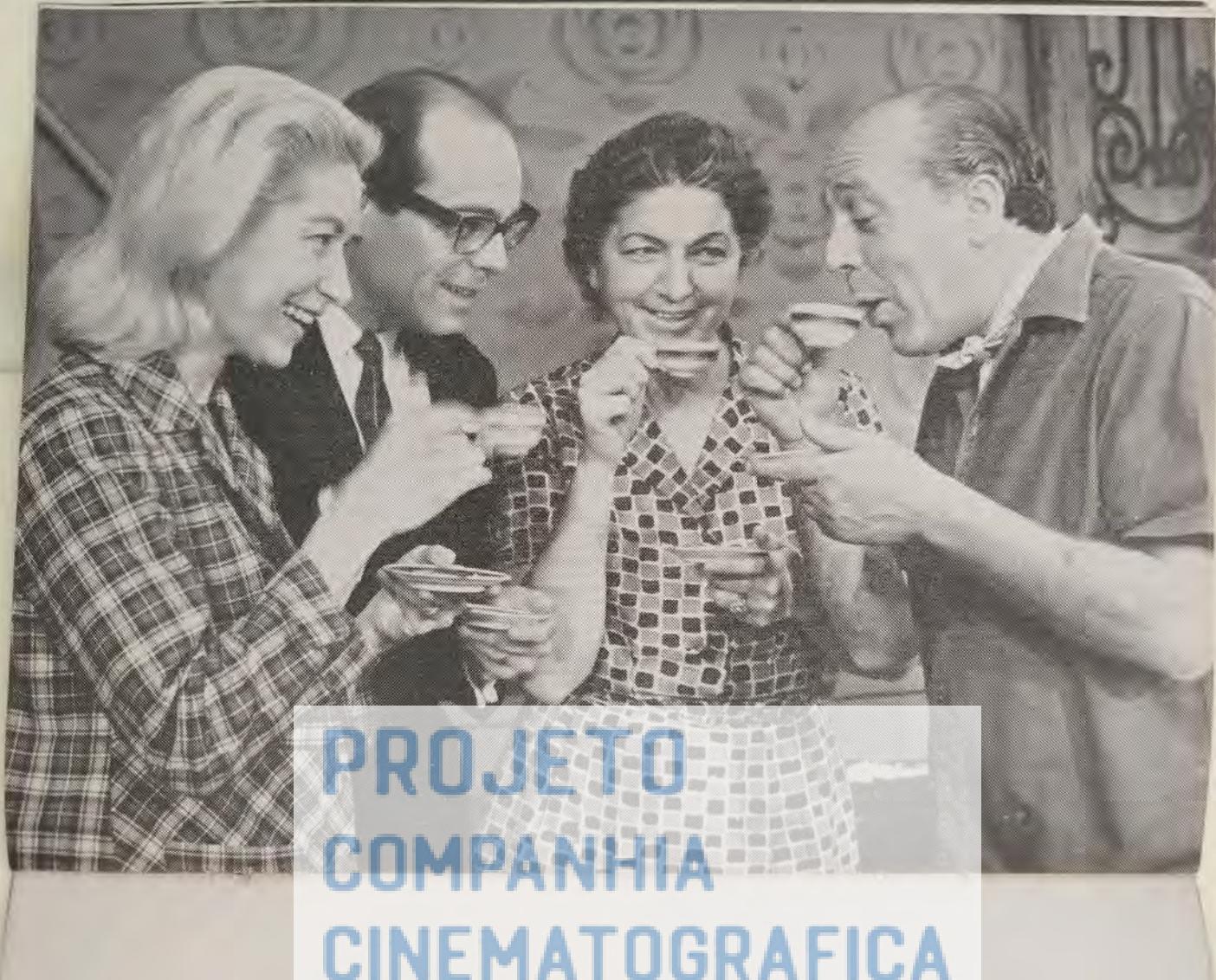
John & Kathleen; Isotta.

BRINQUEDOS

Rina Fogliotti; Walter Batteli.

FUNCIONARIOS ADMINISTRATIVOS

André Chaim	— Contador
Adolfo Martin Vizeu	— Bilheteiro
Alvaro Augusto Prado	— Bilheteiro
Beatriz Isboasabia	— Bilheteira
Brígida Batista	— Chapeleira
Celia Biar	— Secretaria
Elias Soares	— Vigia
Francisco Romeu	— Porteiro
Hulda Tetslav	— Zeladora
Ivone Feldmann	— Secretaria
Joaquim de Mello Pires	— Vigia
José Pereira	— Porteiro
João Ribeiro	— Contador-Auxiliar
João Virgilio	— Porteiro
Maria A. Chagas Ribeiro	— Bilheteira
Natalina Ribeiro	— Bilheteira
Nelsoan Prado Marcondes	— Secretario



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

tbc

O Teatro Brasileiro de Comedia por ocasião de seu aniversario,
em homenagem a todos que durante seus 15 naos escreveram sua
historia, oferece esta 253.a representação de

OS OSSOS DO BARÃO

de Jorge Andrade
dirigido por Maurice Vaneau
cenario e figurinos de
Marie-Claire Vaneau



PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA **VERA CRUZ**

Egisto Ghiotto * Otello Zeloni

Bianca Ghiotto * Lelia Abramo

Martino Ghiotto * Mauricio Nabuco

Miguel Camargo * Rubens de Falco

Veronica * Cleyde Yaconis

Izabel * Aracy Balabanian

Elisa * Aurea Campos

Copeira * Hedy Toledo

Ismalia * Dina Lisboa

Clélia * Marina Freire

Lucrécia * Carmen Silva

Alfredo * Sylvio Rocha

Dirutor de Cena: SEBASTIAO RIBEIRO

Maquinista Chefe: ARQUIMEDES RIBEIRO

Eletricista Chefe: APARECIDO ANDRE'

Cabeleras: LEONTIJ TYMOSZCZENKO

Esse programa foi desenhado pelo departamento grafico do TBC



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMÉDIA

Presidente Perpétuo e Benfeitor
FRANCO ZAMPARI

Sócios Beneméritos
LUIZ OLIVEIRA DE BARROS
LUIZ NAZARENO DE ASSUNÇÃO

Conselho Deliberativo
GUILHERME DE ALMEIDA
JOÃO ADELINO DE ALMEIDA PRADO NETO

JOSE' DE QUEIROZ MATTOZO

PROJETO
MARIA CAMILLA CARDOSO
MODESTO SOUZA BARROS CARVALHOSA
SERGIO W. BERNARDES

COMPANHIA

TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA

1948

T. B. C.

1963

VERA CRUZ

Declarada de Utilidade Pública

Diretor Geral

MAURICE VANEAU



Diretor Administrativo

GUILHERME VITALE



Assistência Jurídica

MODESTO CARVALHOSA

PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ

BRASILEIRO
DE COMÉDIA
TBC

onze de outubro de mil novecentos e sessenta e três

*as
três joias
reunidas*



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA**

VERA CRUZ



TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA

Histórico do Teatro Brasileiro de Comédia

Há 18 anos, em 1946, criou-se a Sociedade Brasileira de Comédia, composta a sócios fundadores, liderados por Francisco Matarazzo Sobrinho, Paulo Alvaro de Assumpção e Franco Zampari, iniciando suas atividades sob o regime de amadorismo.

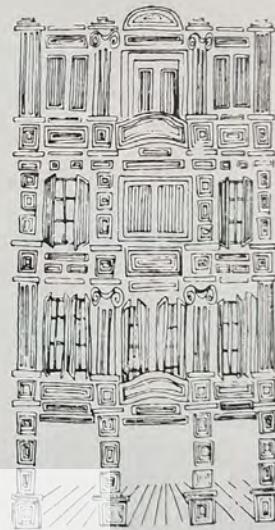
Em Julho de 1949, com a estréia da peça "Nick Bar", sob a direção de Adolfo Celli, foi dado o primeiro passo em direção ao profissionalismo.

Em 1950 formou-se o primeiro elenco permanente.

Em 1954 formou-se um segundo elenco permanente, para atuar no Teatro Ginástico do Rio de Janeiro em temporada que se prolongou até 1960.

Em 1961 o Teatro Brasileiro de Comédia foi entregue à Administração da Comissão Estadual de Teatro por dois anos.

Agora, em 1964, sob o controle da nova Diretoria Executiva, lança-se a Sociedade Brasileira de Comédia a novas e mais brilhantes realizações,



DADOS TÉCNICOS DO TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA

Tradicional sala de espera
Salão de exposições
380 poltronas estofadas
Palco giratório
Moderna instalação de ar renovado
Iluminação e acústica perfeita
Oficina própria para cenários
Depósito próprio de decorações
Completo Guarda-Roupa,

Realizações do Teatro Brasileiro de Comédia

De 1946, quando iniciou suas atividades, Junho de 1964, o Teatro Brasileiro de Comédia apresentou um total de 144 peças além de numeros espetáculos de canto, mímica, poesia, perfazendo 8.990 representações que foram assistidas por 1.911.128 espectadores.

O repertório do T.B.C. inclui peças de autor e

diferentes nações sendo muitas representadas no original.

Entre os autores podemos citar: Abílio Pereira de Almeida, Anton Tchecov, Dias Gomes, Eugene O'Neill, Garcia Lorca, Goetz, George Bernard Shaw, Jean Anouïth, Jean Cocteau, Jean Paul Sartre, Jorge Andrade, Noel Coward, Oscar Wilde, Pirandello, Sofocles, Tennessee Williams, etc...

PROJETO
COMITÊ
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ



Presidente
Franco Zampari

A SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMÉDIA

FUNDADA EM 1946 E MANTENEDORA DO TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA

incorpora em sua nova fase

TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA

TEATRO DAS NAÇÕES

PEQUENO TEATRO DE ARTE

PRESIDENTE PERPÉTUO E BENFEITOR

Franco Zampari



Presidente perpétuo
Franco Zampari



Presidente
Guilherme de Almeida



Vice-Presidente
Fernandes Soares



Diretor-Superintendente
Hugo Schlesinger



Diretor-Secretário
Bernardino Nunes Barros



Diretor-Geral
Ary Prado Marcondes



Diretor-Tesoureiro
Guilherme Vitali

CONSELHO DELIBERATIVO

João Adelino de Almeida Prado Neto • René Thiollier • José de Queiroz Mattoso
Modesto de Souza Barros Carvalhosa • Maria Camilla Cardoso • Sergio W. Bernardes

HOMENAGEM AOS FUNDADORES DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMÉDIA

Adolfo Rheingantz; Antonieta Arinos de Melo Franco; Antonio Prado Junior; Antonieta Penteado da Silva Prado; Antonieta Pereira de Almeida Pati; Andréa Ippolito; Américo Ramos; Benedito José Soares de Mello Pati; Baby de Almeida; Caio da Silva Prado; Clara Soares de Mello Pati; Camilla Matarazzo; Costabile Matarazzo; Débora Prado Marcondes Zampari; Dora Matarazzo; Dinah Prado Marcondes; Dora de Souza; Ernestina Alves; Eduardo Ramos; Ely Bloem de Mello Pati; Francisco Matarazzo; Spínho; Franco Zampari; Francisco de Moraes Barros; Frederico de Souza Queiroz; Francisco Pati; Francisco de Arruda Botelho Vieitas; Giannicola Matarazzo; Guilherme de Almeida; Helena Vieitas Carvalhosa; Hermann de Moraes

Barros; Isabel de Moraes Barros; Irene Medici Crespi; João Adelino de Almeida Prado Neto; Jorge da Silva Prado; José de Queiroz Mattoso; José Luiz Soares de Mello Pati; Joaquim da Cunha Bueno Neto; José Vieitas Junior; Lúcia de Moraes Barros; Luiz Cunha Bueno; Maria Camilla Cardoso; Maria José Rheingantz; Marjorie da Silva Prado; Maria Helena Ramos; Maria Galvão de Moraes Barros; Maria Matarazzo; Modesto Souza Barros de Carvalhosa; Odilon de Souza; Paulo Alvaro de Assumpção; Paulo Matarazzo; René Thiollier; Roberto Alves; Raul Crespi; Sergio W. Bernardes; Sophia Lebre de Assumpção; Silvia Carvalho; Virginia Matarazzo Ippolito; Yolanda Penteado Matarazzo.

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

Galeria de Homenagem
às Realizações da
SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMÉDIA



Prêmio Governador do Estado de S. Paulo

1951 Ziembinsky (Diretor)	Paol Velho
1951 Abilio P. de Almeida (autor)	Paol Velho
1953 T.B.C. (espetáculo)	Assim é... se lhe parece
1953 Mauro Francini (cenógrafo)	Assim na terra como no céu
1953 Cleyde Yaconis (atriz)	Assim é... se lhe parece
1953 Waldemar Wey (ator)	Assim é... se lhe parece
1956 T.B.C. (espetáculo)	A Casa de chá do luar de agosto
1956 Maurice Vaneau (diretor)	A Casa de chá do luar de agosto
1956 Mauro Francini (cenógrafo)	A Rainha e os rebeldes
1956 Kalma Murtinho (figurinista)	Nossa vida com papai
1957 Dina Lisboa (co-adjuvante)	A Rainha e os rebeldes
1957 Arquimedes Ribeiro	melhor cenotécnico
1958 Fernanda Montenegro (atriz)	Vestir os nus
1958 Leonardo Vilar (ator)	Panorama visto da ponte
1958 Darcy Penteado (cenógrafo)	Pedreira das Almas
1958 Odilon Nogueira	execução do guarda roupa
1960 T.B.C. (espetáculo)	O Pagador de promessas
1960 Dias Gomes (autor)	O Pagador de promessas
1960 Flávio Rangel (diretor)	O Pagador de promessas
1960 Leonardo Vilar (ator)	O Pagador de promessas
1961 T.B.C. (espetáculo)	A Escada
1961 Flávio Rangel (diretor)	A Escada
1961 Cleyde Yaconis (atriz)	Conjunto de trabalhos
1961 Luiz Linhares (ator)	A Escada
1961 José G. Pupa (cenotécnico)	A Escada e a Semente

Saci (O Estado de S. Paulo)

1952 T.B.C. (espetáculo)	Antigone
1952 Cacilda Becker (atriz)	Antigone

1952 Paulo Autran (ator)	Antigone
1952 Adolfo Celi (diretor)	Antigone
1952 Guilherme de Almeida (trad.)	Antigone
1953 Mauro Francini (cenógrafo)	Assim na terra como no céu
1953 Ziembinsky (diretor)	Divorcio para três
1953 T.B.C. (espetáculo)	Assim é... se lhe parece
1954 Edgard da R. Miranda (autor)	... e o noroeste soprou
1954 Jardel Filho (ator)	Assassinato a domicílio
1955 T.B.C. (espetáculo)	Volpone
1955 Cleyde Yaconis (atriz)	Santa Marta Fabril S. A.
1955 Walmor Chagas (ator)	Volpone
1955 T.B.C. (espetáculo)	A Casa de chá do luar de agosto
1956 Maurice Vaneau (diretor)	A Casa de chá do luar de agosto
1956 Gianni Ratto (cenógrafo)	Eurydice
1956 Gianni Ratto (diretor)	Eurydice
1956 Sady Cabral (co-adjuvante)	Eurydice
1956 Kalma Murtinho (figurinista)	Nossa vida com papai
1957 Arquimedes Ribeiro	melhor cenotécnico
1957 Dina Lisboa (co-adjuvante)	A rainha e os rebeldes
1958 Franco Zampari	10 anos de realizações no T.B.C.
1958 Fernanda Montenegro (atriz)	Vestir os nus
1958 Leonardo Vilar (ator)	Panorama visto da Ponte
1958 Darcy Penteado (cenógrafo)	Pedreira das Almas
1958 Odilon Nogueira (figurinista)	execução do guarda roupa
1959 Teresita Raquel (atriz)	Quando se morre de amor
1960 T.B.C. (espetáculo)	O Pagador de promessas
1960 Flávio Rangel (diretor)	O Pagador de promessas
1960 Leonardo Vilar (ator)	O Pagador de promessas
1961 T.B.C. (espetáculo)	A Semente
1961 Flávio Rangel (diretor)	A Semente e A Escada
1961 G. Guarniri (autor)	A Semente
1961 Cleyde Yaconis (atriz)	A Semente
1962 T.B.C. (espetáculo)	Yerma
1962 J. de Oliveira (co-adjuvante)	A morte do caixeteiro viajante

PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ



SALA DE TEATRO



PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ

IRENE BOJANO E HAROLDO GREGORY

58166 000 2.000 000 000

PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ



MAURICIO BARROSO E ABILIO

APR 14 10.2.005 5475



PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA
VERA CRUZ

MAURICIO BARROSO E ABILIO



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**



Abelio Pereira de Almeida
e Nada fici
Geca Paf. Raf.

APA III 50 2.000S
PG

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

APAN 10.3.0001515

TEATRO
MUNICIPAL



GTE

PROJETO
«GRUPO DE TEATRO EXPERIMENTAL»
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ

PROGRAMA
GRATIS





Abilio Pereira de Almeida



Marina Freire Franco



José de Queirós Mattosso



Lenita de Queirós Mattosso



Haroldo Grevor



Gema Barbetta



José de Barros Pinto



Churchill Locke



Milton Lima de Souza

PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA **VERA CRUZ**

A PA 1110.3.00035 PS

PROGRAMA

25 de SETEMBRO DE 1946 — ÀS 21 HORAS

o "GRUPO DE TEATRO EXPERIMENTAL"

APRESENTA

"PIF-PAF"

Comedia em 3 atos de ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA

Cenario de Clovis Graciano.

Execução de Léo Rossetti e Molina.

Os acessorios da decoração são da casa "PRINTAL".

As fourrures foram cedidas pela CASA VOGUE.

Ponto — Hélio Pereira de Queiroz.

PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ

Ensaios, encenação e direção geral de Abilio Pereira de Almeida

O "deshabille" do 1.º ato é execução de MODAS MARIA

PERSONAGENS

(por ordem de entrada em cena):

Laura

IRENE DE BOJANO

Luiz Mario, seu filho

HAROLDO GREGORI

João, criado

CARLOS FALBO

Oscar

PAULO MENDONÇA

Stela

HELENITA QUEIROZ MATTOSO

Roberto

MAURICIO BARROSO

Mercedes

GEMA BARBETTA

Condessa Simone

MARINA FREIRE FRANCO

Eduardo

DELMIRO GONÇALVES

Conde Leon

CHURCHILL C. LOCKE

Mario

ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA

Aderbal Torres Homem

JOSÉ DE QUEIROZ MATTOSO.

"PIF-PAF"

COMEDIA EM TRES ATOS DE ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA.

E' com verdadeiro orgulho que o "Grupo de Teatro Experimental" apresenta a comedia "Pif-Paf", de Abilio Pereira de Almeida. E com razão, queremos crêr. De fato, um dos principaes objetivos do "G. T. E." é justamente esse: apresentar peças de autores brasileiros contemporaneos, afim de incentivar o gosto pelo genero dramatico, tão desleixado e incompreendido entre nós. Pois bem, não só Abilio Pereira de Almeida é autor nacional e contemporaneo como faz, e sempre fez, parte integrante do "G. T. E.", de que tem sido, desde as eras priscas, figura de relevo. Não exageramos: desde que começamos a fazer teatro, isto é, desde as épocas heroicas e saudosas da "Noite de S. Paulo" — 1936 — "Casa Assombrada" — 1938 — e "D. Branca" — 1939 — tentativas de onde veio a surgir o nosso "Grupo", já Abilio Pereira de Almeida brilhava nos papeis de pae bonacheirão (Dr. Augusto e Dr. Antenor) ou severo (o Dr. Guedes, de "D. Branca") ao lado de outros elemen-

PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ

tos, como Mariana Freire Franco, José de Barros-pinto, Paulo Ribeiro de Magalhães, Helio Pereira de Queiroz, Clovis Graciano (que estreou na cenografia com aquele impressionante cenário para o "ballet" de "D. Branca"), formando com eles a "velha guarda" do "Grupo de Teatro Experimental".

Organizado definitivamente o "Grupo", em 42, Abilio interpretou, em 43, o papel de Le Cormier, de "À Sombra do Mal", de Lenormand, figura inquietante de um tarado perdido nas selvas africanas. Em seguida foi a criação de Tom Prior, de "Fóra da Barra", e, finalmente, o ano passado, o inesquecível Harpagão, do "Avarento", de Molière, quando foi ovacionado na grande tirada do segundo ato.

Ora, eis que este ano Abilio Pereira de Almeida aparece não só como ator, interpretando sua personagem de Mario, como tambem como diretor de cena e autor: um Noel Coward nacional, como já foi dito, e uma grande vitoria do "Grupo de Teatro Experi-

tal", que demonstra dessa forma o resultado concreto dos seus esforços, conseguindo inspirar entre os seus elementos tamanho amor e interesse pela arte dramática.

"Pif-Paf" é a peça de estreia de Abilio Pereira de Almeida. E' de se desejar que se abra com ela uma serie de novos trabalhos tão interessantes quanto este primeiro. Não lhe faltam qualidades para isso: com um senso de observação muito agudo e uma capacidade de critica mordaz pouco comum, focalisa Abilio Pereira de Almeida, nesta peça, num "crcquis" impressionante e digno de meditação pela veracidade inconfundivel dos seus traços, um dos aspectos mais caracteristicos da dissolução de costumes causada pelo jogo num lar granfino, onde o vicio elegante, o "pif-paf", penetrou e carcomeu a familia que se dissolve, por assim dizer, sob a ação do virus da moda e em torno da qual giram, estonteados e angustiados, sem forças porem para reagir, diversos tipos também contaminados, pertencendo embora a classes sociais diferentes, indo do advogado alta-

PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ

mente colocado ao criado de quarto, passando pelo barbeiro e os mais... De todos, porem, a maior vitima será o filho do casal elegante, esse jovem solto no mundo, em plena adolescência, chocalhado entre os mimos excessivos e o descuido em que o deixam alternativamente os pais irresponsaveis. Que será desse menino, desde já infeliz e desnorteado, ante o exemplo desses pais criminosos, vivendo num meio pervertido, e que já se vae deixando levar pela corrente à qual não pôde fugir? E' essa a pergunta angustiosa que parece ecoar continuamente por traz das cenas aparentemente divertidas e ligeiras da peça.

O exito que sem duvida coroará a estreia de Abilio Pereira de Almeida como autor teatral é, pois, não só motivo de orgulho para o "G. T. E." como uma recompensa já pelo esforço que o Grupo tem despendido em prol do desenvolvimento e elevação do nível do teatro nacional.

“GRUPO DE TEATRO EXPERIMENTAL”

DIRETORIA

Presidente — Churchill C. Locke.

Vice-Presidente — José de Barros Pinto.

1.º Secretario — Marina Freire Franco.

2.º Secretario — Helio Pereira de Queiroz.

Tesoureiro — José de Queiroz Mattoso.

Diretor Artístico — Clovis Graciano.

Diretor Teatral — Alfredo Mesquita.

REPERTÓRIO

PROJETO	1942 — “O Soldado de Chocolate”, de Bernard Shaw. “A Quoi rêvent les Jeunes Filles”, de A. de Musset.
COMPANHIA	1943 — “À Sombra do Mal”, de Lenormand.
CINEMATOGRÁFICA	1944 — “Fóra da Barra”, de Sutton Vane. “Hefeman”, de Alfredo Mesquita.
VERA CRUZ	1945 — “Os Passaros”, de Aristofanes. “O Avarento”, de Molière. “A Ballerina Soltá no Mundo”, de Carlos La- cerda.
	1946 — “As Alegres Comadres de Windsor”, de Shakes- peare.

“Pif-Paf”, de Abilio Pereira de Almeida.

Em 44 o “Grupo de Teatro Experimental”, deu dois espetáculos em Campinas, “Fóra da Barra” e “Hefeman”, e um, em Santo André, “Hefeman”. A peça “Hefeman” foi também representada no Teatro Colombo, do Braz, a preços populares, num espetáculo em homenagem ao “1.º Congresso de Escritores Brasileiros”, realizado em janeiro daquele ano, em São Paulo.



Arthur Luiz Piza



Italo Falbo



Carlos Vergueiro

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

Elke Stupacoff *Irene Bojano*

A movie poster featuring the title "PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ" in large blue letters. Below the title are two names: "Elke Stupacoff" and "Irene Bojano". The background of the poster shows a woman in a sequined dress dancing.

Enzo Rimoli



Sergio Junqueira



Mauricio Barosso



Rui Mesquita



Paulo Mendonça

PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ

Alfredo Mesquita



Delmiro Gonçalves



Helio Pereira Queiros (Ponto)

APA IV 10.3.00036.P5

Disco - Columbia
First Autograph Record



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

MUNICIPAL
SÃO PAULO

Programa oficial - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



IRENE DE BOJANO



ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA



MAURICIO BARROSO



PAULO MENDONÇA



HELENITA QUEIROZ MATTOSO



CARLOS FALCO



HAROLDO GREGORI



GEMA BARBETTA



JOSÉ DE QUEIROZ MATTOSO



DELMIRO GONÇALVES



CHURCHILL C. LOCKE



MARINA FREIRE FRANCO

PROGRAMA

27 DE SETEMBRO DE 1946 — ÀS 21 HORAS

o "GRUPO DE TEATRO EXPERIMENTAL"

APRESENTA

PIF -- PAF

Comédia em 3 atos de ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA

Cenário de Clovis Graciano.

Execução de Léo Rossetti e Molina.

Os acessórios da decoração são da casa "PRINTAL".

As fourrures foram cedidas pela CASA VOGUE.

Ponto — Helio Pereira de Queiroz.

Ensaio, encenação e direção geral de Abilio Pereira
de Almeida.

PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ

(PERSONAGENS
 (Por ordem de entradas em cena)

Laura	IRENE DE BOJANO
Luiz Mario, seu filho	HAROLDO GREGORI
João, criado	CARLOS FALBO
Oscar	PAULO MENDONÇA
Stela	HELENITA QUEIRÓS MATTOSO
Roberto	MAURICIO BARROZO
Mercedes	GEMMA BARBETTA
Condessa Simone	MARINA FREIRE FRANCO
Eduardo	DELMIRO GONÇALVES
Conde Leon	CHURCHILL C. LOCKE
Mario	ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA
Aderbal Tcrres Homem	JOSÉ DE QUEIRÓS MATTOZO



1883
PROJETO Galeria Paulista
DE MODAS
COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA NOVIDADES
VERA CRUZ

Apresentamos:

VESTIDOS E CHAPEUS MODELOS ENCANTADORES • BOLSAS DE GRANDE
ORIGINALIDADE • LUVAS FINÍSSIMAS • LENÇOS DE GAZE • TECIDOS
DE RAION OU SEDA MIXTA • TAFETA ESCOCEZ • TECIDOS LAVAVEIS
DE GRANDE MODA • CASSAS BRANCAS E DE CORES • ORGANDÍS BORDADOS
• LENCINHOS SUIÇOS • TIRES BORDADAS • RENDAS GUIPUR • LENCINHOS
DA ILHA DA MADEIRA • CINTOS MODERNOS • BLUSAS DE SEDA •
TERNINHOS E VESTIDINHOS PARA CRIANÇAS • FINOS ARTIGOS PARA
CAVALHEIROS • GUARNIÇÕES PARA CHÁ E JANTAR • PANOS DE MESA
EM DESENHOS ORIENTAIS •

RUA DIREITA, 162-190

APA 1V10.3.02037
RS
(dupl)

589.^º SARAU

Teatro

Municipal

QUINTA-FEIRA,
3 DE OUTUBRO DE 1946



Às 21 horas

PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
GRUPO DE TEATRO EXPERIMENTAL
VERA CRUZ

NA REPRESENTAÇÃO DA PEÇA DE

ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA

"PIF - PAF"



Programa

O "Grupo de Teatro Experimental"

APRESENTA

"PIF = PAF"

Comédia em 3 atos de ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA

Cenário de Clovis Graciano.

Execução de Léo Rosseti e Molina.

Os acessórios da decoração são da casa "PRINTAL".

As fourrures foram cedidas pela CASA VOGUE.

PROJETO
Abilio Pereira de Almeida.

Ensaio, encenação e direção geral de Abilio Pereira de Almeida.

O "desabillo" do 1º ato é execução de MODAS MARIA.

COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ

PERSONAGENS

(por ordem de entrada em cena):

Laura	Irene de Souza
z. Mário, seu filho	HAROLDO GREGORI
João, criado	CARLOS FALBO
Conde Leon	JOÃO MENDONÇA
Pedro	HELENA QUEIROZ MATTOSO
Mercedes	ALFÉRCIO BARROSO
Condessa Simone	GEMA BARBETTA
Eduardo	MARINA FREIRE FRANCO
Conde Leon	DELMIRO GONÇALVES
Mario	CHURCHILL C. LOCKE
Aderbal Torres Homem	ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA
	JOSE' DE QUEIROZ MATTOSO.

"PIF = PAF"

COMÉDIA EM TRES ATOS DE ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA.

E' com verdadeiro orgulho que o "Grupo de Teatro Experimental" apresenta a comédia "Pif-Paf", de Abilio Pereira de Almeida. E com razão, queremos crêr. De fato, um dos principais objetivos do "G. T. E." é justamente esse: apresentar peças

de autores brasileiros contemporâneos, afim de incentivar o gosto pelo gênero dramático, tão desleixado e incompreendido entre nós. Pois bem, não só Abilio Pereira de Almeida é autor nacional e contemporâneo como faz, e sempre fez, parte integrante do "G. T. E.", de que tem sido, desde as eras priscas, figura de relevo. Não exageramos: desde que começamos a fazer teatro, isto é, desde as épocas heróicas e saudosas da "Noite de São Paulo" — 1936 — "Casa Assombrada" — 1938 — e "D. Branca" — 1939 — tentativas de onde veio a surgir o nosso "Grupo", já Abilio Pereira de Almeida brilhava nos papéis de pai bonacheirão (Dr. Augusto e Dr. Antenor) ou severo (o Dr. Guedes, de "D. Branca") ao lado de outros elementos, como Marina Freire Franco, José de Barros pinto, Paulo Ribeiro de Magalhães, Helio Pereira de Queiroz, Clovis Graciano (que estreou na cenografia com aquele impressionante cenário para o "ballet" de "D. Branca"), formando com eles a "velha guarda" do "Grupo de Teatro Experimental".

Organizado definitivamente o "Grupo", em 42, Abilio interpretou, em 43, o papel de Le Cormier, de "À Sombra do Mal", de Lenormand, figura inquietante de um tarado perdido nas selvas africanas. Em seguida foi a criação de Tom Prior, de "Fóra da Barra", e, finalmente, o ano passado, o inesquecível Harpagão, do "Avarento", de Molière, quando foi ovacionado na grande tirada do segundo ato.

PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ

Outro dia que este ano Abilio Pereira de Almeida aparece não só como ator, interpretando sua personagem de Mario, como também como diretor de cena, o autor: um Noel Coward nacional, como já foi dito, e uma grande vitória do "Grupo de Teatro Experimental", que demonstra dessa forma o resultado concreto dos seus esforços, conseguindo inspirar entre os seus elementos temor à maior realização pelo teatro dramática.

"Pif-Paf" é a peça de estreia de Abilio Pereira de Almeida. É de se desejar que se abra com ela uma série de novos trabalhos tão interessantes quanto este primeiro. Não lhe faltam qualidades para isso: com um senso de observação muito agudo e uma capacidade de crítica mordaz pouco comum, focaliza Abilio Pereira de Almeida, nesta peça, num "croquis" impressionante e agudo de infidelidade pelo imbatível inconveniente dos seus traços, em que os efeitos mais característicos da dissolução de costumes criam um jogo malicioso, onde o vício elegante, o "pif-paf", penetrou e carcomeu a família que se dissolve, por assim dizer, sob a ação do vírus da moda e em torno da qual giram, estonteados e angustiados, sem forças porém para reagir, diversos tipos também contaminados, pertencendo embora a classes sociais diferentes, indo do advogado altamente colocado ao criado de quarto, passando pelo barbeiro e os mais... De todos, porém, a maior vítima será o filho do casal elegante, esse jovem solto no mundo, em plena adolescência, chocalhado entre os mimos excessivos e o descuido em que o deixam alternativamente os pais irresponsáveis. Que será desse menino, desde já infeliz e desnorteado, ante o exemplo desses pais criminosos, vivendo num meio pervertido, e que já se vai deixando levar pela corrente à qual não pode fugir? É essa a pergunta angustiosa que parece eccar continuamente por traz das cenas aparentemente divertidas e ligeiras da peça.

O êxito que sem dúvida coroará a estréia de Abilio Pereira de Almeida como autor teatral é, pois, não só motivo de orgulho para o "G. T. E." como uma recompensa já pelo esforço que o Grupo tem despendido em prol do desenvolvimento e elevação do nível do teatro nacional.

"GRUPO DE TEATRO EXPERIMENTAL"

DIRETORIA

Presidente — Churchill C. Locke.
Vice-Presidente — José de Barros Pinto.
1.º Secretário — Marina Freire Franco.
2.º Secretário — Helio Pereira de Queiroz.
Tesoureiro — José de Queiroz Mattoso.
Diretor Artístico — Clovis Graciano.
Diretor Teatral — Alfredo Mesquita.

REPERTÓRIO

1942 — "O Soldado de Chocolata", de Bernard Shaw.
PROJETO
"A Quoi Rêveut les Jeunes Filles", de A. de
Musset.
1943 — "À Sombra do Mal", de Lenormand.
COMPANHIA
"Fóra da Barra", de Sutton Vane.
"Hefeman", de Alfredo Mesquita.
1945 — "Os Passaros", de Aristófanes.
CINEMATOGRÁFICA
"O Atarefe", de Monteiro.
"A Baitarina Soltá no Mundo", de Carlos Lacerda.
1946 — "Os Alegres Comendes de Windsor", de Shakes-
peare.
VERA CRUZ
"Pif-Paf", de Abilio Pereira de Almeida.

Em 44 o "Grupo de Teatro Experimental" deu dois espetáculos em Campinas, "Fóra da Barra" e "Hefeman", e um em Santo André, "Hefeman". A peça "Hefeman" foi também representada no Teatro Colombo, do Braz, a preços populares, num espetáculo em homenagem ao "1.º Congresso de Escritores Brasileiros", realizado em janeiro daquele ano, em São Paulo.

APA 1V103.00019

89

Teatro BOA VISTA

Empréesa: MIGUEL GIOSO

"TEATRO DAS SEGUNDAS-FEIRAS"

HOJE —— 9 DE DEZEMBRO DE 1946 —— HOJE
—— A's 21 horas ——

o "GRUPO DE TEATRO EXPERIMENTAL"

APRESENTA

PIF -- PAF

Comédia em 3 atos de ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA

Cenário de Clovis Graciano.

Execução de Léo Rossetti e Molina.

Os acessórios da decoração são da casa "PRINTAL".

As fourrures foram cedidas pela CASA VOGUE.

Ponto — Helio Pereira de Queiroz.

Ensaio, encenação e direção geral de Abilio Pereira de Almeida.

O "deshabilie" do 1.º ato é execução de MODAS MARIA

PERSONAGENS

(Por ordem de entradas em cena)

Laura	IRENE DE BOJANO
Luiz Mario, seu filho	HAROLDO GREGORI
João, criado	CARLOS FALBO
Oscar	PAULO MENDONÇA
Stela	HELENITA QUEIRÓS MATTOSO
Roberto	MAURICIO BARROZO
Mercedes	GEMMA BARBETTA
Condessa Simone	MARINA FREIRE FRANCO
Eduardo	DELMIRO GONÇALVES
Conde Leon	CHURCHILL C. LOCKE
Mario	ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA
Aderbal Torres Homem	JOSÉ DE QUEIRÓS MATTOZO

CINEMATOGRÁFICA

VERA CRUZ

— PREÇOS (Imposto incluso) —

FRIZAS E CAMAROTES .. Cr\$ 75,00 — POLTRONAS E BALCÕES .. Cr\$ 15,00
GALERIA .. Cr\$ 5,00

Teatro BOA VISTA

"TEATRO DAS SEGUNDAS-FEIRAS"

HOJE ————— 14 DE OUTUBRO DE 1946 ————— HOJE
o "GRUPO DE TEATRO EXPERIMENTAL"

APRESENTA

PIF -- PAF

Comedia em 3 atos de ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA

Cenario de Clovis Graciano.

Execução de Léo Rossetti e Molina.

Os acessorios da decoração são da casa "PRINTAL".

As fourrures foram cedidas pela CASA VOGUE.

Ponto — Helio Pereira de Queiroz.

Ensaio, encenação e direção geral de Abilio Pereira de Almeida.

O "deshabille" do 1.º ato é execução de MODAS MARIA

PERSONAGENS

(Por ordem de entradas em cena)

Laura	IRENE DE BOJANO
Luiz Mario, seu filho	HAROLDO GREGORI
João, criado	CARLOS FALBO
Oscar	PAULO MENDONÇA
Stela	HELENITA QUEIRÓS MATTOSO
Roberto	MAURICIO BARROZO
Mercedes	GEMMA BARBETTA
Condessa Simone	MARINA FREIRE FRANCO
Eduardo	DELMIRO GONÇALVES
Conde Leon	CHURCHILL C. LOCKE
Mario	ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA
Aderbal Torres Homem	JOSÉ DE QUEIRÓS MATTOZO

PREÇOS (Imposto incluso)

FRIZAS e CAMAROTES	Cr\$ 62,50	POLTRONAS E BALCÕES	Cr\$ 12,50
GALERIA ..	Cr\$ 5,00		

APA 1410.3.00020 PS
00000

AGRADECIMENTOS

LANOVER S/A - INDÚSTRIA DE MALHAS

MARFINITE

Rua Costa Aguiar, 590

PROTIN - EQUIPAMENTOS INDIVIDUAIS DE PROTEÇÃO LTDA.

Rua Agostinho Gomes, 2312

AO MOVELHEIRO

Avenida Brigadeiro Luis Antonio, 354

KARIN RODRIGUES E SONIA GUEDES

vestem tecidos Firenze - Rua Augusta, 2781

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

2
APA 14 10.3.00020



TEATRO EXPERIMENTAL

"MONTE LIBANO"

apresenta:

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**



Germano de Angelis
1953.



Waldyr Wagner Rey

PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ

Para maior comodidade de nosso público, e para haver maior naturalidade na interpretação, o Teatro Experimental Monte Libano resolveu apresentar "Pif-Paf" em 3 noites consecutivas no Pequeno Auditório do Teatro de Cultura Artística.

Como vão os seus
Conhecimentos Gerais?

1 — HAGLURA é uma:

- a) Mancha da pena das aves.
- b) Rodela dos braços.
- c) Rachadura na pata dos cavalos.

2 — O ÚLTIMO campeão mundial de pesos máximos que não era americano foi:

- a) Carpentier.
- b) Carnera.
- c) Spala.

3 — O IDIOMA mais falado na Suíça é o:

- a) Italiano.
- b) Francês.
- c) Alemão.

4 — O PRENOME de Machado de Assis é:

- a) Joaquim Maria.
- b) Antonio José.
- c) Manuel Antonio.

5 — Os Cárpatos é uma cadeia de montanhas da:

- a) Europa Central.
- b) Ásia Setentrional.
- c) Austrália.

6 — CHOW-CHOW é um:

- a) Cão.
- b) Jogo.
- c) Prato chinês.

7 — A CARNE é um romance de:

- a) Machado de Assis.
- b) José de Alencar.
- c) Julio Ribeiro.

8 — NAJA é o nome de uma:

- a) Dança indonésia.
- b) Cobra da Índia.
- c) Bebida da Pérsia.

Resposta à pagina 12



PROJETO

COMPANHIA

Abilio Pereira da Almeida nasceu em S. Paulo, ha muito tempo.

Formou-se em Direito, advogou vinte anos. Em 1936 estreou em teatro como a-
mador, e assim continuou até a fundação da Vila Cruz onde trabalhou como ator
(Caiçara, Terra e Sertão, Angélica) e diretor e escritor. Foi um dos fun-
dadores do Teatro Brasileiro de Comédia que estreou com uma peça de
sua autoria e direção—"A mulher do proximo".

É detentor do premio "Ademar de Barros" com sua peça tea-
tral — "Paiol Velho".

"PIF-PAF" foi sua peça de estréa como autor e diretor. Foi le-
vada nos teatros: Municipal, Boa Vista, T. B. C., em S. Paulo; no Copacabana,
no Rio; no Coliseu de Santos e em várias cidades do interior do Estado de S.
Paulo, sempre com muito exito.



FÁBRICA DE PAPEL
SANTA TEREZINHA S/A



Papeis em Geral



RUA GUATÁUNA N. 738

Fone: 9-0123 (rede interna)

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

"Quer tomar alguma coisa, conde?"
(Salma Yanni e Jorge Bussab)

INDUSTRIAS TEXTEIS
CARONE S/A



"Alô, é você Mercedes"
(Salma Yanni e João Brasil Vitta)



TECIDOS FINOS
DE ALGODÃO

SEÇÃO DE ACABAMENTO
E TINTURARIA



RUA PIRES DO RIO, 820
FONE: 9-7131 (REDE INTERNA)

Cia.

Ra

TECIDOS

RUA 25

ESCO
LOJA

T

O que
água dôce

2 — Se vo
ca de
mundo
maior
precios

3 — CÁLC
Se eu
número em
Qual é

4 — PARA
Segundó
tamente ch
arca?

5 — TESTE
Eduard

Tratos à bola...

O que é que pesa mais: 1 litro de água doce ou um litro de água salgada?

★

2 — Se você fôsse um garimpeiro em busca de fortuna e resolvesse correr o mundo, que é que encontraria em maior quantidade: Ouro ou pedras preciosas?

★

3 — CÁLCULO RÁPIDO

Se eu acrescentar nove ao duplo do número em que estou pensando, obtenho 25. Qual é o número?

★

4 — PARA RESPONDER DEPRESSA

Segundo a Bíblia, quanto tempo exatamente choveu enquanto Noé esteve na arca?

★

5 — TESTE DE RACIOCÍNIO

Eduardo tem 10 anos e Noémia tem

8. Quantos anos terão no total d'aqui a 20 anos?

★

6 — CONHECIMENTOS GEOGRAFICOS

Qual dos países escandinavos está mais próximo ao Polo Norte: A Suécia, a Noruega ou a Finlândia?

★

7 — QUAL DAS TRÊS?

A) Ibid era um célebre escritor português.

B) Todos os homens célebres pela sua longevidade, são de estatura muito elevada.

C) O oreótrago é uma espécie de antílope.

Destas três declarações, só uma é verdadeira. Qual?

Resposta á pagina 12.

PROJETO

COMPANHIA

Cia. Textil

CINEMATOGRÁFICA

Ragheb Coophfi
VERA CRUZ

★

TECIDOS POR ATACADO

★

RUA 25 DE MARÇO, 747

TELEFONES:

ESCRITORIO 32-6478
LOJA 36-9997

A pessoa de sua estima
recomende a

Casa Lima

ROUPAS FEITAS,

BEM FEITAS

E PERFEITAS

RUA GENERAL CARNEIRO 47 e 259

FONES 32-4274—33-6875

Cia. Textil

Ragueb Chohfi

PROJETO
COMPANHIA
TECIDOS POR ATACADO
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ

RUA 25 DE MARÇO, 747

TELEFONES :

ESCRITORIO 32-6478
LOJA 36-9997

"Porque as pecinhas leves!"

ROBERTO SAFADY

Entre as condições indispensáveis para que o interprete, ou melhor, o pretendente a interprete possa ser bem sucedido, estão: a inteira liberdade de movimentos, o desembaraço em cena e a despreocupação ante a possibilidade do insucesso motivado por esquecimento de palavras ou gestos, ou por quaisquer erros relativos ao texto e a marcação originais. Logicamente, não poderá sentir-se despreocupado ou liberto em cena, se estiver preso á responsabilidade de transmitir fielmente ao público, todos os dizeres e todos os movimentos na forma como se acham contidos no papel, ou como lhe foi ensinado pelo ensaiador. Todavia é bastante difícil, ou quase impossível, convencer o dilettante a entrar em cena e não se preocupar demasiadamente com o que possa advir, explicando-lhe que é contra producente permanecer aflito, pois, obteria resultados mais positivos em caso contrario. Esse fenômeno, porém, pode suceder parcialmente, quando a representação, pelo próprio conteúdo não exija do ator, senão o necessário conhecimento do seu papel, ou quando lhe permita u'a maneira facil de disfarce, dando-lhe ensejo a sair-se dum a situação delicada sem que o público disso se aperceba. Em muitas ocasiões, momentos como esse, são aproveitados pelo interprete dotado dum a certa presença de espírito, para emitir improvisações de efeitos magníficos. Isso é admissível, ou ao menos perdoável, quando da apresentação de pecinhas, ou então "chanchadas", brincadeiras divertidas que não perdem o sabor, devido sómente a esta ou aquela falha. Essas "chanchadas" pois, sendo de relativo valor como espetáculo em si, têm a extraordinária virtude de preparar o principiante para peças de responsabilidade diminuindo de forma considerável o medo do insucesso em estreia, que é para muitos, motivo de desanimo e abandono. São por assim dizer um excelente treino, um ensaio público ao interessado em fazer teatro, qualquer que seja o gênero a apresentar.

Esta é a principal razão pela qual o Grupo de Teatro Monte Libano apresentou inicialmente, pecinhas leves e de estrutura relativamente fácil.

Em vista do bom acolhimento dado pelo nosso público, que compareceu em número bastante elevado e soube aplaudir generosamente em ambas as apresentações, o G. T. M. L. encorajou-se a preparar uma peça da categoria de "Pif-Paf", do conhecido autor e ator patrício, Abilio Pereira de Almeida. Cumpre citar que "Pif-Paf" já foi levada à cena com grande sucesso pelos mais consagrados grupos teatrais do país.

Antecipadamente o G. T. M. L. agradece a presença do público, que certamente compreenderá e perdoará as falhas que possam existir, pois, deverá levar em conta que a maioria dos interpretes está estreando em representação de peças de Teatro.

O AUTOR E A PEÇA

JOÃO BRASIL VITA

Abilio Pereira de Almeida, advogado dos que mais se destacaram em nosso Forum, autor de várias monografias jurídicas, resolveu, um dia, abandonar a sala de audiências e os pretórios, para, como astro refulgente, iluminar nossa literatura teatral e cinematográfica, com um sem numero de obras, sempre bem recebidas pela critica e pelo publico. Escritor de peregrinas virtudes, poude, com o brilho de seu talento, retratar aspectos da vida brasileira, com um alto sentido psicológico, apontando e criticando seus defeitos e suas virtudes, concluindo sempre pela apresentação de uma moral digna de nota.

Em "PIF-PAF", Abilio, como ninguem, aponta as nefastas consequências do jogo, nivelando situações antes antagonicas, propiciando toda a sorte de oportunidades para o desequilibrio, para o desajuste e para a debacle.

Mário, personagem da famosa peça, revela, através de seu comportamento, o alto poder de degradação a que pode atingir um homem dado ao vicio das cartas.

A peça, ora apresentada, tem, como finalidade, divertir, apesar de suportar o fardo de nove cartas...

PROJETO

COMPANHIA

CINEMATOGRÁFICA

Casimiro Tintas

VERA CRUZ

TECIDOS BASSIT LTDA.

VICUNHA

Padrão de Qualidade

TECIDOS EM GERAL
POR ATACADO

RUA 25 DE MARÇO 666-FONE 32-4909

PROGRAMA

(IMPROPRIO PARA MENORES DE 18 ANOS)
9, 10 e 11 DE NOVEMBRO DE 1953 ÁS 21 HORAS NO TEATRO DE CULTURA ARTISTICA (PEQUENO AUDITÓRIO)

«PIF-PAF»

PEÇA EM 3 ATOS E 5 QUADROS

de Abílio Pereira de Almeida

(PERSONAGENS, POR ORDEM DE ENTRADA)

João	Armando Bogus
Laura	Salma Yanni
Luiz Mário	Habib A. Nader
Oscar	José Brasil Vila
Stella	Odette Carone
Roberto	Roberto Safady
Meredes	Sáda A. Jafet
Condessa	Luizinha Chede
Eduardo	Rafael Jafet Jr.
Conde	Jorge Fussab
Mario	Felipe Carone
Adherbal	Jamil Saliba

Direção de: WILDIR W. WAY

CENÁRIO: | Decorador: Germana De Angelis

Contra-Regia: | Execução: Antônio Goldi

Móveis e Cortinas: Atel Lomac Ind. e Com. Ltda.

Quadros: Germana De Angelis

Vitrôla: "Stradivarius"

Eletricista: José Lo Leggio

FIAÇÃO E TECELAGEM
SÃO PAULO S/A

*
FIAÇÃO

TECELAGEM
TINTURARIA

PREFIRAM
CRETONE EXTRA EXTRA 3 MARIAS
PURÍSSIMA LINHO BRANCO
COLONTEX

PROJETO
COMPANHIA

CINEMATOGRÁFICA

VERA CRUZ

CASAS CHUKRI
SURIANI S/A

COMÉRCIO DE TECIDOS

SEDAS POR ATACADO E VAREJO

*

MATRIZ:

RUA 25 DE MARÇO 915

FONES: 32-2454
33-4988

PILIAL:

Tecidos Mirna

Ladeira General Carneiro 245

FONE: 33-7212

BRASIPEL - Cia. Brasileira de Papel Industria e Comércio

PAPEIS PARAFINADOS, RETUMADOS
IMPRESSÕES EM MÁQUINAS ROTATIVAS COM TINTAS ANILINAS ATÉ 4 CORES

RUA ODORICO MENDES 326

- FONE 33-9706



"QUEM REPICOU A MESA?" (RAFAEL JAFET JR., SÁDA A. JAFET, ODETE CARONE, ARMANDO BOGUS, LUIZINHA CHÉDE, ROBERTO SAFADY e SALMA YANNI)

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

Respostas dos Problemas:

TRATOS À BOLA (Pág. 5)

- 1 — A água salgada por causa do sal e dos minerais que contêm.
- 2 — Provavelmente encontraria mais ouro, pois ele existe em muito maior número de lugares.
- 3 — Oito.
- 4 — Quarenta dias e quarenta noites.
- 5 — 58 anos.
- 6 — A Noruega.
- 7 — A terceira.

*

COMO VÃO SEUS CONHECIMENTOS GERAIS ? (Pág. 2)

- 1—Mancha da pena das aves. 2—Primo Carnera, italiano. 3—O alemão. 4—Joaquim Maria. 5—Europa Central. 6—Um cão de raça finíssima. 7—Julio Ribeiro. 8—Cobra da Índia. 9—Julio Dantas.

PROJETO

COMPANHIA

Industria Americana

de Papel

CINEMATOGRÁFICA

TECIDOS RHODIA

OU ALBENE

PAPEIS EM GERAL

AV. CELSO GARCIA 3.045

FONE 9-0022

GRÁFICA "RIO GRANDE" LTDA

Rua Rio Grande, 574 — Fone 7-4115 — São Paulo - Brasil

Serviços finos

em alto relevo:

CARTÕES, CONVITES E BÓAS FESTAS



RUA RIO GRANDE, 574 — FONE 7-4115



ETIQUETAS DE
QUALIDADE



Fiação e Tecelagem
Piratininga S/A



FIOS E TECIDOS DE ALGODÃO
SECÃO DE ACABAMENTO
E
TINTURARIA

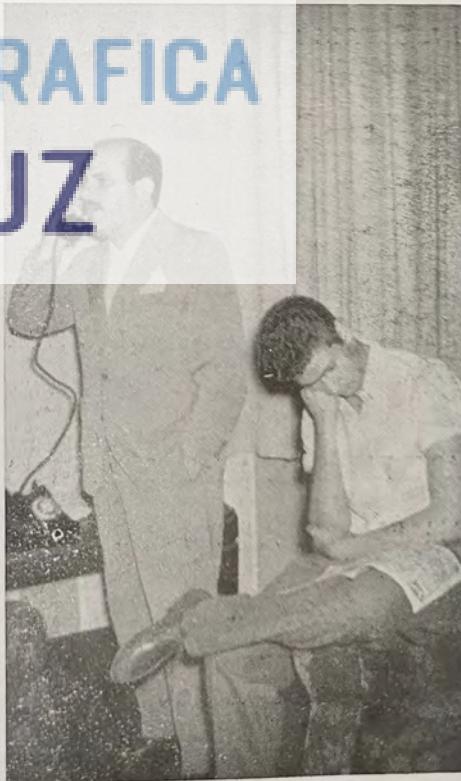


PRAÇA JOCKEY CLUB, 55
FONE, 9-2183 (Rede Interna)

PROJETO
COMPANHIA
S/A TECIDOS
MIGUEL AZEM
VERA CRUZ

TECIDOS em GERAL
POR ATACADO

RUA 25 DE MARÇO, 774
FONE 32-5768



"O que? Outro endosso?"
(Felipe Carone e Habib A. Nader)



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

"COM LICENÇA LAURA?"
(Odete Carone, Sada A. Jafet e Raphael Jafet Jr.)



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

"Mas você tá vendo que prí mim é tudo igual"
(Habib A. Nader e Armando Bogus)

Simão Racy & Cia.



TECIDOS EM GERAL
POR ATACADO



RUA FLORENCIO DE ABREU, 432

FONE 32-0260

PROJETO

**COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

LANIFÍCIO MERCURIO LTDA.

CASEMIRAS

RUA JOÃO TOBIAS, 143

CAPITAL



GRUPO DE ELEMENTOS QUE TOMAM PARTE EM "PIF-PAF"

TROISYEUX, Os Triunfos do Abilio e a Raiva dos Críticos. [s.n.t.] (São Paulo, 1962)



— Prefiro entrar no teatro de revista. Rende mais.
— No teatro?
— Não. Fora dele.

OS TRIUNFOS DO ABILIO E A RAIVA DOS CRÍTICOS

(Leia: Autores Fracassados)

Aqui, a turma da casa, ninguém conhece pessoalmente o Abilio, a começar pelo nosso diretor, o Ragognetti, até ao Pinto Freire Junior, que é o nosso revisor. Ninguém o viu nem mais magro — no tempo da sua banca de advogacia — nem mais gordo — no seu tempo de triunfos teatrais. Conhecemos o Abilio Pereira de Almeida no teatro, em plena função, e temos a honra e o prazer de afirmar que o conhecemos desde os tempos do saudoso Teatro Boa Vista, quando vimos, pela primeira vez, uma sua peça, "PIF PAF", estreando ele nas gambiarras como autor-amador. Só.

Temos também a honra e o prazer de dizer alto e bom tom que assistimos a todas as peças do Abilio, com a perfeição de um fan, e com o fervor de um obsessão. E gostamos de todas. Por que? Isto cá é para nós. Há fans que gostam da Kim Novak, outros da Marlene Dietrich ou das Marlon Brando, outras ainda do Rocky Hudson. E não sabem explicar o porque. Se a gente tivesse que explicar os gostos de cada um, então, era o caso de cada um tirar o organismo do avesso, e ver o que tinha dentro.

Mas posso explicar a raiva dos críticos nossos, todos eles, contra o Abilio. É inveja pura e clara, a raiva incontrolável de constatar que o Abilio é talvez o único autor teatral que fez dinheiro com as suas peças. E' o Abilio o único camarada que é procurado pelos empresários e que, por sua vez, não procura ninguém. E' como um conde Chiquinho Matarazzo, que é considerado o homem mais rico do Brasil, como o Baby (Bezerro de Ouro) Pignatari que é o "play boy" mais generoso e mais procurado (pelos donas boas) do nosso torrão abençoado, têm, pela sua projeção incandescente e obcecante, inimigos gratuitos de todos os que desejam ser um Chiquinho Matarazzo e que podem se-lhes bancar um Baby e só sonhar com isso naite de insônia, assim também o Abilio Pereira de Almeida, no seu campo, tem inimigos gratuitos nos criticos, todos eles, no fundo, autores redondamente fracassados.

O que mais me admira é que na triste e enfadonha falange destes pobres fracassados está também o Ministro Pascoal Carlos Magno, um sujeito bom e bem intencionado, especialmente com os moços, quando são robustos e belos, que eu conheço bem, pois é meu amigo, e que sempre pugnou pela afirmação do teatro nacional. Desta vez deu uma fóra, meu caro Pascoal, e não estou consigo, quando afirma que o teatro do Abilio "prima sempre pela vulgaridade". O teatro não é vida? E a vida não "prima pela vulgaridade"? Se assim não fosse, então, o Shakespeare, coitado, que é vulgaríssimo nas suas tragédias, onde há amores incestuosos, matanças a granel, gritaria infernal, enfim, a vida com a sua podridão em capa e espada, pelos nossos criticos, se fosse um autor nacional, seria considerado um verdadeiro... carniceiro!

Esta é que é verdade! Outra verdade que se impõe que se diga: sem dúvida alguma, contra a vontade dos criticos, mas com o plebiscito do público em geral — granfinos e grangrossos — o Abilio é o Autor Teatral número 1 do Brasil.

TROISYEUX

Vespeira TEATRAL

PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ

— Prefiro entrar no teatro de revista. Rende mais.
— No teatro?
— Não. Fora dele.

OS TRIUNFOS RAIVA

(Leia: A)

Aqui, a turma da mente o Abilio, a comití, até ao Pinto Freire, quem o viu nem mais de advogacia — nem nos teatrais. Conhecer teatro, em plena função, afirmar que o conhecido Teatro Boa Vista, que sua peça, "PIF PAF" autor-amador. Só.

Temos também a tom que assistimos a continência de um fan, e El gostamos de todas, que gostam da Kim, outras do Marlon Brando. E não sabem explicar, plicar os gostos de cavar o organismo do

Mas posso explicar, eles, contra o Abilio. tralavel de constatar teatral que fez dinheiro único camarada que por sua vez, não pôe Chiquinho Matarazzo, rico do Brasil, como que é o "play boy" (pelas donas boas) sua projeção incandescente de todos os que desejam não podem sé-los, bem em noite de insônia Almeida, no seu caminhos, todos eles, nos sados.

O que mais me falange destes pobres teatro Pascoal Carlos Mionado, especialmente belos, que eu que sempre pugnou. Desta vez deu uma consigo, quando afirmou pela vulgaridade "prima pela vulgaridade Shakespeare, coitado, dias, onde há amores taria infernal, enfim, e espada, pelos nossos mal, seria considerada

Esta é que é ve-



OS TRIUNFOS DO ABILIO E A RAIVA DOS CRITICOS

(Leia: Autores Fracassados)

Aqui, a turma da casa, ninguém conhece pessoalmente o Abilio, a começar pelo nosso diretor, o Ragognetti, até no Pinto Freire Junior, que é o nosso revisor. Ninguém o viu nem mais magro — no tempo da sua banca de advocacia — nem mais gordo — no seu tempo de triunfos teatrais. Conhecemos o Abilio Pereira de Almeida no teatro, em plena função, e temos a honra e o prazer de afirmar que o conhecemos desde os tempos do sandoso Teatro Boa Vista, quando vimos, pela primeira vez, uma sua peça, "PIF PAF", estreando ele nas gambiarras como autor-amador. Só.

Temos também a honra e o prazer de dizer alto e bom tom que assistimos a todas as peças do Abilio, com a pertinacia de um fan, e com o fervor de um obsessão. E gostamos de todas. Por que? Isto cá é para nós. Ha fans que gostam da Kim Novak, outros da Marlene Dietrich outras do Marlon Brando, outras ainda do Rocky Hudson, E não sabem explicar o porque. Se a gente tivesse que explicar os gostos de cada um, então, era o caso de cada um virar o organismo do avesso, e ver o que tinha dentro.

Mas posso explicar a raiva dos criticos nossos, todos eles, contra o Abilio. É inveja pura e clara, a raiva incontrolável de constatar que o Abilio é talvez o único autor teatral que fez dinheiro com as suas peças. E o Abilio o único camarada que é procurado pelos empresários e que, por sua vez, não procura ninguém. E como um conde Chiquinho Matarazzo, que é considerado o homem mais rico do Brasil, como o Baby (Bezerro de Ouro) Pignatari que é o "play boy" mais generoso e mais procurado (pelos donas boas) do nosso torrão abençoado, têm pela sua projeção incandescente e obcecante, inimigos gratuitos de todos os que desejam ser um Chiquinho Matarazzo e não podem se los, bancar um Baby e só sonhar com isso em noite de insônia, assim também o Abilio Pereira de Almeida, no seu campo, tem inimigos gratuitos nos criticos, todos eles, no fundo, autores redondamente fracassados.

O que mais me admira é que na triste e enfadonha falange destes pobres fracassados está também o Ministro Pascoal Carlos Magno, um sujeito bom e bem intencionado, especialmente com os moços, quando são robustos e belos, que eu conheço bem, pois é meu amigo, e que sempre pugnou pela afirmação do teatro nacional. Desta vez deu uma fóra, meu caro Pascoal, e não estou consigo, quando afirma que o teatro do Abilio "prima sempre pela vulgaridade". O teatro não é vida? E a vida não "prima pela vulgaridade"? Se assim não fosse, então, o Shakespeare, coitado, que é vulgaríssimo nas suas tragédias, onde ha amores incestuosos, matanças a granel, gritaria infernal, enfim, a vida com a sua podridão em capa e espada, pelos nossos criticos, se fosse um autor nacional, seria considerado um verdadeiro... carniceiro!

Esta é que é verdade! Outra verdade que se impõe que se diga: sem dúvida alguma, contra a vontade dos criticos, mas com o plebiscito do público em geral — granfinos e grangrossos — o Abilio é o Autor Teatral número 1 do Brasil.

TROISYEUX

ADA IV 1.000 II P1

E O TEATRO agradeceu a esta trinca. **Jornal da Tarde**, [São Paulo], 14 dez. 1976. p. 21.

E o
teatro
agradeceu a
esta trinca

Nas ante-salas, o assunto era o TBC, os primeiros anos da Escola de Arte Dramática, o teatro nacional das décadas de quarenta e cinqüenta. Quando a porta do salão principal do Palácio dos Campos Elíseos se abriu, ontem às 18 hs, os homenageados eram três importantes nomes do teatro dessa época: Alfredo Mesquita, fundador e diretor por vários anos da Escola de Arte Dramática; Ziembinski, que está completando 35 anos de teatro no Brasil, e Abílio Pereira de Almeida, o autor nacional representado pelo TBC.

Promovida pelo secretário da Cultura Ciência e Tecnologia Max Feffer, a homenagem aos quarenta anos de teatro de Alfredo Mesquita e Abílio Pereira de Almeida e aos cinqüenta anos de Ziembinski (os primeiros 15 ainda na Polônia) pretendeu ser "um tributo, ainda que tardio, aos responsáveis pela base do nosso teatro atual". A opinião do secretário parece encontrar eco entre vários grupos do meio teatral. Na informal cerimônia, além de algumas autoridades, estavam presentes ex-alunos das primeiras turmas da EAD como Jorge Andrade, Xandó Batista, Lélia Abramo, Armando Paschoal, Odilon Nogueira, Celeste Jardim e de turmas bem mais recentes como Paulo Villacé, Aracy Balabanian e Sérgio Mamberi. E o presidente do Sindicato dos Artistas, Juca de Oliveira, que não pôde comparecer e enviou uma carta.

Depois de receberem uma placa de prata comemorativa, os homenageados lembraram fatos do teatro nacional da época do TBC, tendo Alfredo Mesquita (também fundador do Grupo de Teatro Experimental, anterior ao TBC) frisado que "Pif-Paf", peça de estreia de Abílio Pereira de Almeida, "foi a grande vitória do teatro experimental. Foi com ela que se iniciou uma etapa há muito esperada: algo de sépior levar para o teatro também peças de novos autores nacionais". Lembrado por Alfredo Mesquita como um dos três nomes mais importantes do teatro nacional, Ziembinski falou do trabalho que desenvolveu junto a Abílio Pereira de Almeida (autor de *O Pajol Velho*, primeira peça em que trabalhou em São Paulo) e de Alfredo Mesquita, na época diretor e professor da EAD, dizendo que "mais que companheiros de trabalho, nós três formávamos uma trinca".

Em nome da Secretaria de Cultura falou o presidente da Comissão Estadual de Teatro, Décio de Almeida Prado: "A homenagem de hoje é uma lembrança aos nomes que frutificaram o presente do teatro nacional. Alfredo, Abílio e Ziembinski representam o exemplo de dedicação ao nosso teatro".

Depois, os abraços do secretário Municipal de Cultura Sábato Magaldi, do presidente do Sindicato dos Jornalistas Audálio Dantas, do cônsul da Polônia, do representante do STJ Paulo Bonfim, dos ex-alunos, de Nídia Lícia, de Elizabeth Henreid, de Jandira Martini e muitos outros nomes do meio artístico.



Alfredo Mesquita, Ziembinski e Abílio Pereira de Almeida foram homenageados ontem no Palácio dos Campos Elíseos.

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**



PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

APR 17 1900



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

uma foto do começo

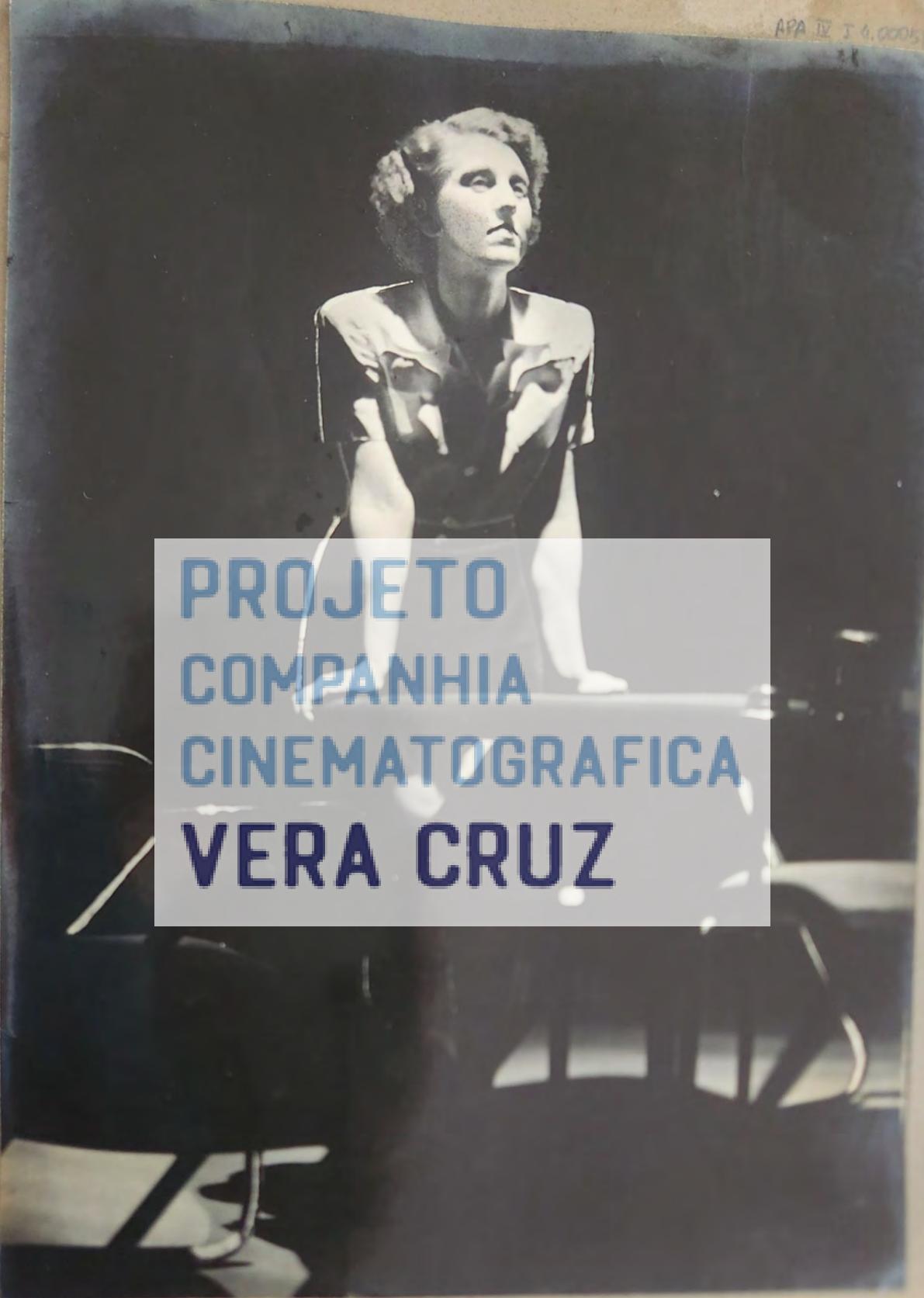
NK 11 1 60053 dep.



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

APA IV T 4.00057 dep.

Luis



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA
VERA CRUZ**



12
Alfredo e
Flávia

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**



PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ

WA II I 4-00524



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA**

VERA CRUZ

Rev Mesquita, Hilas, Lígia

Nº II 1 400093 And.



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA**

VERA CRUZ

Jean Meyer e Síglia

APARTE I 0.00075

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**





PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA
VERA CRUZ

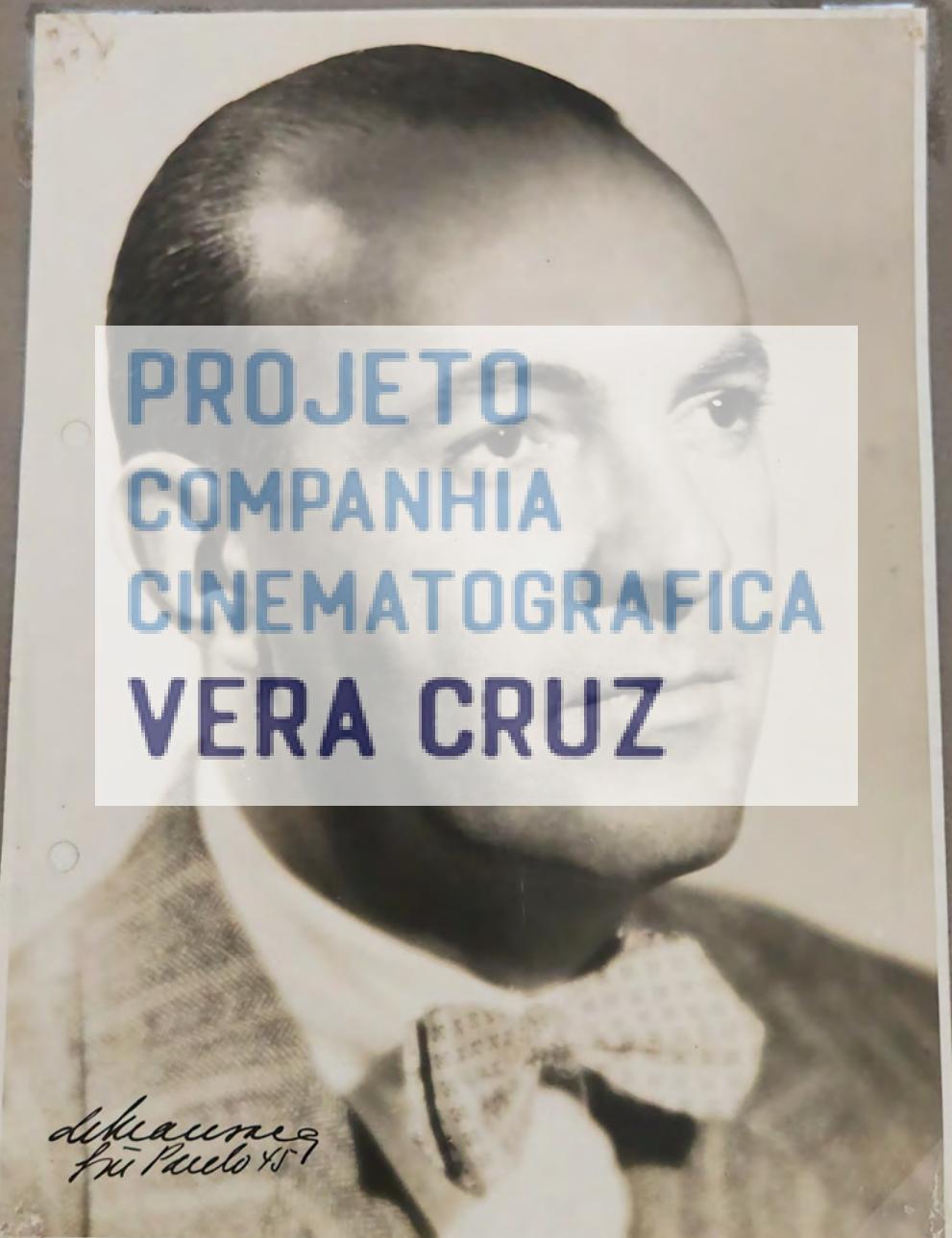
Projeto
Companhia
Cinematográfica
Vera Cruz



PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA
VERA CRUZ



PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA
VERA CRUZ



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

*de launay
São Paulo 1957*

APR. III 5-4.000

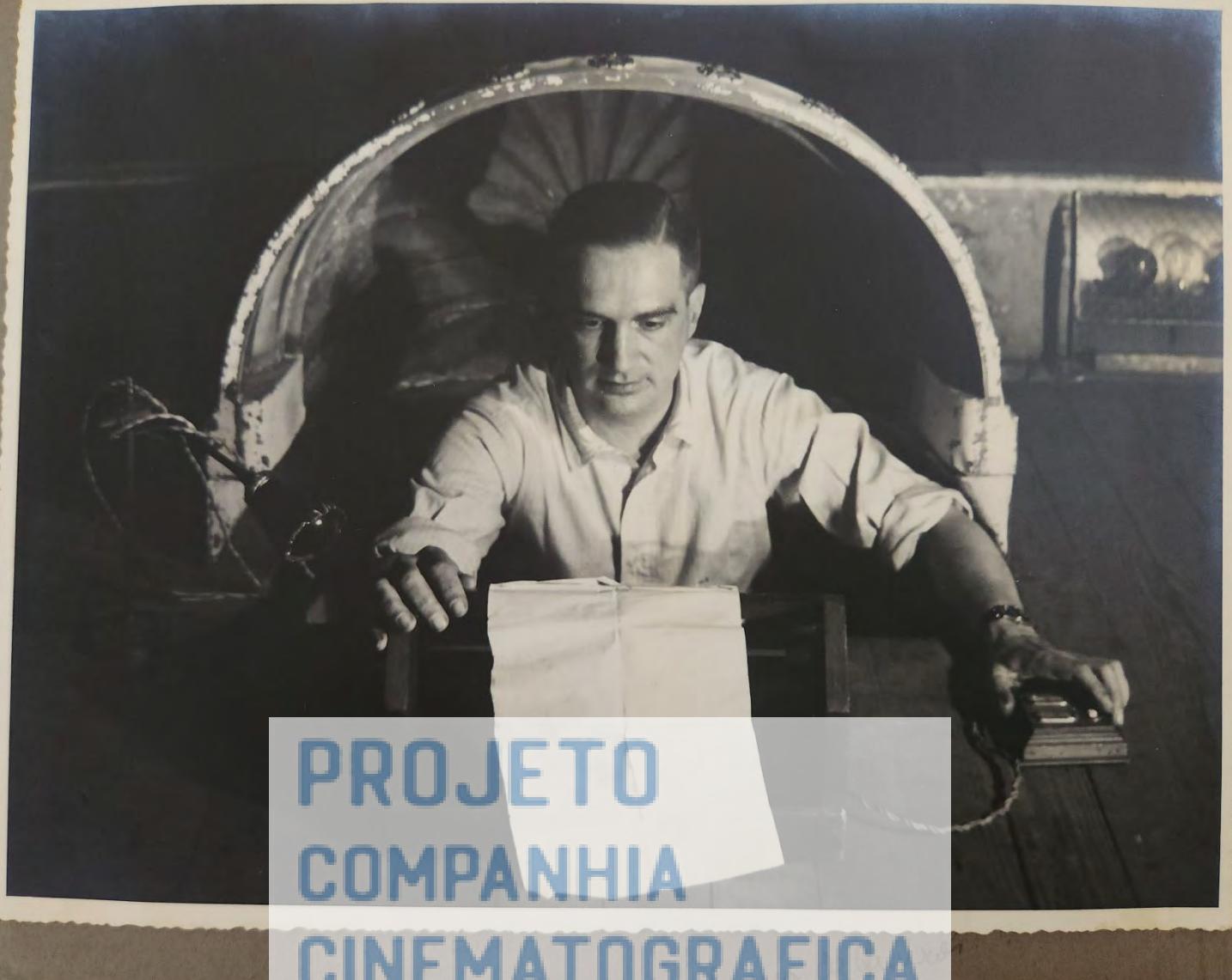


PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA

VERA CRUZ



PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA
VERA CRUZ



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**



PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA

VERA CRUZ



PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA

VERA CRUZ



PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA
VERA CRUZ



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA
VERA CRUZ**



PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA
VERA CRUZ



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA
VERA CRUZ**



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

*dedicado
ao Paço*

SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMÉDIA

(TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA)

SÃO PAULO

Rua Major Diogo, 311/323
Telefones: 36-4408 e 32-9912

RIO DE JANEIRO

Avenida Graça Aranha, 187
Telefones: 42-4090 e 42-4521

HISTÓRICO DO T.B.C.

O ano de 1954 foi fechado com a peça "Assassinato a Domicílio" de Frederick Knott.

No inicio de 1955 foi estreizada a peça "Santa Martha Fabril S/A", de Abilio Pereira de Almeida, sob a direção de Adolfo Celi. Esta peça teve sucesso notável de bilheteria e foi interrompida durante 2 dias em virtude do incêndio que castigou severamente o TBC em São Paulo, destruindo toda a cenografia de "Volpone" e afetando todas as instalações.

Em um esforço heróico, nos quais funcionários, artistas e simples empregados do TBC trabalharam noite e dia sem esmorecer, foi possível na quinta feira, a vesperal sem tapetes, com a sala ainda chamaescada e cheirando a fumaça humida, reiniciar os espetáculos, no mesmo tempo, para que o TBC pudesse refazer-se do rude golpe financeiro com a destruição dos seus pertences, Adolfo Celi iniciava no Rio de Janeiro a montagem da peça "Santa Martha Fabril S/A", tendo como protagonistas principais, Tonia Carrero e Paulo Autram.

Em São Paulo, com o segundo andar completamente destruído, sem carpintaria, se ensaiava "Volpone", ao mesmo que uma nova carpintaria completa era montada no tempo recorde de 5 dias.

"Volpone" e "Maria Stuart", sob a direção de Ziembinski, marcaram indiscutivelmente um ponto alto do TBC.

No fim de 1955, Aldolfo Celi, Paulo Autram, Tonia Carrero e Margarida Rey, desligaram-se do TBC para formar companhia própria, cujo nível artístico e de representação honra o Brasil e orgulha o TBC.

Contratava o TBC no fim do ano de 1955, o ensaiador belga, Maurice Vaneau, que depois de ter tido completo domínio da língua portuguesa, pode dirigir "A Casa de Chá do Luar de Agosto", estreada em Fevereiro de 1956. Esta peça, seja em São Paulo, seja no Rio de Janeiro, obteve o maior êxito de bilheteria até agora registrado nas duas capitais.

No mesmo tempo o regista italiano Gianni Rato, contratado pelo TBC, preparava "Barba de Anuãlh" e "Nova Vida com Papai", de Howard Lindsay e Russell Crouse, sendo esta última de grande sucesso no Rio de Janeiro.

No mesmo tempo em São Paulo, Maurice Vaneau dirigia "Gata em Teto de Zinco Quente", que teve um sucesso artístico com polemicas de primeiríssima ordem.

Em 1957, quando estava em cartaz em São Paulo a peça "A Rainha e os Rebeldes", e no Rio de Janeiro "A Gata em Teto de Zinco Quente", um terrível incêndio destruiu o Teatro Ginástico Português. O mais lamentável deste desastre, que teve proporções imensas, foi a morte heroica de um moço de 23 anos, Jayme Cabral (Pernambuco), que caiu asfixiado na porta, com o telefone na mão esquerda e o extintor na direita, tentando salvar o que mais amava, acima da própria vida: o teatro.

Transportou-se então o TBC, por generosa intervenção do Ministro Paschoal Carlos Magno junto ao Governo Federal, primeiro para o Teatro Municipal e depois para o Teatro Maison de France, onde até agora, 1958, permanece, enquanto aguarda a reabertura do Teatro Ginástico.

Em São Paulo estreava-se "Rua São Luiz, 27-S", de Abilio Pereira de Almeida, sob a direção de Alberto D'Aversa, novo diretor do TBC, igualando-se em sucesso de bilheteria ao alcançado pela "A Casa de Chá do Luar de Agosto", ficando em cartaz durante 7 meses.

- continua -

SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMÉDIA

(TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA)

SÃO PAULO

Rua Major Diogo, 311/323
Telefones: 36-4408 e 32-9912

- continuação nº 1 -

RIO DE JANEIRO

Avenida Graça Aranha, 187
Telefones: 42-4090 e 42-4521

No Rio de Janeiro, entretanto estreava sob a direção de Ziembinski, a peça "Adorável Julia". Esta peça no fim de 1957 se transportou para São Paulo, no Teatro Maria Della Costa, pois, no TBC, sob a direção de Alberto D'Aversa, estreava "Os Interesses Creados".

No fim de 1957, Ziembinski, Cacilda Becker, Cleide Yaconis, Walmor Chagas, Freddy Kleemann e Jorge Chaia, desligaram-se do TBC para formar o "Teatro Cacilda Becker", teatro esse que como o de "Tonio-Celi-Autram", e "Nidia Lycia e -- Sergio Cardoso" orgulha e honra o Teatro Brasileiro de Comédia.

O Ano de 1958 é tão recente que não convém fazer constar.

Desde a fundação do TBC dirigiram espetáculos, Abilio Pereira de Almeida, Adolfo Celi, Alberto D'Aversa, Armando Paschoal, Cacilda Becker, Gianni Ratto, Eugenio Kusnet, Flaminio Bollini Cerri, Luciano Salce, Madalena Nicol, Maurice Vaneau, Rugero Jacobbi e Ziembinski.

Foram cenógrafos do TBC, Aldo Calvo, Bassano Vacarini, Clovis Graciano, Gianni Ratto, Hilde Weber, Madalena Nicol, Maurice Vaneau, Mauro Francini, Nênia Cavalcanti e Sofia Lebre de Assumpção.

Foram figurinistas Aldo Calvo, Clara Heteny, Darcy Penteado, Luciana Petrucci, Michel Weber e Kalma Martinho.

O numero de artistas, figurantes, que passaram pelo TBC, somam a cerca de 150.

O TBC em São Paulo tem a sala de espetáculo e palco que atingem a um quinto da área ocupada pelos camarins, salas de ensaio, administração, carpintaria, cenografia, objetos de cena e guarda roupa.

Recebeu o Teatro Brasileiro de Comédia, os seguintes prêmios:-

SACY

Cacilda Becker - melhor atriz
Paulo Autran - melhor ator
Adolfo Celi - melhor diretor
T.B.C. - melhor espetáculo
Todos referente a peça Antigone.

"Na Terra como no Céu" - Mauro Francini - melhor cenógrafo.

"Divórcio para Três" - Ziembinski - melhor ator

"Assim é se Ihe Parece" - melhor espetáculo

"Volpone"

Walmor Chagas - melhor ator

TBC. - melhor espetáculo

"Santa Martha Fabril S/A" - Cleide Yaconis - melhor atriz

"A Casa de Cha do Luar de Agosto"

Maurice Vaneau - melhor diretor

TBC. - melhor espetáculo

"Eurídice" - Gianni Ratto - melhor direção

Gianni Ratto - melhor cenógrafo

Sady Cabral - melhor coadjuvante masculino

ASSOCIAÇÃO BRASIL CRITICOS TEATRAIS

"Dança das Camélias" - Cacilda Becker - melhor atriz - medalha de ouro

"Nossa Vida com Papai" - Kalma Martinho - melhor figurinista - medalha de ouro

Fernanda Montenegro - melhor atriz - medalha de ouro

Vire

- continua -

SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMÉDIA

(TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA)

SÃO PAULO

Rua Major Diogo, 311/323
Telefones: 36-4408 e 38-5919

- continuação nº 1 -

RIO DE JANEIRO

Avenida Graça Aranha, 187
Telefones: 42-1090 e 42-4521

meus versos

No Rio de Janeiro, entretanto estreava sob a direção de Ziembinski, a peça "Adorável Julia". Esta peça no fim de 1957 se transportou para São Paulo, - no Teatro Maria Della Costa, pois, no TBC, sob a direção de Alberto D'Aversa , estreava "Os Interesses Creados".

No fim de 1957, Ziembinski, Cacilda Becker, Cleide Yaconis, Walmor Chagas, Freddy Kleemann e Jorge Chaia, desligaram-se do TBC para formar o "Teatro Cacilda Becker", teatro esse que como o de "Toná-Celi-Autram", e "Nidia Lycia e -- Sergio Cardoso" ergulha e honra o Teatro Brasileiro de Comédia.

O Ano de 1958 é tão recente que não convém fazer constar.

Desde a fundação do TBC dirigiram espetáculos, Abilio Pereira de Almeida, Adolfo Celi, Alberto D'Aversa, Armando Paschoal, Cacilda Becker, Gianni Ratto , Eugenio Kusnet, Flaminio Bollini Cerri, Luciano Sales, Madalena Nicol, Maurice Vaneau, Rugero Jacobbi e Ziembinski.

Foram cenografos do TBC, Aldo Calvo, Bassano Vacarini, Clovis Graciano , Gianni Ratto, Hilde Weber, Madalena Nicol, Maurice Vaneau, Mauro Francini, Noêmia Cavalcanti e Sofia Lebre de Assumpção.

Foram figurinistas Aldo Calvo, Clara Heteny, Darcy Penteado, Luciana Petruccioli, Michel Weber e Kalma Martinho.

O numero de artistas, figurantes,que passaram pelo TBC, somam a cerca de 150.

O TBC em São Paulo tem a sala de espetáculo e palco que atingem a um quinto da área ocupada pelos camarins, salas de ensaio, administração, carpintaria, cenografia, objetos de cena e guarda roupa.

Recebeu o Teatro Brasileiro de Comédia, os seguintes prêmios:-

SACK

Cacilda Becker - melhor atriz
Pepe Autran - melhor ator
Adolfo Celi - melhor diretor
T.B.C. - melhor espetáculo
Todos referente a peça Antígona.

"Na Terra como no Céu" - Mauro Francini - melhor cenografo.

"Divórcio para Três" - Ziembinski - melhor ator

"Assim e se lhe Parece" - melhor espetáculo

"Volpone"

Walmor Chagas - melhor ator

TBC. - melhor espetáculo

"Santa Martha Fábril S/A" - Cleide Yaconis - melhor atriz

"A Caga de Cha do Luar de Agosto"

Maurice Vaneau - melhor diretor

TBC. - melhor espetáculo

"Eurídice" - Gianni Ratto - melhor direção

Gianni Ratto - melhor cenografo

Sady Cabral - melhor coadjuvante masculino

ASSOCIAÇÃO BRASIL, CRITICOS TEATRAIS

"Dama das Camélias" - Cacilda Becker - melhor atriz - medalha de ouro

"Nossa Vida com Papai" - Kalma Martinho - melhor figurinista - medalha de ouro

Fernanda Montenegro - melhor atriz - medalha de ouro

Vire

- continua -

SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMÉDIA

(TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA)

SÃO PAULO

Rua Major Diogo, 311/323
Telefones: 36-4408 e 32-9912

RIO DE JANEIRO

Avenida Graça Aranha, 187
Telefones: 42-4090 e 42-4521

- continuação nº 2 -

"Leonor de Mendonça" - Cleide Iaconis - melhor atriz-medalha de ouro
Mauro Francini - melhor cenografo-medalha de ouro
"Paiol Velho" - Abilio Pereira de Almeida - melhor autor-medalha de ouro
"A Casa de Cha do Luar de Agosto" - Italo Rossi - revelação de ator -

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO

"Paiol Velho" - Abilio Pereira de Almeida - melhor autor nacional
Luiz Linhares - melhor ator - medalha de ouro
Bassano Vacarini - melhor cenografo
"Leonor de Mendonça" - Leonardo Vilar - melhor ator

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRÍTICOS TEATRAIS

"A Casa de Cha do Luar de Agosto" -
Maria Helena - revelação de atriz
Maurice Vaneau - melhor diretor
TBC. - melhor espetáculo
"A Rainha é os Rebeldes" - Mauro Francini - melhor cenografo
"Os Interesses Creados" - Italo Rossi - melhor ator

PREMIO GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO

"Na Terra como no Céu" - Mauro Francini - melhor cenografo
"Assim e se lhe Parece" - Cleide Iaconis - melhor atriz
Waldemar Wey - melhor coadjuvante
"A Casa de Cha do Luar de Agosto" - Maurice Vaneau - melhor diretor
TBC. - melhor espetáculo

PREMIO ALFREDO BARROS

"Paiol Velho" - Abilio Pereira de Almeida - melhor autor nacional.

No anexo A, damos o repertório do TBC.

No anexo B, damos os espetáculos apresentados a convite do TBC.

11-III-919

GA cx.20
maio 1

CX
mo

Meu Sáshurui

Recebi o teu livro. Não é preciso dizer nada, bem sabes meu poeta irresistível quanto te comprehendo. Quero só te agradecer, e, isso fazendo o coração. Abraei o teu livro como se elle fôr uma criatura, e chorrei, meus perturbadora alegria, beijando-o com amor e saudade.

Para compreender a minha vida de batalha triste... seu amor. Para compreender!

E abrirei todo o carinho, toda a amizade do teu irmão... e ilustrador

D. Cordeiro

Canta
D.C
(1919, 19
1925,

trilhar o caminho da literatura.
quero ser impecilho a quem procura
os cace-

GA

VILLA FORTUNATA 21.XI.1946
1853 56 AVENIDA PAULISTA
SÃO-PAULO (BRAZIL)



Guilherme!

Hoje, a Sôs, agni na minha sala
de trabalho, pensei em você, lendo estes
versos de Corneille:

Je satisfais ensemble et peuple et coutisans
Et mes vers en tous lieux sont mes seurs partisans
Par leur seule beauté ma plume est estimée:
Je ne dois qu'à moi seul toute ma renommée.

B' a que acontece com você! Receba um abraço
muito afetuoso. Seu amigo

René Thiollier

PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA

VERA CRUZ

São Paulo, outubro, 6, 1952.-

Exmº Sr.

Francisco Matarazzo Sobrinho
M.D. Presidente da "Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo"
CAPITAL

Ilustre e presado amigo

Recebo como alta distinção o convite, que aceito e agradeço desvanecido, a mim dirigido pelo Serviço de Comemorações Culturais, dessa Autarquia, para os trabalhos de uma transcrição literária, que o torne "representável", do auto de José de Anchieta intitulado "Na Festa de São Lourenço", a ser incluído no programa comemorativo da Fundação da Cidade em 1954.

Peca trilingüe, do Século XVI, exigirá de mim, como labôr básico, a tradução, em versos septisílabicos rigorosamente rimados, dos textos castelhano e tupí, além de uma acomodação, para a inteligência geral, do texto português. E isso, com o cuidado extremo para um máximo de fidelidade ao pensamento e à forma, sem tirar ao original o sabor arcáico, ao mesmo tempo que o torne acessível ao público (pois que é da essência dos "autos", como dos "mystères", o caráter popular). São 1.493 (mil quatrocentos e noventa e tres) versos que reclamam essa acomodação e tradução. Depois, virá o meu trabalho de adaptação da peça à técnica teatral de hoje, e supervisão geral e constante da montagem (cenografia e costumes), da parte musical e coreográfica (pois que o "auto" tem cantos e bailados) etc., para que não fuja a representação ao rigor histórico.

Tudo isso — bem vê meu querido amigo — exigirá de mim, não sei por quantos dias, semanas ou meses, um absoluto "full-time". Estoy pensando nisso à margem da conversa pessoal que tive com nossos caros companheiros Roberto de Paiva Meira e Paulo Mendonça, e da carta de 1º do corrente, que me dirigiu o sr. Sebastião Meirelles Teixeira, DD. Diretor Geral do Serviço de Comemorações Culturais, quando me consulta sobre as condições em que poderia aceitar tal encargo. A única base, que se me oferece, para estabelecer o quantum de uma remuneração será a do Concurso aberto por essa Comissão para peças teatrais comemorativas do IV Centenário: a importância de Cr\$ 100.000 (cem mil cruzeiros), que tal será o primeiro prêmio para o trabalho escolhido. É essa — "cela va sans dire" — apenas uma sugestão, que submeto à apreciação do meu muito presado amigo.

Aguardando resposta sua, para dar início ao meu trabalho, e reiterando os meus agradecimentos pelo honroso convite, abraço-o muito cordialmente.

Seu amigo e admirador

Guilherme de Almeida

ULTIMA HORA

NOME:

MATERIAL:

LAUDA: TRÊS

01 Em razão disso, àquele tempo, as moças solteiras e casadoiras do "top-01
 02 set" paulistano sofriam uma concorrência desleal por parte das casadas02
 03 "et pour cause". A coisa chegou a tal ponto que, de certa feita, as03
 04 moças solteiras reuniram-se em assembleia e fundaram uma sociedade de-04
 05 nominada "Chá Paulista" em que o ingresso das senhoras casadas não era05
 06 permitido. Só para solteiras. O casamento da associada determinava a06
 07 sua exclusão automática do quadro social do Clube. Como era de se pre-07
 08 ver, a Sociedade Chá Paulista, que, quinzenalmente, promovia reuniões08
 09 dansantes nos salões do Grill Room do falecido Hotel Esplanada, teve-09
 10 curta duração.10
 11 **PROJETO**
 12 **COMPANHIA**
 13 **CINEMATOGRÁFICA**
 14 **VERA CRUZ**
 15
 16
 17
 18
 19
 20

ereira de. Proteção ao cinema nacional. **O Estado de São Paulo**,
2. Seção Dos Leitores, p. 59.

Dos Leitores

Proteção ao cinema nacional

Sr. Redator:

"Quando tomei contato com a Economia Política, defendia a cadeira, na Faculdade de Direito do Lgo. de São Francisco, o prof. Cardoso de Mello Neto, o Casusa, como os alunos do segundo ano das Arcadas lhe chamavam. Um dos pontos importantes da Cadeira era "Liberalismo e Protecionismo Industrial". Aquele tempo, em 1926-27, esse estudo implicava uma certa controvérsia. Posteriormente, a discussão passou a ter somente sabor histórico porque, sem sombra de dúvida, todos os países se agararam ao protecionismo, para a criação, sustento e manutenção de suas indústrias.

Foi à base do protecionismo fiscal, aduaneiro e cambial que se formou o nosso parque industrial e ainda é debaixo de leis, portarias e regulamentos que a maioria profundamente esmagadora de nossas fábricas sobrevive. Houve um tempo, justamente quando se criava a nossa indústria, em que bastava um grupo financeiro comprar um terreno para a construção de uma fábrica em São Bernardo e lá se ia uma comissão de representantes das classes conservadoras, quando não o próprio interessado, ao Governo Central, exigir medidas de proteção que, em suma, se consubstanciavam na taxação do similar estrangeiro. E o brasileiro teve que consumir tecido ordinário por preço muito mais alto que o produto textil estrangeiro, embora este de qualidade muito superior. E foi assim com quase todos os produtos industriais. E, digamos sem falso patriotismo ou patriotadas que, mesmo hoje, se liberarmos a casemira de Manchester, ou o automóvel americano ou europeu, ninguém aqui comprará o nosso Opala ou a casemira Aurora. Isso, a título de exemplo, porque, mesmo que eu não seja fiel aos números, acho que, pelo menos 99% de nossa indústria está nessas condições. Firmado este primeiro pressuposto que considero axiomatico, vamos ao específico cinema nacional.

PROJETO COMPARTILHADO CINEMA NACIONAL VERA CRUZ

Quando participei da fundação da Cia. Cinematográfica Vera Cruz, em 1949, primeira oportunidade em que pessoas de empresas como Zampari, Matarazzo Sobrinho, Rheingantz e Assunção se propuseram a erigir o cinema nacional em termos de indústria, a condição "protecionismo" era desconhecida e até propositalmente ignorada. O cinema brasileiro era manipulado por pessoas de baixo gabarito empresarial, a quem o governo central não ligava a menor importância. E houve quem ganhasse dinheiro nessa atividade, por incrível que pareça, não obstante a total ausência de discriminação contra o similar estrangeiro.

A situação era até inversa: o cinema estrangeiro era protegido contra a nossa cinematografia. É fácil de se explicar isso em números redondos e aproximados.

Digamos que o dólar oficial era cotado a vinte, quando no câmbio negro valia 100. Então, o que acontecia: com um preço de entrada de 20 cruzeiros, o produtor recebia a sua participação equivalente a 10. Mas, 10 cruzeiros que valiam mais ou menos a décima parte do real valor do dólar. No tocante ao cinema importado, também o produtor recebia seus 10 cruzeiros líquidos por entrada, mas esses mesmos 10 cruzeiros eram remetidos ao país de origem, à base do dólar oficial, o que quer dizer que, enquanto o produtor nacional apurava um líquido de 10 cruzeiros de cada entrada, o produtor estrangeiro recebia 50.

Em conclusão, o cinema estrangeiro era subvenzionado pelo governo, quando, com o restante da indústria, se dava exatamente o contrário. Garantiam essa situação as embaixadas dos países produtores e a Motion Pictures tinha aqui o Harry Stone, o embaixador de Hollywood, personalidade super-simpática, habil e por isso muito eficiente.

Dai a campanha terrível que se desenvolveu contra o emprendimento de Zampari o único que, no momento, poderia constituir uma ameaça em termos de competição, ao cinema americano.

Quando começamos a gritar contra esse estado de coisas e o negócio "engrossava" pelo lado de Harry Stone, vinha aqui o Eric Johnston, presidente da Motion Pictures, almoçava com o Juscelino, e o "galho" estava quebrado. Resultado: a Vera Cruz fracassou.

ALMEIDA, Abílio Pereira de. Nos tempos do TBC. **Ultima Hora**, [São Paulo], 21 fev. 1974. Seção Abílio Pereira de Almeida, 2º caderno.

Nos tempos do TBC

202.74

— Ai está o seu Anfitrião! exclamou o Abílio, apontando a Silveira Sampaio o Paulo Autran, corpo de atleta numa calção de banho. Estavam em plena praia, no Ipanema, pelas alturas da Montenegro, Mariinha (Tonia Carreiro), Thire, Guilherme de Figueiredo, Silveira Sampaio, Fernando de Barros e Abílio. Discutia-se a encenação da peça de Guilherme, uma nova versão do Anfitrião, denominada "Um Deus dormiu lá em casa". Paulo Autran, formado há pouco tempo, tinha escritório de advocacia montado e fazia teatro amador com Madalena Nicol. Integrou o conjunto do Teatro Brasileiro de Comédia, logo no seu inicio. "Abílio: é o começo de uma hora de arte", foi o cartão que o Abílio recebeu de Zampari quando este e Cícilo Matarazzo alugaram, por quatro anos, o predio em que ainda hoje se encontra o T.B.C. "O Teatro é dos amadores. Se der dinheiro ganham os amadores. Se não der perdem os des", foi a declaração de Cícilo. E reuniram-se em torno do T.B.C. quatro conjuntos de amadores; O Grupo de Teatro Experimental, fundado por Alfredo Mesquita, "Os Artistas Unidos", de Madalena Nicol', o "Grupo de Teatro Universitário" de Decio de Almeida Prado e o grupo saído dos ingleses, dirigido por Eagling. As peças encenadas, na ordem dos respectivos grupos, foram as seguintes: "A Mulher do Proximo", de Abílio, "Esquina Perigosa" de Priestley, em que estreou Paulo Autran; "Convite ao Bail" de Amouih e "Noite de 16 de Janeiro", também com Paulo Autran. Após ter inaugurado o T.B.C., foi o Grupo de Teatro

Experimental inaugurar o Teatro Copacabana, no Rio de Janeiro, com três peças: "A Mulher do Proximo", "Pif Paf", e "A Margem da Vida" numa versão de Esther Mesquita, da obra de Tennessee Williams. Com o G.T.E. foram Paulo Autran e Nidia Licia, entre outros, enquanto que no T.B.C. se levavam "Ingenuidade", "Entre Quatro Paredes", etc.. Silveira Sampaio que iria ser o diretor da peça de Figueiredo, aprovou com muito entusiasmo, a indicação de Autran para o Anfitrião, já que fizera muito sucesso em Tom Wingfield de "A Margem da Vida". O ator, entretanto, fez as maiores objeções ao convite, pois queria prosseguir com sua advocacia, em São Paulo e, sem outro argumento, pediu o salário mensal de 11 contos o que naquele tempo, era um absurdo, principalmente para um amador. Mas, os empresários Thire e de Barros aceitaram. E os ensaios começaram com furia, no Copacabana. Dias após, Paulo procura o Abílio, apavorado com a direção de Sampaio — É uma loucura! É naquele estilo. Abílio! São vários Silveira Sampaio em cena, esticando os braços e as pernas e gritando sem sentido. Eu não vou continuar. Vou mandar um bilhetinho e sumir. Nunca mais fazer teatro!" Abílio, a muito custo dissuadiu-o da ideia que, posta em execução, iria trazer grandes e irremovíveis complicações. E foi assistir a um ensaio. Era mesmo uma loucura! Enfim... a sorte estava lançada! E a peça estreou, depois de "A Margem da Vida", no Copacabana, no final do ano de 1948. Silveira Sampaio estava absolutamente certo: a peça foi enorme sucesso e ganhou todos os prêmios da crítica carioca. E o teatro brasileiro ganhou dois grandes intérpretes, Tonia Carreiro e Paulo Autran.

ALMEIDA, Abílio Pereira de. As festas dos Zampari. **Ultima Hora**, [São Paulo], 23 fev. 1974. Seção Abílio Pereira de Almeida, 2º caderno.

As festas *2.02.74* dos Zampari

Houve uma década, em São Paulo, em que quem melhor recebia era o casal Zampari. Uma residência não muito bonita, porém grande, salões, gramado para esportes, piscina de mármore italiano e um galpão, a "bodega" para almoço e prosa. A reunião de data fixa e irreversível era o *reveillon* de natal, a que comparecia a "crema de la crema", em número reduzido. Aperitivo à base de whiskey e cocktail de champagne; música que não entrava pelos ouvidos e sim pelo coração; caviar, paté de Strasbourg, champagne brut datê da melhor colheita e ceia de se tirar o chapéu. Tudo simples, natural, sem afetação ou ostentação. Como os Zampari eram muito dados às manifestações artísticas, e foi o que os arruinou sempre que vinham a São Paulo, companhias de teatro ou de balé, europeus, havia festa na Rua Guadalupe (663), com comparecimento, às vezes, exibição dos artistas. Também recebiam todos os domingos para um almoço, após um pouco de deck-tennis e piscina. O Pereira era um frequentador assíduo e permanente da reunião dos Zampari. Foi daí que nasceram o T.B.C. e a Vera Cruz. O Pereira, um dia, contará tudo o que sabe a respeito das duas entidades artísticas.

A propósito, mais uma historinha. Os Zampari recebiam o poeta Guilherme de Almeida que ia ler, após o jantar, um poema inédito de sua autoria, que se referia a "uma perola ao fundo de uma taça de vinho".

Depois de um lauto jantar, o poeta recostou-se a uma almofada, sobre um tapete persa finíssimo e sob uma luz dirigida. A audiência, ultra seleta em beleza e elegância, distribuiu-se pelos sofás e poltronas e pelo chão de mármore forrado de boucharas. E leu-se o poema que, diga-se de passagem, era muito bonito. Antes da leitura, o Príncipe dos Poetas Brasileiros e Acadêmico fez um pequeno preâmbulo, explicando a complicada técnica de versos, sílabas, cesuras e rimas coordenadas no poema, declarando que o escrevera ininterruptamente, em 24 horas, sem comer e sem dormir, junto à sua máquina de escrever, em sua mansarda, na sua residência, no Sumaré.

Terminada a exibição, foi o poeta aplaudido e ovacionado calorosamente, ouvindo-se exclamações assim: "Uma orgia de emoções", de Fifi Assunção; "Diria divino, não fora eu católico" de Paulo Assunção, candidato permanente a uma vaga na Academia Paulista de Letras. Guilherme se viu cercado pelas gracinhas mais elegantes de São Paulo e mais deslumbradas também. Faziam perguntas de todo o naipes. Queriam saber sobre seu estado de alma, antes e depois de escrever tal maravilha; se houve alguma musa inspiradora, ao que sua mulher, Dona Baby de Almeida franziu o sobrolho; e assim por diante. A Jahira estava lá, pacientemente, à espera de sua vez para fazer a sua pergunta e satisfazer a sua curiosidade. Mas o poeta estava muito assediado e as perguntas, em geral, eram de alto gabarito. Afinal chegou a vez da cunhada do Pereira, a nomeada Jahira, que acabou por perguntar: — Guilherme: você escreve à máquina com dois ou com dez dedos? Tableau! A reunião em torno do poeta logo se desfez. Jahira era uma senhora muito objetiva.

ALMEIDA, Abílio Pereira de. As festas dos Zampari. **Ultima Hora**, [São Paulo], 23 fev. 1974. Seção Abílio Pereira de Almeida, 2º caderno.

As festas *2.02.74* dos Zampari

Houve uma década, em São Paulo, em que quem melhor recebia era o casal Zampari. Uma residência não muito bonita, porém grande, salões, gramado para esportes, piscina de mármore italiano e um galpão, a "bodega" para almoço e prosa. A reunião de data fixa e irreversível era o réveillon de natal, a que comparecia a "crema de la crema", em número reduzido. Aperitivo à base de whiskey e cocktail de champagne; música que não entrava pelos ouvidos e sim pelo coração, caviar, pate de Strasbourg, champagne brut daté da melhor colheita e ceia de tirar o chapéu. Tudo simples, natural, sem afetação ou ostentação. Como os Zampari eram muito dados às manifestações artísticas, e foi o que os arruinou, sempre que vinham a São Paulo, companhias de teatro ou de balé, europeias, havia festa na Rua Guadalupe Vargas, com o comparecimento, às vezes, exibição dos artistas. Também recebiam todos os domingos para um almoço, após um pouco de deck-tennis e piscina. O Pereira era um frequentador assíduo e permanente da reunião dos Zampari. Foi daí que nasceram o T.B.C. e a Vera Cruz. O Pereira, um dia, contará tudo o que sabe a respeito das duas entidades artísticas.

A propósito, mais uma historinha. Os Zampari recebiam o poeta Guilherme de Almeida que ia ler, após o jantar, um poema inédito de sua autoria, que se referia a "uma perola ao fundo de uma taça de vinho".

Depois de um lento jantar, o poeta recostou-se a uma almofada, sobre um tapete persa finíssimo e sob uma luz dirigida. A audiência, ultra seleta em beleza e elegância, distribuiu-se pelos sofás e poltronas e pelo chão de mármore forrado de boukharas. E leu-se o poema que, diga-se de passagem, era muito bonito. Antes da leitura, o Príncipe dos Poetas Brasileiros e Acadêmico fez um pequeno preâmbulo, explicando a complicada técnica de versos, sílabas, cesuras e rimas coordenadas no poema, declarando que o escrevera ininterruptamente, em 24 horas, sem comer e sem dormir, junto à sua máquina de escrever, em sua mansarda, na sua residência, no Sumaré.

Terminada a exibição, foi o poeta aplaudido e ovacionado calorosamente, ouvindo-se exclamações assim: "Uma orgia de emoções", de Eiji Assunção; "Diria divino, não fora eu católico", de Paulo Assunção, candidato permanente a uma vaga na Academia Paulista de Letras. Guilherme se viu cercado pelas granfinas mais elegantes de São Paulo e mais deslumbradas também. Faziam perguntas de todo o naipe. Queriam saber sobre seu estado de alma, antes e depois de escrever tal maravilha; se houve alguma musa inspiradora, ao que sua mulher, Dona Baby de Almeida franziu o sobrolho; e assim por diante. A Jahira estava lá, pacientemente, à espera de sua vez para fazer a sua pergunta e satisfazer a sua curiosidade. Mas o poeta estava muito assediado e as perguntas, em geral, eram de alto gabarito. Afinal chegou a vez da cunhada do Pereira, a nomeada Jahira, que acabou por perguntar: — Guilherme: você escreve à máquina com dois ou com dez dedos? Tableau! A reunião em torno do poeta logo se desfez. Jahira era uma senhora muito objetiva.

ALMEIDA, Abílio Pereira de. Sentimento patriótico. *Última Hora*, [São Paulo], 28 fev. 1974. Seção Abílio Pereira de Almeida, 2º caderno.

Sentimento patriótico

28.02.74

O fato aconteceu nos alegres e gloriosos tempos da Livraria Jaraguá, quando de propriedade de Alfredo Mesquita.

A Jaraguá, depois das cinco, era um ponto de encontro, muito divertido sobre o heterogêneo. Senhoras e senhoritas da "haute gomme" que iam tomar seu chá; a sobrinha do Alfredo; o pessoal do Grupo do Teatro Experimental de São Paulo, de onde saiu o T.B.C. e a turma da massa cinzenta, professores e assistentes dos ditos cujos da U.S.P.

Nem bem o Alfredo dizia: — Até amanhã, minha gente, pode fechar, Zezinho, formava-se a turma do "crap". E jogava-se desbragadamente, sobre a comprida mesa central, rolando-se os dois dadinhos sobre Shakespeare, Molére, Racine, Goethe, Dürrell, Eca, Plínio Marcos (não precisa agradecer, Plínio, você merece). Era tanta a algazarra que o Alfredo descobriu e, numa tirada de bom humor, enquadrou e pendurou, em lugar proeminente, um azulejo com inscrições em castelhano que diziam mais ou menos, o seguinte: — "A los amigos se desean hijos, y los enemigos sobrinos."

Não passou desapercibido ao Pereira o fato de, certo dia, o Carlão, desinteressado do "crap", o que era inexplicável, a confabular, num canto isolado da Livraria, com o Sergio e o Paulo Coelho. Farejou e descobriu. E que viriam a São Paulo seis manecas do Balmain, para o desfile de "haute couture" daquele costureiro francês e entre elas Thérèse, gamada no Sergio e por isso lhe escrevera, comunicando-lhe a data. O problema era egoista: consistia em tirar os modelos de circulação, fora do alcance dos paqueras de costume. E como?

— Eureka! exclamou o Carlão, que não sabia grego e nem tomava banho de banheira. Vamos levar as pequenas prá fazenda. A família está viajando...

E combinaram os detalhes, deixando o Pereira de fora o que o fez roer as unhas até sangrar. Seis a três! Ia sobrar mulher prá burro! — E dai? Uma vez tem que dar zebra mesmo! E o Pereira roeu o último flapinho do dedão esquerdo.

O plano foi executado à risca. E, nem bem os modelos desfilaram, lá se foram eles com os felizardos, para a Fazenda, nas vizinhanças de Jundiaí. Linda fazenda! Tudo antigo, autêntico, confortável e de muito bom gosto. Fora da poluição, o que era muito importante. E o sol ajudando... Banho de piscina com miní-bikinis, durante o dia e top-less à noite. Um "sonho numa noite de verão", se não fosse um desgraçado de um borrachudo, que também quis tirar a sua casquinha e cravou seu ferrão na coxa de um "mannequin". Deu coceira, coçou e foi aquela bolota roxa! Imagine um manequim francês, tipo internacional, com aquele horrendo inchaço lilás na perna!

E as gaulezas que eram finas de corpo e grossas de educação, abriram o vocabulário, contra o nosso querido torrão natal. Ainda bem que foi em francês porque o que se ouviu, traduzindo-se em vernáculo, só nas casinhas da Praça da República, produto de fraca imaginação de seus usuários. Em dado momento, o Carlão estourou e expulsou as manecas da fazenda. Voltaram de cutucavação "chauffeur" e olhe lá, porque poderiam pegar a segunda classe da Paulista. E Carlão explicou, um tanto desolado: — Pois é! Me deu o patriotismo!

E os três foram afogar seus sentimentos brasílicos, no anti-patriótico "scotch".

1
anis e papel para as

ALMEIDA, Abílio Pereira de. Uma guinada de 180 graus. **Última Hora**, [São Paulo], 22 maio 1974. Seção Abílio Pereira de Almeida, 2º caderno.

Uma guinada de 180 graus

2205.74

Os jornais estão anunciando a demolição dos estúdios da Vera Cruz. Em seu lugar, um "shopping center". Seu fundador foi Franco Zampari. Quando Zampari deixou a Itália e veio a São Paulo, onde se casou com paulista de muito boa cepa, era engenheiro formado e especializado em metalurgia. Aliou-se a Francisco Matarazzo. Sobrinho e com ele fundou a Metalurgica Matarazzo, um colosso industrial, com fábricas em diversos pontos do País. As primeiras máquinas e linhas de montagem obedeceram ao desenho do próprio Zampari. Ele tornou-se milionário, com vasta mansão no melhor ponto do Jardim América, apartamentos no Guarujá, no Rio de Janeiro, automóveis e muitos haveres. O casal Zampari era quem melhor recebia em São Paulo, na "high society" e com maior frequência. Um belo dia decidiu retribuir a São Paulo uma parte daquele que de São Paulo recebeira. E fundou o Teatro Brasileiro de Comédia que logo se tornou a maior organização teatral da América do Sul. Alugou um prédio de 5 pavimentos na Rua Major Diogo e montou no subsolo duas salas de ensaio; no terceiro o teatro com 360 lugares, tratamento acústico, palcos com plataformas rotativas, cavaletes, permitindo várias mudanças de cenário em cena aberta; o mais moderno aparelhamento de luz, possibilitando cerca de 300 mutações no desenrolar da peça. No 2º pavimento, a marcenaria e carpintaria onde se fabricavam os moveis e objetos de cena; no terceiro, a seção de costura, onde se confeccionava o guarda-roupa e no último andar o almoxarifado e a contabilidade.

Tinha como contratados permanentes cinco diretores: Ziembinsky, Celi, Salce, Bolini, Jacobi; quatro cenógrafos: Aldo Calvo, Túlio Costa, Gianni Ratto e Francini; um elenco de 33 atores. O diretor se dava ao luxo de escolher entre cinco primeiras atrizes, o seu principal papel feminino. O mesmo em relação aos atores. Do T. B. C. saíram várias companhias: a de Cacilda Becker com Walmor Chagas, Ziembinsky e Freddi Klemenn; a de Nídia Licia, Sérgio Cardoso; o Teatro dos Sete, com o casal Fernanda Montenegro e Fernando Torres e mais Sérgio Brito e Italo Rossi; a companhia Tonina Celi-Autran e um pouco mais tarde, Cleide Yaconis, Nathalia Timberg, Miriam Mehler... O T. B. C. foi uma escola. Não satisfeito, Franco Zampari fundou a Cinematográfica Vera Cruz que logo se tornou o maior parque cinematográfico da América do Sul. Tudo era grande. Foram grandes os erros, porém, bem maiores os acertos. Em 4 anos, Zampari, construindo, ensinando, importando, filmando, conseguiu 42 prêmios com suas produções filmadas inclusive Cannes e Veneza. Ao invés de abaixo-assinados e nome em teatro, Zampari foi vítima de sordida campanha, tanto no teatro como no cinema, ao ponto de ir a polícia a sua casa para averiguar se a sua piscina de mármore tinha sido construída com dinheiros públicos. Quando Zampari desceu do avião, com o Leão de Bronze ganho em Veneza, com Sinhá Moça, não estava a sua esperada, a fim de recebê-lo e justamente aclamá-lo, o pessoal do "ambiente", que hoje assina listas, listinhas e listões. Estava lá um oficial de justiça para citá-lo de uma penhora requerida pelo Banco do Brasil, por um débito de principal e juros de 34 mil contos! É que Zampari, não disputava subvenções, nem cavava e pagava; e era quem melhor pagava aos seus artistas e técnicos. E os Bancos oficiais que, segundo se diz, lhe deram ajuda, foram as instituições que lhe tomaram tudo. Franco perdeu o T. B. C., a Vera Cruz sua casa, seus automóveis, tudo. Morreu pobre, cercado de taças, medalhas e galardões. Francamente, de seu tempo para cá, houve uma guinada de 180 graus.

Uma guinada de 180 graus

Os jornais estão anunciando a demolição dos estúdios da Vera Cruz. Em seu lugar, um "shopping center". Seu fundador foi Franco Zampari. Quando Zampari deixou a Itália e veio a São Paulo, onde se casou com paulista de muito boa cepa, era engenheiro formado e especializado em metalúrgica. Aliou-se a Francisco Matarazzo. Sobrinho e com ele fundou a Metalúrgica Matarazzo, um colosso industrial, com fábricas em diversos pontos do País. As primeiras máquinas e linhas de montagem obedeceram ao desenho do próprio Zampari. Ele tornou-se milionário, com vasta mansão no melhor ponto do Jardim América, apartamentos no Guarujá, no Rio de Janeiro, automóveis e mais haveres. O casal Zampari era quem melhor recebia em São Paulo, no "high society" e com maior freqüência. Um belo dia decidiu retribuir a São Paulo uma parcela do que de São Paulo recebeira. E fundou o Teatro Brasileiro de Comédia que logo se tornou a maior organização teatral da América do Sul. Alugou um prédio de 5 pavimentos à R. Major Diogo e montou: no subsolo, duas salas de ensaios; no térreo o teatro com 300 lugares, tratamento acústico, palcos com plataformas rotativas e carroçaveis, permitindo várias mudanças de cenário em cena aberta; o mais moderno aparelhamento de luz, possibilitando cerca de 300 mutações no desenrolar da peça. No 2.o pavimento, a marcenaria e carpintaria onde se fabricavam os moveis e objetos de cena; no terceiro, a secção de costura, onde se confeccionava o guarda-roupa e no último andar o almojarifado e a contabilidade.

Tinha como contratados permanentes cinco diretores: Ziembinsky, Celli, Salce, Bolini, Jacobi; quatro cenógrafos: Aldo Calvo, Túlio Costa, Gianni Ratto e Francini; um elenco de 33 atores. O diretor se dava ao luxo de escolher entre cinco primeiras atrizes, o seu principal papel feminino. O mesmo em relação aos atores. Do T. B. C. saíram várias companhias: a de Cacilda Becker com Walmor Chagas, Ziembinsky e Freddi Klemenn; a de Nidia Licia-Sergio Cardoso; o Teatro dos Sete, com o casal Fernanda Montenegro e Fernando Torres e mais Sergio Brito e Italo Rossi; a companhia Tonia-Celi-Autran e um pouco mais tarde, Cleide Yaconis, Nathalia Thimberg, Miriam Mehler... O T. B. C. foi uma escola. Não satisfeito, Franco Zampari fundou a Cinematográfica Vera Cruz que logo se tornou o maior parque cinematográfico da América do Sul. Tudo era grande. Foram grandes os erros, porém, bem maiores os acertos. Em 4 anos, Zampari, construindo, ensinando, importando, filmando, conseguiu 42 prêmios com suas produções filmicas inclusive Cannes e Veneza. Ao invés de abajur-assinados e nome em teatro, Zampari foi vítima de sordida campanha, tanto no teatro como no cinema, ao ponto de ir a polícia a sua casa para averiguar se a sua piscina de mármore tinha sido construída com dinheiros públicos. Quando Zampari desceu do avião, com o Leão de Bronze ganho em Veneza, com Sinhá Moça, não estava a sua espera, a fim de recebê-lo e justamente aclamá-lo, o pessoal do "ambiente", que hoje assina listas, listinhas e listões. Estava lá um oficial de justiça para citá-lo de uma penhora requerida pelo Banco do Brasil, por um débito de principal e juros de 34 mil contos! É que Zampari, não disputava subvenções, nem cavações e pagava; e era quem melhor pagava aos seus artistas e técnicos. E os Bancos oficiais que, segundo se diz, lhe deram ajuda, foram as instituições que lhe tomaram tudo. Franco perdeu o T. B. C., a Vera Cruz sua casa, seus automóveis, tudo. Morreu pobre, cercado de taças, medalhas e galardões. Francamente, de seu tempo para cá, houve uma guinada de 180 graus.

ALMEIDA, Abílio Pereira de. Por que não gosto da especializada. **AQUI**, São Paulo, 27 nov. 1975 a 3 dez. 1975. Cultura, Seção Teatro, p. 25.

ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA

TEATRO

Por que não gosto da especializada

1 — Há muito tempo venho acalentando a idéia de escrever sobre teatro. É que considerando o escalão superior da atividade cênica, nela já fiz de tudo e reiteradamente. Desde 1936. Fui ator, autor, diretor e empresário de teatro amador; fui ator, autor, diretor, empresário e produtor independente de teatro profissional. Tenho um acervo de 16 peças encenadas, das quais 12 com indiscutível sucesso de público, aferido pela gordia receita de bilheteria.

Das bem sucedidas, apenas três alcançaram o apoio da crítica especializada (daqui por diante direi a "especializada", entre aspas, como se vê). As demais foram fragorosamente malhadas, sem embargo de haverem restaurado finanças de companhias em estado pré-insolvente. Por outro lado, também ganhei minhas láureas até umas medalhinhas de ouro. E aí é que está a grande novidade: fiz de tudo em teatro, só não fui crítico enquanto fui "especializado", com raríssimas exceções, nada fez no ramo, a não ser crítica. Eis, portanto, minhas credenciais. O que sei de teatro, e penso que não é pouco, aprendi nas salas de ensaios, desde 1936, sob horário dobrado de trabalho (que horário?!): na azáfama tragicômica da coxia; sob o calor da ribalta e das gambiarras; no "suspense" da bilheteria. Sofri na carne o problema da censura, em seus diversos estágios. E suportei, com um sorriso de Gioconda nos lábios, os imprevisíveis julgamentos da classe teatral, a que chamariei de "ambiente" (também entre aspas). Eu vivi o teatro; os da "especializada", em

sua quase unanimidade, julgaram-no ao sabor de seus altos conhecimentos literários informados na placidez gélida e desumanas das bibliotecas.

E aí está o que eu chamaria de preâmbulo do prefácio.

2 — Não aceito, para a minha nova tarefa, a classificação de **crítico teatral**. Considero uma denominação pretenciosa e arrogante. Preferiria assumir a condição de um redator de teatro, que informa, que dá a notícia do espetáculo e do que vai pelo "ambiente"; que analisa e estuda os aspectos negativos e positivos da peça encenada. E, basicamente: que não julga, nem aponta o dedo. Emite o seu parecer, condicionado às iniciais S.M.J. (Salvo Melhor Juiz), à moda dos juriconsultos.

3 — Sou totalmente solidário com o "ambiente", em todas as suas reivindicações, desde que não determinadas por matizes políticos, sejam de direita ou de

esquerda. Diria **incondicionalmente** solidário, não fosse a pequena parcela de mau-caráter que nele, afinal, se descobre.

4 — Considero um imperativo de honestidade, no desempenho de minha tarefa de redator de teatro, dar a **notícia** da apresentação, juntamente com a sua análise. O volume de audiência. A reação do público. Juízos colhidos a respeito, aqui e acolá. Penso, s.m.j., que assim se esclarece, assim se informa e se faz jornalismo. Há quem se sirva da crítica, para repudiar no desastre do empreendimento, da má conduta de uma interpretação, de uma direção mal orientada e por aí.

Até retardam a publicação do trabalho, para achar a frase lapidária, pseudo-gozada e aniquiladora. E a "trouvaille" pretensamente espirituosa que tritura e joga à lata do lixo seis meses de trabalho e outro tanto de esperanças. E tem sido fácil esse procedimento, ante a fraca possibilidade de reação do prejudicado.

5 — Eis, portanto, minhas opiniões, certo de que a inteligência de meus eventuais leitores suprirá as deficiências da exposição. Um fato, porém, ficou muito claro, inequívoco. Não gosto da "especializada". Espero que por tudo isso se entenda que não aprecio a classe como classe; em sua estruturação, como conjunto, como forma de agir e como vem agindo. Isoladamente, à maneira de Emil Ludwig julgando o alemão e seu povo, isoladamente, estimo muitos de seus elementos, com alguns dos quais mantendo até relações de amizade, de respeito e de admiração. Mas, quando estão juntos... é fogo!



A crítica nem sempre respeita o trabalho dos profissionais

ALMEIDA, Abílio Pereira de. Por que não gosto da especializada. **AQUI**, São Paulo, 27 nov. 1975 a 3 dez. 1975. Cultura, Seção Teatro, p. 25.

ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA

TEATRO

Por que não gosto da especializada

1 — Há muito tempo venho acalentando a idéia de escrever sobre teatro. É que considerando o escalão superior da atividade cênica, nela já fiz de tudo e reiteradamente. Desde 1936. Fui ator, autor, diretor e empresário de teatro amador; fui ator, autor, diretor, empresário e produtor independente de teatro profissional. Tenho um acervo de 16 peças encenadas, das quais 12 com indiscutível sucesso de público, aferido pela gorda receita de bilheteria.

Das bem sucedidas, apenas três alcançaram o apoio da crítica especializada (daqui por diante direi a "especializada", entre aspas, como se vê). As demais foram fragorosamente malhadas, sem embargo de haverem restaurado finanças de companhias em estado pré-insolvente. Por outro lado, também ganhei minhas lâureas até umas medalhinhas de ouro. E aí é que está a grande novidade: fiz de tudo em teatro, só não fui crítico enquanto que a "especializada" (com raras exceções, nada fez no ramo, a não ser crítica. Eis, portanto, minhas credenciais. O que sei de teatro, e penso que não é pouco, aprendi nas salas de ensaios, desde 1936, sob horário dobrado de trabalho (que horário?!): na azáfama tragicômica da coxia; sob o calor da ribalta e das gambiarras; no "suspense" da bilheteria. Sofri na carne o problema da censura, em seus diversos estágios. E suportei, com um sorriso de Gioconda nos lábios, os imprevisíveis julgamentos da classe teatral, a que chamarei de "ambiente" (também entre aspas). Eu vivi o teatro; os da "especializada", em

sua quase unanimidade, julgáram-no ao sabor de seus altos conhecimentos literários informados na placidez gélida e desumanas das bibliotecas.

E aí está o que eu chamaria de preâmbulo do prefácio.

2 — Não aceito, para a minha nova tarefa, a classificação de **crítico teatral**. Considero uma denominação pretenciosa e arrogante. Preferiria assumir a condição de um redator de teatro, que informa que dá a notícia do espetáculo e do que vai pelo "ambiente"; que analisa e estuda os aspectos negativos e positivos da peça encenada. Ei basicamente: que não julga, nem aponta o dedo. Emite o seu parecer, condicionado as iniciais S.M.J. (Salvo Melhor Juizo), à moda dos jurados consultos.

3 — Sou totalmente solidário com o "ambiente", em todas as suas reivindicações, desde que não determinadas por matizes políticos, sim de direita ou de

esquerda. Diria **incondicionalmente** solidário, não fosse a pequena parcela de mau-caráter que nele, afinal, se descobre.

4 — Considero um imperativo de honestidade, no desempenho de minha tarefa de redator de teatro, dar a **notícia** da apresentação, juntamente com a sua análise. O volume de audiência. A reação do público. Juízos colhidos a respeito, aqui e acolá. Penso, s.m.j., que assim se esclarece, assim se informa e se faz jornalismo. Há quem se sirva da crítica, para repudiar no desastre do empreendimento, da má conduta de uma interpretação, de uma direção mal orientada e por aí.

Até retardam a publicação do trabalho, para achar a frase lapidar, pseudo-gozada e aniquiladora. E a "trouville" pretensamente espirituosa que tritura e joga à lata do lixo seis meses de trabalho e outro tanto de esperanças. E tem sido fácil esse procedimento, ante a fraca possibilidade de reação do prejudicado.

5 — Eis, portanto, minhas opiniões, certo de que a inteligência de meus eventuais leitores suprirá as deficiências da exposição. Um fato, porém, ficou muito claro, inequívoco. Não gosto da "especializada". Espero que por tudo isso se entenda que não aprecio a classe como classe; em sua estruturação, como conjunto, como forma de agir e como vem agindo. Isoladamente, à maneira de Emil Ludwig julgando o alemão e seu povo, isoladamente, estimo muitos de seus elementos, com alguns dos quais mantendo até relações de amizade, de respeito e de admiração. Mas, quando estão juntos... é fogo!



A crítica nem sempre respeita o trabalho dos profissionais

ALMEIDA, Abílio Pereira de. Receita para uma peça de sucesso: mais uma cor no arco-íris. *Aqui*, São Paulo, 04 a 10 dez. 1975. Caderno Cultura, seção teatro, p. 27.

Receita para uma peça de sucesso: Mais uma cor no arco-íris

Esse nome da peça se nos afigura muito adequado, porque traz conotações de ordem física, com vistas aos colegiais, e implica toda uma simbologia de ordem psico-social, em relação às cores, o que interessa científicamente aos universitários. E, de certo modo, se configura um "suspense", em se saber qual a nova cor descoberta no espectro solar e seu significado físico e abstrato. Vislumbra-se, pois, através do título, uma promessa de cultura, profundidade e arejamento, o que é muito bom, mormente em atenção às exigências da "especializada".

TEMA — Como o nosso público de teatro não é propriamente um exemplo de boa educação, eis que não respeita o horário, este, digamos de passagem, que também não costuma ser observado pelo empresário — e os retardatários provocam notável poluição sonora, prejudicando a audiência dos que se deram ao cuidado de chegar na hora, ou com antecipação, é recomendável que o autor não entre, "ab initio", na temática da peça, com prejuízo para seu perfeito entendimento. Aconselhamos um nariz de cera de três minutos. Na espécie, sugerimos uma projeção prévia de "slides" em cor, sobre motivos bíblicos, como que se enquadre a produção, além que se imprime um halo de cultura ao espetáculo. A série de "slides" a ser projetada pode constituir na sequência da expulsão de Adão e Eva do Paraíso, após comerem o fruto proibido. O "slide" nº 1, será a citação bíblica em caracteres góticos: — "Comerás o pão com o suor de teu rosto" — (Gênesis, III, 19). Os quadros seguintes apresentarão Adão e Eva totalmente nus, como na Bíblia. A mulher pode se apresentar com uma vasta cabeleira, encobrindo discretamente suas vergonhas e Adão será fotografado naturalmente, sem mostrar, com nitidez, o órgão sexual. Estes cuidados serão observados, principalmente, na exibição especial para os senhores da Censura. Nos espetáculos de rotina, não se terá a ridícula preocupação de se ocultarem os respectivos sexos. Recomendamos um casal maravilho-



so, escultural: nada de um Adão com cara de macaco e uma Eva gordota e rechonchuda. O fundo musical será Debussy — "L'après midi d'un faune". Mencionar o nome da música no programa. No último "slide", quando Adão e Eva estão deitados, um sobre o outro, ouve-se o vós em "off": — Adão, onde estás? (Gen. III, 9). Há uma fusão sonora e, após, uma fusão de imagem, pois a tela de projeção some-se, bipartindo-se, dando lugar a uma cena real de nossos intérpretes; por mera coincidência, o homem chama-se Adão; e Violeta, a mulher. Os dois aparecem nus, na mesma posição e situação como no "slide". Será sem dúvida uma "trouville" que será aplaudida em cena aberta, rigorosamente a Censura. Tiver uma claque bem organizada! A se iniciá-la, propriamente, a peça. O casal se ama freneticamente numa "garçonne", decoração oriental. Quem bate à porta, perguntando por Adão, é o sócio deste na dita cuja que, por coincidência, é o marido da senhora em flagrante adultério. — "Meu marido Jonas! Estou perdida! E, enquanto os dois se vestem, Jonas continua do lado de fora: — "Hoje era meu dia, Adão. Você tem que sair em 15 minutos e deixe tudo bem arrumadinho, que tenho meu programinha". Então Violeta, que é muito perspicaz, percebe que o marido a engana e ainda por cima possui uma "garçonne" em sociedade com seu amante. É demais! Quer reagir, no que é impedida por Adão que lhe demonstra a reciprocidade do adultério. Toda a cena é decorada com aquele palavrão que nós já imaginamos. Não

há uma palavrinha. É tudo no aumentativo. Afinal, sai o primeiro casal e entra o segundo: Jonas com Margarida ou Margô, a mulher de Adão (vejam a coincidência!). Violeta, porém, que é ilógica, como todas as mulheres, irrompe em cena e flagra o adultério. Violenta discussão, à base do xingamento não em alto calão. E entra Adão e constata toda a infâmia. E parte para o bofetão. Fim do primeiro ato.

SEGUNDO ATO — Inicia-se um monólogo de Adão sobre a deterioração do casamento como instituição, dando conotações levemente subversivas a exposição, com vistas a "festiva". Nunca esquecer as tiradas com bafejos de cultura. Enriquece a peça e a "especializada" a classificará de psicodrama tragi-cômico. Depois vem o diálogo civilizado e compreensivo e concluem os casais pela permuta de cônjuges. É a lógica dos fatos. Mas, como as mulheres são ilógicas, passam a enganar os novos maridos com os velhos maridos. Novas brigas e desentendimentos e desfazem tudo para voltarem a primitiva situação. E o final feliz, considerando-se todo o acontecido como um experimento válido que produziu benéficos efeitos.

RECOMENDAÇÕES FINAIS — 1º) — Mencionar no programa, com ênfase, o aspecto altamente social do entrecho. 2º) — É claro que, se o autor da peça pertencer ao sexo feminino, lógico e inconsequente será o marido, ou os maridos, invertendo-se as iniciativas. 3º) — Uma cópia especial para a Censura com 10% dos palavrões, o que será observado no ensaio geral em que Ela estiver presente. 4º) — O sucesso de crítica não pesa muito na bilheteria, mas satisfaaz intimamente ao dramaturgo e a todo o elenco. Mister, pois, se torna a badalação da "especializada". Ninguém é insensível a uma badalação sutil e inteligente, ainda mais quando entra o jogo do sexo. 5º) — E a cor referida no título da peça? Esquecêmo-la. O título de uma peça tem função puramente promocional.

E, afinal, que seja tudo pelo nosso teatro!

ALMEIDA, Abílio Pereira de. Receita para uma peça de sucesso: mais uma cor no arco-íris. *Aqui*, São Paulo, 04 a 10 dez. 1975. Caderno Cultura, seção teatro, p. 27.

Receita para uma peça de sucesso: Mais uma cor no arco-íris

Esse nome da peça se nos afigura muito adequado, porque traz conotações de ordem física, com vistas aos colegiais, e implica toda uma simbologia de ordem psico-social, em relação às cores, o que interessa cientificamente aos universitários. E, de certo modo, se configura um "suspenso", em se saber qual a nova cor descoberta no espectro solar e seu significado físico e abstrato. Vislumbra-se, pois, através do título, uma promessa de cultura, profundidade e arejamento, o que é muito bom, momentaneamente em atenção às exigências da "especializada".

TEMA — Como o nosso público de teatro não é propriamente um exemplo de boa educação, eis que não respeita o horário, este, digamos de passagem, que também não costuma ser observado pelo empresário — e os retardatários provocam notável poluição sonora, prejudicando a audiência dos que se deram ao cuidado de chegar na hora, ou com antecipação, é recomendável que o autor não entre, "ab initio", na temática da peça, com prejuízo para seu perfeito entendimento. Aconselhamos um nariz de cera de três minutos. Na espécie, sugerimos uma projeção prévia de "slides" em cor sobre motivos bíblicos, com o que se enriquece a produção, além de se imprimir um halo de cultura ao espetáculo. A seqüência de "slides" a ser projetada pode se constituir na sequência da expulsão de Adão e Eva do Paraíso, após comerem o fruto proibido. O "slide" nº 1, será a citação bíblica em caracteres góticos: — "Comerás o pão com o suor de teu rosto" — (Génesis, III, 19). Os quadros seguintes apresentarão Adão e Eva totalmente nus, como na Bíblia. A mulher pode se apresentar com uma vasta cabeleira, encobrindo discretamente suas vergonhas e Adão será fotografado naturalmente, sem mostrar, com nitidez, o órgão sexual. Estes cuidados serão observados, principalmente, na exibição especial para os senhores da Censura. Nos espetáculos de rotina, não se terá a ridícula preocupação de se ocultarem os respectivos sexos. Recomendamos um casal maravilho-



so, escultural; nada de um Adão com cara de macaco e uma Eva gordota e rechonchuda. O fundo musical será Debussy — "L'après midi d'un faune". Mencionar o nome da música no programa. No último "slide", quando Adão e Eva estão deitados, um sobre o outro, ouve-se o vós em "off": — Adão, onde estas? (Gen. III, 9). Há uma fusão sonora e, após, uma fusão de imagem, pois a tela de projeção some-se, bipartindo-se, dando lugar a uma cena real de nossos intérpretes; por mera coincidência, o homem chama-se Adão; e Violeta, a mulher. Os dois aparecem nus na mesma posição e situação como no "slide". Será sem dúvida uma "trouvaille" que será aplaudida em cena, talvez momente se Adão tiver uma claque bem organizada. A seqüência, propriamente, a peça. O casal se amaria fervidamente numa "garçonneire" decoração oriental. Quem bate à porta, perguntando por Adão, é o sócio deste na dita cuja que, por coincidência, é o marido da senhora em flagrante adultério. — "Meu marido Jonas! Estou perdida!" E, enquanto os dois se vestem, Jonas continua do lado de fora: — "Hoje era meu dia, Adão. Você tem que sair em 15 minutos e deixe tudo bem arrumadinho, que tenho meu programinha". Então Violeta, que é muito perspicaz, percebe que o marido a engana e ainda por cima possui uma "garçonneire" em sociedade com seu amante. É demais! Quer reagir, no que é impedida por Adão que lhe demonstra a reciprocidade do adultério. Toda a cena é decorada com aquele palavrão que nós já imaginamos. Não

há uma palavrinha. É tudo no aumentativo. Afinal, sai o primeiro casal e entra o segundo: Jonas com Margarida ou Margô, a mulher de Adão (vejam a coincidência!). Violeta, porém, que é ilógica, como todas as mulheres, irrompe em cena e flagra o adultério. Violenta discussão, à base do xingamento não em alto calão. E entra Adão e constata toda a infâmia. E parte para o bofetão. Fim do primeiro ato.

SEGUNDO ATO — Inicia-se um monólogo de Adão sobre a deterioração do casamento como instituição, dando conotações levemente subversivas a exposição, com vistas a "festiva". Nunca esquecer as tiradas com bafejos de cultura. Enriquece a peça e a "especializada" a classificará de psicodrama tragicómico. Depois vem o diálogo civilizado e compreensivo e concluem os casais pela permuta de conjuges. É a lógica dos fatos. Mas, como as mulheres são ilógicas, passam a enganar os novos maridos com os velhos maridos. Novas brigas e desentendimentos e desfazem tudo para voltarem a primitiva situação. E o final feliz, considerando-se todo o acontecido como um experimento válido que produziu benéficos efeitos.

RECOMENDAÇÕES FINAIS — 1º) — Mencionar no programa, com ênfase, o aspecto altamente social do entrecho. 2º) — É claro que, se o autor da peça pertencer ao sexo feminino, lógico e inconsequente será o marido, ou os maridos, invertendo-se as iniciativas. 3º) — Uma cópia especial para a Censura com 10% dos palavrões, o que será observado no ensaio geral em que Ela estiver presente. 4º) — O sucesso de crítica não pesa muito na bilheteria, mas satisfaz intimamente ao dramaturgo e a todo o elenco. Mister, pois, se torna a baladação da "especializada". Ninguém é insensível a uma baladação sutil e inteligente, ainda mais quando entra o jogo do sexo. 5º) — E a cor referida no título da peça? Esqueçamo-la. O título de uma peça tem função puramente promocional.

E, afinal, que seja tudo pelo nosso teatro!

ALMEIDA, Abílio Pereira de. Será o teatro um bom negócio? *Aqui*, São Paulo, 11 a 17 dez. 1975. Caderno Cultura.

AQUI

São Paulo, 11/12 a 17/12/75

CULTURA

P.15

ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA

TEATRO

Será o teatro um bom negócio?

Se a minha "imensidão" de leitores se der ao trabalho de passar uma vista d'olhos na publicidade dos espetáculos, verificará, na secção "Vamos ao teatro", que existem em cartaz, com apresentações diárias, nada menos de 20 peças, sem se contarem as de teatro infantil. E estamos em má temporada, pelo verão e proximidades dos festejos natalinos. Mas, de qualquer maneira, 20 casas abertas a um público não muito fanático é alguma coisa de surpreendente, levando todo o mundo a acreditar que a produção teatral seja um bom negócio e que não há sinceridade na permanente choradeira do "ambiente".

Entretanto, eu, que sei de algumas coisas de teatro, reconheço que, infelizmente, as lágrimas do "ambiente" têm sua razão de ser e que a produção teatral está longe de ser um bom negócio. E, como a história de uma nossa conhecida atriz, dizendo de seus seios: "São pequeninos, porém sinceros" — vou tentar demonstrar em números singelos, porém, verdadeiros, os mais prováveis "deficits" das companhias teatrais. Poucas são as que duram, esfumando-se quase todas ao primeiro fracasso.

A demonstração será informada em dados médios teatro de 300 lugares; elenco de 5 atores; sucesso razoável, com meia lotação diária; entradas a 30 e 15 cruzeiros; meses de ensaios; 8 espetáculos por semana e assim por diante. Vejam as despesas de produção até a estréia:

Aluguel do teatro só para ensaios, 20.000,00. Elenco, meio salário, 20.000,00. Pessoal técnico, 10.000,00. Diretor, somente nos ensaios, 20.000,00. Cenários: cenógrafo e maquinista e confecção, 40.000,00. Guarda-roupa (calcule-se pela metade), 10.000,00. Iluminação e sonoplastia, 5.000,00. Publicidade de lançamento comedida, 50.000,00. Total — 175.000,00.



Absurda Pessoa: nem tudo se esfuma ao primeiro fracasso

Se se acrescentarem os miúdos e imprevistos, facilmente se chegará à cifra de Cr\$ 200.000,00. Sem exageros, francamente. Examine-se, agora, a receita mensal: 16 espetáculos mensais, com uma lotação média de 150 entradas vendidas, a preço médio de 10 cruzeiros, considerando o número de estudantes: 36 x 150 = 20 — 108.000,00, ou arredondando-se — 120 mil cruzeiros por mês. Agora, a folha mensal de pagamentos:

Aluguel do teatro, 25% da renda bruta, 30.000,00. Direitos do autor, 10% da renda bruta, 12.000,00. Diretor, 5% da renda bruta, 6.000,00. Elenco, inclusive técnicos, 50.000,00. Publicidade, 40.000,00. Total, 138.000,00.

Conclusão: com um sucesso médio ao preço médio de 30 e 15 cruzeiros por entrada, 36 espetáculos mensais, num teatro de tamanho médio de 300 lugares, a companhia perde cerca de Cr\$ 20.000,00 por mês, afora o custo de produção de mais ou menos Cr\$ 200.000,00, que o capitalista enxergará por um óculo. Veja-se o que acontece com uma peça de sucesso excepcional, com lotação esgotada em todas as sessões:

Receita mensal: 300 x 20 x 36 =

216.000,00 (que se arredonda para Cr\$ 240.000,00 em atenção às cadeiras extras, já que se trata de um sucesso excepcional). Mas, as verbas, baseadas em renda bruta de bilheteria, no tocante à folha mensal, também sobem, de sorte que se tem cerca de 186.000,00 cruzeiros, de despesas mensais. Surge, pois, um lucro mensal de Cr\$ 50.000,00. Assim, o custo de produção será resgatado em 4 meses, para, depois dessa dilação, começar a aparecer o "superavit". Após 4 meses, todavia, a audiência certamente declinará e diminuto será o período das vacas gordas.

Então, não há saída? Há sim, como não. Como há quem acerte na loteca. Um teatro de mais de 400 lugares; um elenco de dois intérpretes ou mesmo um monólogo; entradas a preço maior; casal atuando na interpretação, na direção e na cenografia. Nesses termos, em cerca de 50 espetáculos que se produzem anualmente em São Paulo, somente um ou dois, apresentam números compensadores. Até altamente compensadores. Mas não se trabalha numa atividade à base de exceções.

Por conseguinte, se impõe desde logo a pergunta, que pode até parecer ingênuo, mas que é absolutamente lógica: "PORQUE SE FAZ TEATRO?" Eu respondo, com a maior segurança: — Não é pelas subvenções que ajudam mas não resolvem; não é pelo apoio do S.N.T. que é gratificante, mas também não resolve. É que — tomem bem nota da afirmação que se segue — o pessoal do "ambiente" gosta mais do teatro do que do dinheiro. É uma afirmação que dignifica o "ambiente"; é uma idéia nobre, romântica, até heróica. Mas com glórias, elogios e autógrafos; medalhas lúreas e críticas (quando favoráveis) não se compra o feijão nem o leite das crianças. É... dá para se pensar.

ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA

TEATRO

Será o teatro um bom negócio?

Se a minha "imensidão" de leitores se der ao trabalho de passar uma vista d'olhos na publicidade dos espetáculos, verificará, na secção "Vamos ao teatro", que existem em cartaz, com apresentações diárias, nada menos de 20 peças, sem se contarem as de teatro infantil. E estamos em má temporada, pelo verão e proximidades dos festejos natalinos. Mas, de qualquer maneira, 20 casas abertas a um público não muito fanático é alguma coisa de surpreendente, levando todo o mundo a acreditar que a produção teatral seja um bom negócio e que não há sinceridade na permanente choradeira do "ambiente".

Entretanto, eu, que sei de algumas coisas de teatro, reconheço que, infelizmente, as lágrimas do "ambiente" têm sua razão de ser e que a produção teatral está longe de ser um bom negócio. E, como a história de uma nossa conhecida atriz, dizendo de seus seios: "São pequeninos, porém sinceros" — vou tentar demonstrar em números singelos, porém, verdadeiros, os mais prováveis "deficits" das companhias teatrais. Poucas são as que dão lucro, esfumando-se quase todas ao primeiro fracasso.

A demonstração será informada em dados médios: teatro de 300 lugares; elenco de 5 atores; sucesso razoável, com meia lotação diária; entradas a 30 e 15 cruzeiros; meses de ensaios; 8 espetáculos por semana e assim por diante. Vejam as despesas de produção até a estréia:

Aluguel do teatro só para ensaios, 20.000,00. Elenco, meio salário, 20.000,00. Pessoal técnico, 10.000,00. Diretor, somente nos ensaios, 20.000,00. Cenários: cenógrafo e maquinista e confecção, 40.000,00. Guarda-roupa (calcule-se pela metade), 10.000,00. Iluminação e sonoplastia, 5.000,00. Publicidade de lançamento comedida, 50.000,00. Total — 175.000,00.



Aburda Pessoa: nem tudo se esfumaça ao primeiro fracasso

**PROJETO
COMPAGNA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

Se se acrescentarem os miúdos e imprevistos, facilmente se chegará à cifra de Cr\$ 200.000,00. Sem exageros, francamente. Examine-se, agora, a receita mensal: 36 espetáculos mensais, com uma lotação média de 150 entradas vendidas, ao preço médio de 20 cruzeiros, considerado o número de estudantes: 36 x 150 = 20 = 108.000,00, ou arredondando-se — 120 mil cruzeiros por mês. Agora, a folha mensal de pagamentos:

Aluguel do teatro, 25% da renda bruta, 30.000,00. Direitos do autor, 10% da renda bruta, 12.000,00. Diretor, 5% da renda bruta, 6.000,00. Elenco, inclusive técnicos, 50.000,00. Publicidade, 40.000,00. Total, 138.000,00.

Conclusão: com um sucesso médio ao preço médio de 30 e 15 cruzeiros por entrada, 36 espetáculos mensais, num teatro de tamanho médio de 300 lugares, a companhia perde cerca de Cr\$ 20.000,00 por mês, afora o custo de produção de mais ou menos Cr\$ 200.000,00, que o capitalista enxergará por um óculo. Veja-se o que acontece com uma peça de sucesso excepcional, com lotação esgotada em todas as sessões:

Receita mensal: 300 x 20 x 36 =

216.000,00 (que se arredonda para Cr\$ 240.000,00 em atenção às cadeiras extras, já que se trata de um sucesso excepcional). Mas, as verbas, baseadas em renda bruta de bilheteria, no tocante à folha mensal, também sobem, de sorte que se tem cerca de 186.000,00 cruzeiros, de despesas mensais. Surge, pois, um lucro mensal de Cr\$ 50.000,00. Assim, o custo de produção será resgatado em 4 meses, para, depois dessa dilação, começar a aparecer o "superavit". Após 4 meses, todavia, a audiência certamente declinará e diminuto será o período das vacas gordas.

Então, não há saída? Há sim, como não. Como há quem acerte na loteca.

Um teatro de mais de 400 lugares; um elenco de dois intérpretes ou mesmo um monólogo; entradas a preço maior; casal atuando na interpretação, na direção e na cenografia. Nesses termos, em cerca de 50 espetáculos que se produzem anualmente em São Paulo, somente um ou dois, apresentam números compensadores. Até altamente compensadores. Mas não se trabalha numa atividade à base de exceções.

Por conseguinte, se impõe desde logo a pergunta, que pode até parecer ingênua, mas que é absolutamente lógica: **"PORQUE SE FAZ TEATRO?"** Eu respondo, com a maior segurança: — Não é pelas subvenções que ajudam mas não resolvem; não é pelo apoio do S.N.T. que é gratificante, mas também não resolve. É que — tomem bem nota da afirmação que se segue — o pessoal do "ambiente" gosta mais do teatro do que do dinheiro. É uma afirmação que significa o "ambiente"; é uma idéia nobre, romântica, até heróica. Mas com glórias, elogios e autógrafos; medalhas lúreas e críticas (quando favoráveis) não se compra o feijão nem o leite das crianças. É... dá para se pensar.

ALMEIDA, Abílio Pereira de. A difícil vida fácil do artista. *Aqui*, São Paulo, 18 a 28 dez. 1975. Caderno Cultura.

AQU

São Paulo, de 18/12 a 28/12/75

CULTURA

TEATRO

ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA

A difícil vida fácil do artista

Das muitas vezes que tentei, ou mesmo, cheguei a incorporar uma produção teatral ou cinematográfica, seja como diretor da Vera Cruz, cinema, ou do T.B.C., teatro, ou ainda como produtor independente, nos dois ramos, sempre ouvi dos amigos ricos – a quem propunha parceria na produção – a seguinte pergunta – "Dá para se "faturar" alguma artista?"

É uma pergunta muito sobre o cético, porque a artista, em geral, é uma mulher que trabalha demais sofridamente: é essencialmente honesta porque, bonita, inteligente e culta, qualidades inerentes a uma boa artista, teria elementos de sobra para ganhar o seu rico dinheiro, sem o exaustivo trabalho que a consome e a envelhece. Mas há artistas e artistas, ou vigaristas que se arrogam com a menor "cara de pau", aquela dura profissão.

Quando no T.B.C., privei, já não digo da amizade, mas das relações cordiais de todas as minhas companheiras de ofício e uma delas, como todas, charmosa, simpática e inteligente, saiba-a namoradinha de um rapaz cujo apelido correspondia a uma marca de automóvel da GM, o jovem levava a "vedete" no teatro e ia buscá-la para uma rápida ceia e isso durou cerca de uns 15 dias, quando não mais apareceu. Interpelei a moça que me respondeu conformada: – "Ele cansou e se mandou. Eu não tinha tempo para essas coisas." Realmente. Como teatro, só, não dá para o feijão. O profissional tem que arrumar trabalho também na T.V., quando não no cinema. E, assim, a nossa namoradinha ensaiava, no T.B.C., a próxima peça a ser apresentada, das 19 às 19 horas. Ingeria um tipo de alimento a que não se podia dar o nome de jantar e, das 20 às 21 horas, preparava-se para entrar em cena, cujo pano de boca caía lá pelas 11 e meia da noite. Uma ceia relâmpago, para, após, terem inicio os ensaios da peça que iria ser gravada



**PROJETO
COMPANHIA
VERA CRUZ
CINEMATOGRAFICA**

parar, já que as palmas lhe dizem para ir adiante. E, assim, dão uma falsa impressão de "fáceis", quando são as mais difíceis. Por isso mesmo, os artistas resolvem o seu problema, casando-se entre si, dentro de seu próprio ambiente. E há casais que, pelo menos aparentemente, se dão muito bem e há anos, conciliando seus sentimentos com suas conveniências. E, ganhando a quatro mãos, podem até formar companhia, o que tem acontecido com frequência.

NÃO ME TOMEM POR MORALISTA

A artista, como objeto direto de uma aventura amorosa, é um "bluff" ou blefe, como queiram. E, por falar-se em blefe, o amor com a artista de teatro pode oferecer os mesmos inconvenientes que o amor com uma mulher viciada em jogo de cartas: esta, depois de 10 ou 12 horas de um infernal "pif-paf", ou de um "buraco" ou "biriba" como diremos cariocas, pode estar deitado você, o amante, a figura do rei de copas, que é o único rei do baralho que não tem bigodes; aquela poderá estar vendendo em você o personagem, ou uma alternância de personagens, que interpreta uma peça em cartaz e nos ensaios da próxima peça. A mulher, meu caro don juan, nunca será sua, somente sua. E, assim, não vale.

Não me tomem por moralista. Não estou pregando moral; faço apenas justiça a uma classe de profissionais estupendamente honestas, que parecem esforçarem-se por não parecerem. Sem generalizações, entretanto. E estou bem aconselhando os meus amigos da alta burguesia que não permitem o seu tempo, já que a experiência de muitos anos me ensinou (e como?) muitas coisas que, prosaica e materialisticamente, coloquei no terreno da ordem prática e objetiva. E eu deito a minha sabedoria, lamentando: si jeunesse savait et si vieillesse pouvait...

ALMEIDA, Abílio Pereira de. A difícil vida fácil do artista. *Aqui*, São Paulo, 18 a 28 dez. 1975. Caderno Cultura.

AQU

São Paulo, de 18/12 a 28/12/75

CULTURA

TEATRO

ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA

A difícil vida fácil do artista

Das muitas vezes que tentei, ou mesmo, cheguei a incorporar uma produção teatral ou cinematográfica, seja como diretor da Vera Cruz, cinema, ou do T.B.C., teatro, ou ainda como produtor independente, nos dois ramos, sempre ouvi dos amigos ricos — a quem propunha parceria na produção — a seguinte pergunta: — "Dá para se "faturar" alguma artista?"

É uma pergunta muito sobre o cretino, porque a artista, em geral, é uma mulher que trabalha demais sofridamente; é essencialmente honesta porque, bonita, inteligente e culta, qualidades inerentes a uma boa artista, teria elementos de sobra para ganhar o seu rico dinheiro, sem o exaustivo trabalho que a consome e a envelhece. Mas há artistas e artistas, ou vigaristas que se arrogam, com a menor "cara de pau", aquela dura profissão.

Quando no T.B.C., privei, já não digo da amizade, mas das relações cordiais de todas as minhas companheiras de ofício e uma delas, como todas, charmosa, simpática e inteligente, saiba-a namoradinha de um rapaz cujo apelido correspondia a uma marca de automóvel da GM, o jovem levava a "vedette" ao teatro e ia buscá-la para uma rápida ceia e isso durou cerca de uns 15 dias, quando não mais apareceu. Interpelei a moça que me respondeu conformada: — "Ele cansou e se mandou. Eu não tinha tempo para essas coisas." Realmente. Como teatro, só, não dá para o feijão, o profissional tem que arrumar trabalho também na T.V., quando não no cinema. E, assim, a nossa namoradinha ensaiava, no T.B.C., a próxima peça a ser apresentada, das 19 às 19 horas. Ingeria um tipo de alimento a que não se podia dar o nome de jantar e, das 20 às 21 horas, preparava-se para entrar em cena, cujo pano de boca caia lá pelas 11 e meia da noite. Uma ceia relâmpago, para, após, terem início os ensaios da peça que iria ser gravada



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA
VERA CRUZ**

parar, já que as palmas lhe dizem para ir adiante. E, assim, dão uma falsa impressão de "fáceis", quando são as mais difíceis. Por isso mesmo, os artistas resolvem o seu problema, casando-se entre si, dentro de seu próprio ambiente. E há casais que, pelo menos aparentemente, se dão muito bem e há anos, conciliando seus sentimentos com suas conveniências. E, ganhando a quatro mãos, podem até formar companhia, o que tem acontecido com frequência.

NÃO ME TOMEM POR

MORALISTA

A artista, como objeto direto de uma aventura amorosa, é um "bluff" ou blefe, como queiram. E, por falar-se em blefe, o amor com a artista de teatro pode oferecer os mesmos inconvenientes que o amor com uma mulher viciada em jogo de cartas: esta, depois de 10 ou 12 horas de um infernal "pif-paf", ou de um "buraco" ou "biriba" como dizem os cariocas, pode estar beijando você, o amante, a figura do rei de copas, que é o único rei do baralho que não tem bigodes; aquela poderá estar vendendo você o personagem, ou uma alternação de personagens, que interpreta na peça em cartaz e nos ensaios da próxima peça. A mulher, meu caro don juan, nunca será sua, somente sua. E, assim, não vale.

Não me tomem por moralista. Não estou pregando moral; faço apenas justiça a uma classe de profissionais estupendamente honestas, que parecem esforçarem-se por não parecerem. Sem generalizações, entretanto. E estou bem aconselhando os meus amigos da alta burguesia que não percam o seu tempo, já que a experiência de muitos anos me ensinou (e como?) muitas coisas que, prosaica e materialisticamente, coloquei no terreno da ordem prática e objetiva. E eu deito a minha sabedoria, lamentando: si jeunesse savait et si vieillesse pouvait...

TEATRO

ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA

A difícil vida fácil do artista

Das muitas vezes que tentei, ou mesmo, cheguei a incorporar uma produção teatral ou cinematográfica, seja como diretor da Vera Cruz, cinema, ou do T.B.C., teatro, ou ainda como produtor independente, nos dois ramos, sempre ouvi dos amigos ricos — a quem propunha parceria na produção — a seguinte pergunta: — “Dá para se ‘faturar’ alguma artista?”

É uma pergunta muito sobre o cínico, porque a artista, em geral, é uma mulher que trabalha demais sofridamente; é essencialmente honesta porque, bonita, inteligente e culta, qualidades inerentes a uma boa artista, teria elementos de sobra para ganhar o seu rico dinheiro, sem o exaustivo trabalho que a consome e a envelhece. Mas há artistas e artistas, ou vigaristas que se arrogam, com a menor “cara de pau”, aquela dura profissão.

Quando no T.B.C., privei, já não digo da amizade, mas das relações cordiais de todas as minhas companheiras de ofício e uma delas, como todas, charmosa, simpática e inteligente, saiba-a namoradinha de um rapaz cujo apelido correspondia a uma marca de automóvel da GM; o jovem levava a “vedette” ao teatro, ia buscá-la para uma rápida ceia e isso durou cerca de uns 15 dias, quando não mais apareceu. Interpelei a moça que me respondeu conformada: — “Ele cansou e se mandou. Eu não tinha tempo para essas coisas.” Realmente. Como teatro, só, não dá para o feijão, o profissional tem que arrumar trabalho também na T.V., quando não no cinema. E, assim, a nossa namoradinha ensaiava, no T.B.C., a próxima peça a ser apresentada, das 19 às 19 horas. Ingeria um tipo de alimento a que não se podia dar o nome de jantar e, das 20 às 21 horas, preparava-se para entrar em cena, cujo pano de boca caia lá pelas 11 e meia da noite. Uma ceia relâmpago, para, após, terem início os ensaios da peça que iria ser gravada



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

na T.V., durante todo o dia segundas-feiras, dias de sua folga no teatro. Com duas e às vezes três horas de ensaio, ia dormir, a custa de tranquilizantes, já pelas quatro de la manhã, para o repeteco no dia seguinte. Que tempo lhe sobrava para o amor?

Alegria de palhaço é fogo no circo. Com a artista de teatro a situação é análoga. Só tem tempo para amar quando está sem emprego. E a situação de “chômageuse”, todavia, não tanto pela carência do salário, como pela frustração e desprestígio que o desemprego acarreta, é de fossa, de depressão. Nunca haveria condições psicológicas.

Porque, então, a vã expectativa dos donjuans de nossa alta burguesia? A resposta está aí, nos espetáculos e nas fitas de cinema, prenhes de situações apelativas, porno-eróticas que, arrancando gargalhadas e aplausos estertóricos de uma platéia que está lá para isso mesmo, levam a intérprete a criar, a fugir do texto e das marcações, não sabendo quando deva

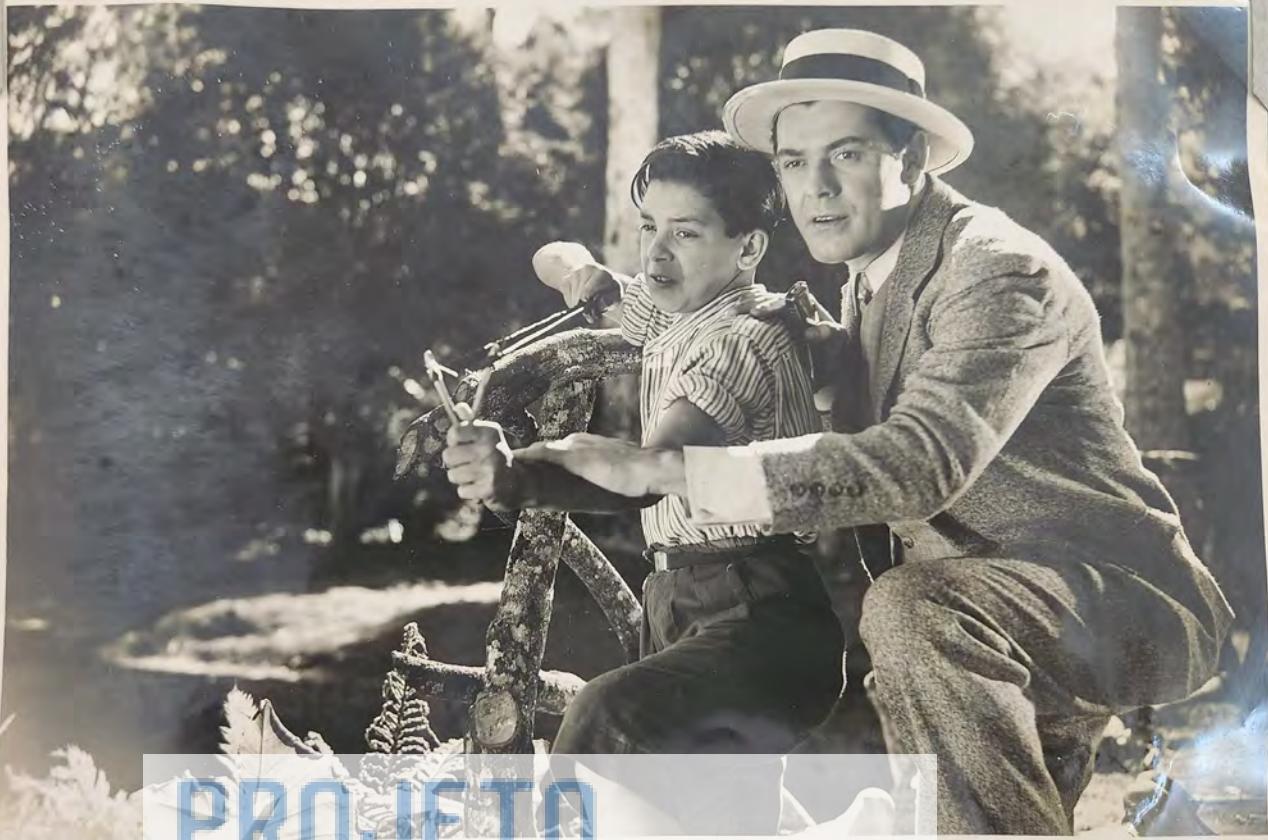
parar, já que as palmas lhe dizem para ir adiante. E, assim, dão uma falsa impressão de “fáceis”, quando são as mais difíceis. Por isso mesmo, os artistas resolvem o seu problema, casando-se entre si, dentro de seu próprio ambiente. E há casais que, pelo menos aparentemente, se dão muito bem e há anos, conciliando seus sentimentos com suas conveniências. E, ganhando a quatro mãos, podem até formar companhia, o que tem acontecido com frequência.

NÃO ME TOMEM POR

MORALISTA

A artista, como objeto direto de uma aventura amorosa, é um “bluff” ou blefe, como queiram. E, por falar-se em blefe, o amor com a artista de teatro pode oferecer os mesmos inconvenientes que o amor com uma mulher viciada em jogo de cartas: esta, depois de 10 ou 12 horas de um infernal “pif-paf”, ou de um “buraco” ou “biriba” como dizem os cariocas, pode estar beijando você, o amante, a figura do rei de copas, que é o único rei do baralho que não tem bigodes; aquela poderá estar vendendo você o personagem, ou uma alternação de personagens, que interpreta, na peça em cartaz e nos ensaios da próxima peça. A mulher, meu caro don juan, nunca será sua, somente sua. E, assim, não vale.

Não me tomem por moralista. Não estou pregando moral; faço apenas justiça a uma classe de profissionais estupendamente honestas, que parecem esforçarem-se por não parecerem. Sem generalizações, entretanto. E estou bem aconselhando os meus amigos da alta burguesia que não permitem o seu tempo, já que a experiência de muitos anos me ensinou (e como?) muitas coisas que, prosaica e materialisticamente, coloquei no terreno da ordem prática e objetiva. E eu deito a minha sabedoria, lamentando: si jeunesse savait et si vieillesse pouvait...



PROJETO

Direção de
ADOLFO CELI
Distribuição
COLUMBIA PICTURES

VERA CRUZ
apresenta

COMPANHIA "TICO-TICO NO FUBÁ"

CINEMATOGRÁFICA

VERA CRUZ

com
ANSELMO DI ARTE
TONIA CARRERO
MARIS PIAEZ

NPA V J 9.00002



Direção de
ADOLFO CELI
Distribuição
COLUMBIA PICTURES

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA**
VERA CRUZ
apresenta
"TICO-TICO NO FUBÁ"

com
ANSELMO DUARTE
TONIA CARRERO
MARISA PRADO

VERA CRUZ

APR II 19.00004



Direção de
ADOLFO CERQUEIRA
Distribuição
COLUMBIA PICTURES

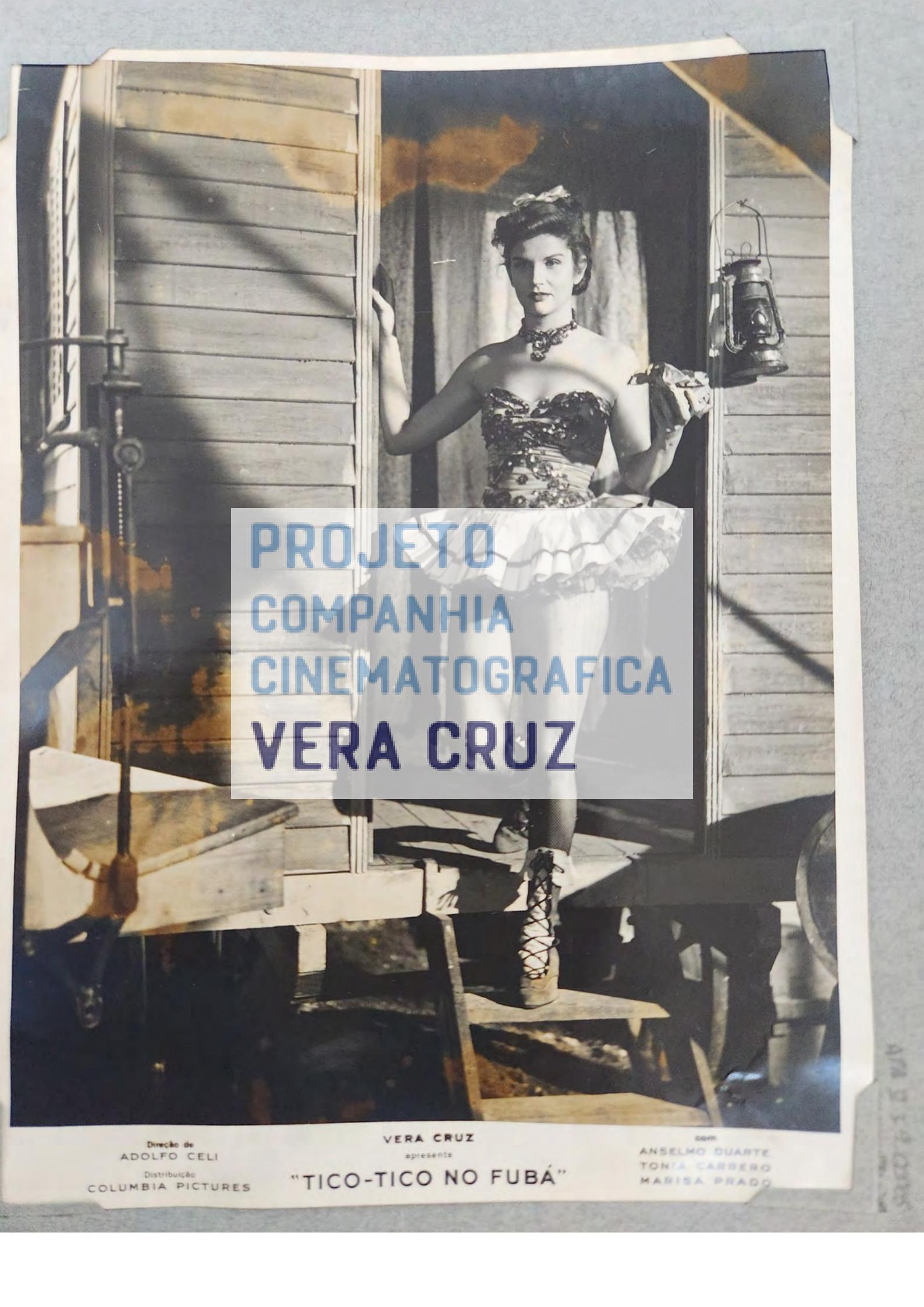
PROJETO
COMPANHIA
VERA CRUZ
TICO-TICO NO FUBÁ
CINEMATOGRÁFICA

VERA CRUZ
presenta

TICO-TICO NO FUBÁ

com
ANSELMO DUARTE
TONIA CARRERO
MARISA PRADO

VERA CRUZ



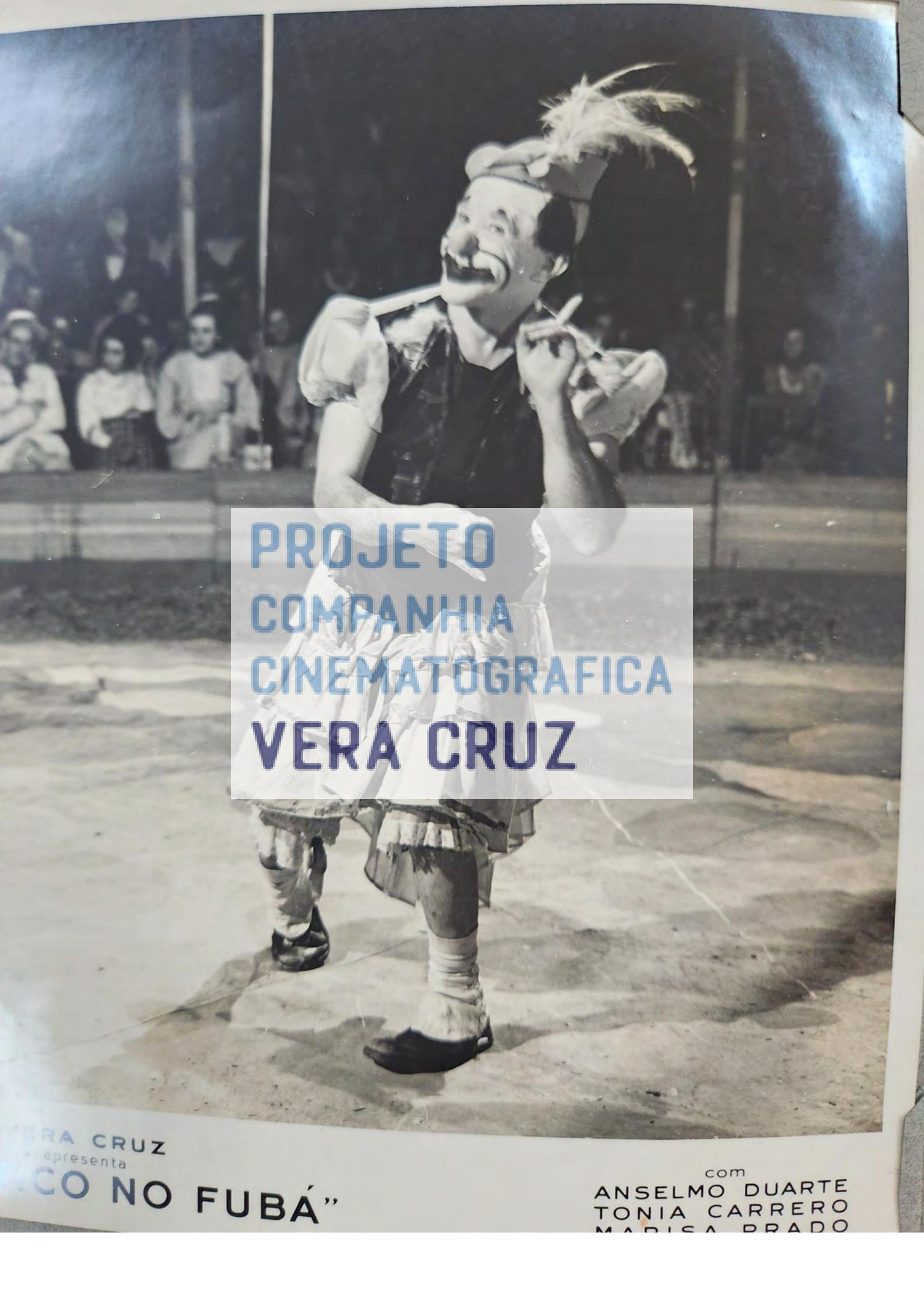
A black and white photograph of a woman in a sequined, off-the-shoulder dress, standing on a wooden porch. She is looking towards the camera. To her left is a wooden railing, and to her right is a hanging lantern. The background shows a rustic wooden building.

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

Direção de
ADOLFO CELI
Distribuição
COLUMBIA PICTURES

VERA CRUZ
apresenta
"TICO-TICO NO FUBÁ"

com
ANSELMO QUARTE,
TONI CARRERO,
MARISA PRADO



PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRAFICA VERA CRUZ

VERA CRUZ
representa
“ICO NO FUBÁ”

com
ANSELMO DUARTE
TONIA CARRERO
MADISA PRADO



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

Direção de
ADOLFO CELI
Distribuição
COLUMBIA PICTURES

VERA CRUZ

apresenta

"TÍCO-TÍCO NO FUBÁ"

com
ANSELMO DIAZ
TONIA CATZ
MARISA FRADO



Direção de
ADOLFO CELI
Distribuição
COLUMBIA PICTURES

VERA CRUZ

"TICO-TICO NO FUBÁ"

PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA

com
ANSELMO DUARTE
TONIA CARRERO
MARISA PRADO

VERA CRUZ



PROJETO

Direção de
ADOLFO PEREIRA
Distribuição
COLUMBIA PICTURES

VERA CRUZ

apresenta
"TICO TICO NO FUBÁ"

com
ANSELMO DUARTE
TONIA CARRERO
MARISA PRADO

COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA

VERA CRUZ

APA II J A. 00015



Direção de
ADOLFO CELI
Distribuição
COLUMBIA PICTURES

PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA
VERA CRUZ
apresenta
"TICO-TICO NO FURIÁ"

com
ANSELMO DUARTE
TONIA CARRERO
MARISA PRADO

VERA CRUZ



Direção de
ADOLFO CELI
Distribuição
COLUMBIA PICTURES

VERA CRUZ

apresenta

TICO-TICO NO FUBÁ

PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA
VERA CRUZ

com
ANSELMO DUARTE
TONIA CARRERO
MARISA PRADO

VERA CRUZ



Direção de
ADOLFO CELI
Distribuição
COLUMBIA PICTURES

PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA
VERA CRUZ

VERA CRUZ

apresenta

TICO-TICO NO FUBÁ

com
ANSELMO DUARTE
TONIA CARRERO
MARISA PRADO

VERA CRUZ



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA**

VERA CRUZ

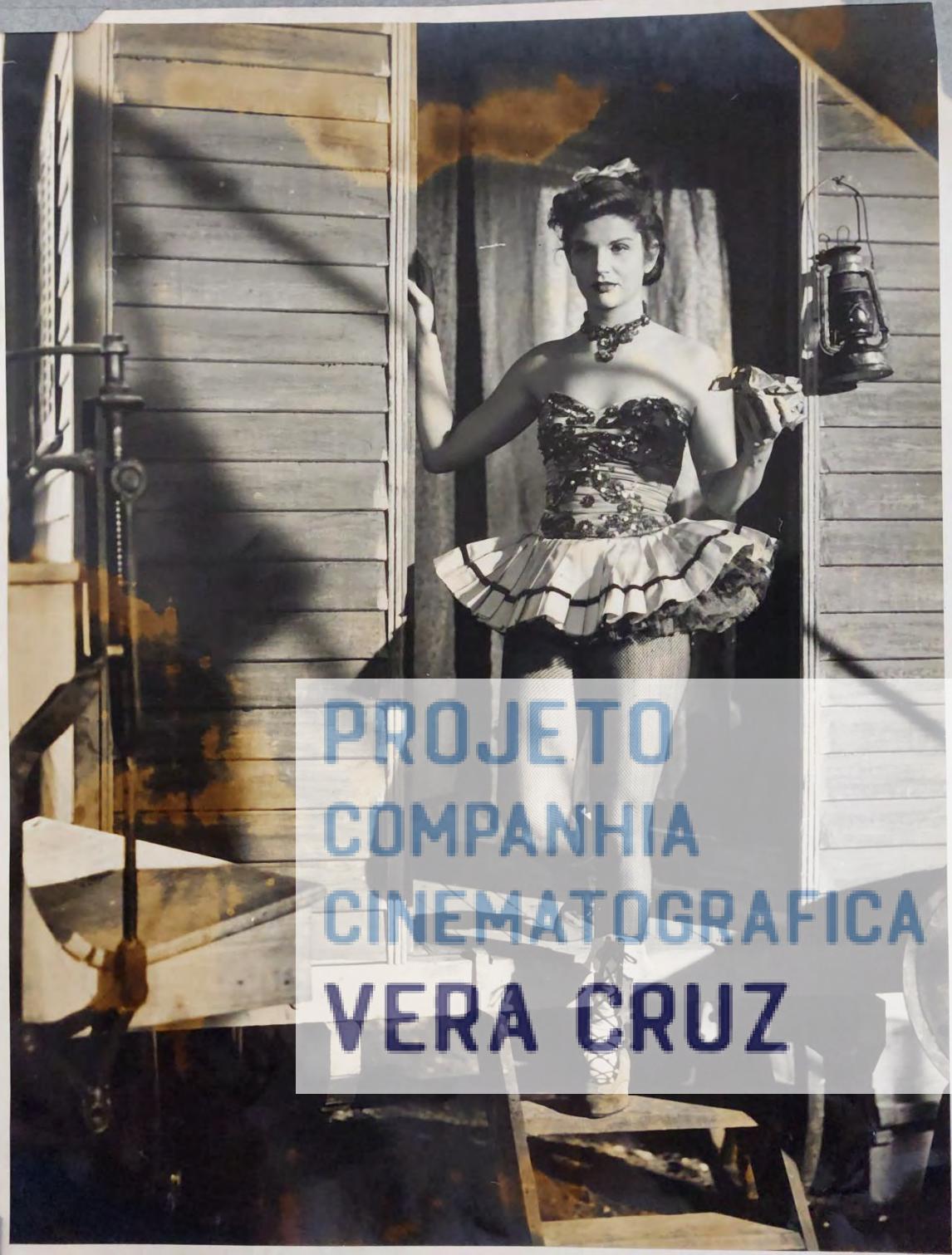


Direção de
ADOLFO CECIL

PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ

com
ANSELMO DUA

VERA CRUZ



PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ

Direção de

VERA CRUZ

com



PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ

Direção de
ADOLFO CELI

Distribuição
COLUMBIA PICTURES

VERA CRUZ
apresenta

com
ANSELMO DUARTE



Direção de
ADOLFO CELI

PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ

VERA CRUZ



Direção de
ADOLFO CELI
Distribuição

PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ

VERA CRUZ
apresenta

com
ANSELMO DUARTE
TONIA CARREIRO



PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA

VERA CRUZ



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**



Direção de
ADOLFO CELI
Distribuição
COLUMBIA PICTURES

PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ
representa
“TICO-TICO NO FUBÁ”

com
ANSELMO DUARTE
TONIA CARREROS
MARISA PRADO

VERA CRUZ



PROJETO

COMPANHIA

VERA CRUZ

apresenta

"TICO-TICO NO FUBÁ"

Direção de
ADOLFO CELI
Distribuição
COLUMBIA PICTURES

com
ANSELMO D'AMICO
TONIA CATRIEL
MARISA MENDONÇA

CINEMATOGRÁFICA

VERA CRUZ



Direção de
ADOLFO CELI
Distribuição
COLUMBIA PICTURES

VERA CRUZ

apresenta

TICO TICO NO FUBÁ

PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA
VERA CRUZ

com
ANSELMO DUARTE
TONIA CARRERO
MARISA PRADO

VERA CRUZ



o de
ADOLFO CELI
Distribuição
COLUMBIA PICTURES

PROJETO
VERA CRUZ
apresenta
COMPANHIA
“TICO-TICO NO FUBÁ”
CINEMATOGRÁFICA

VERA CRUZ

com
ANSELMO DUARTE
TONIA CARRERO
MARISA PRADO



ESTREIA ADOLFO CELI
DISTRIBUIDO POR COLUMBIA PICTURES

VERA CRUZ
PRESENTA "TICO-TICO NO FUBA"

COM ANSELMO QUARTE
TONI CARVALHO MARISA PRADO

PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ



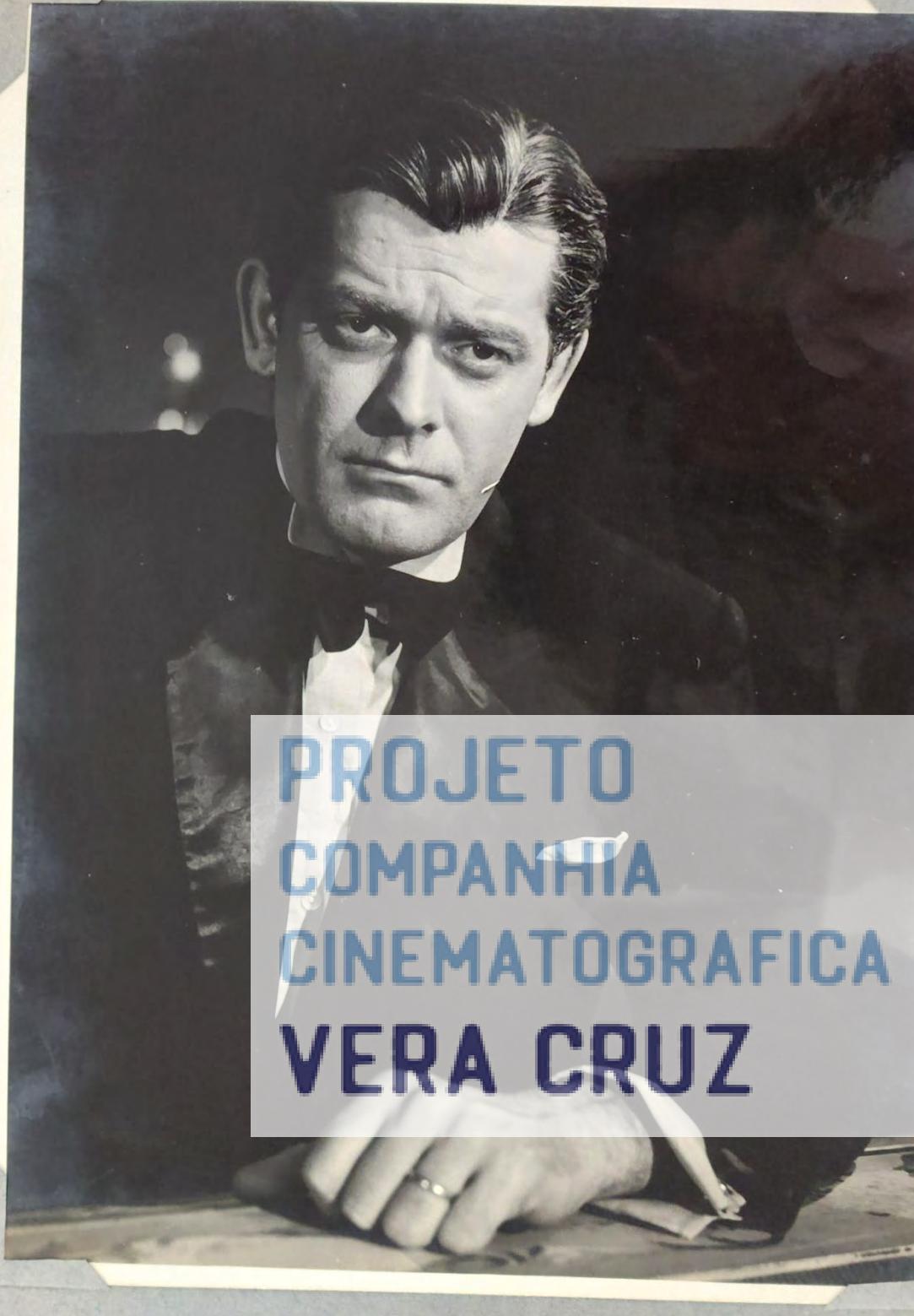
Direção de
ADOLFO CELI
Distribuição
COLUMBIA PICTURES

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

VERA CRUZ
apresenta
"TICO-TICO NO FUBÁ"

com
ANSELMO DUARTE
TONIA CARRERO
MARISA PRADO

VERA CRUZ



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA
VERA CRUZ**



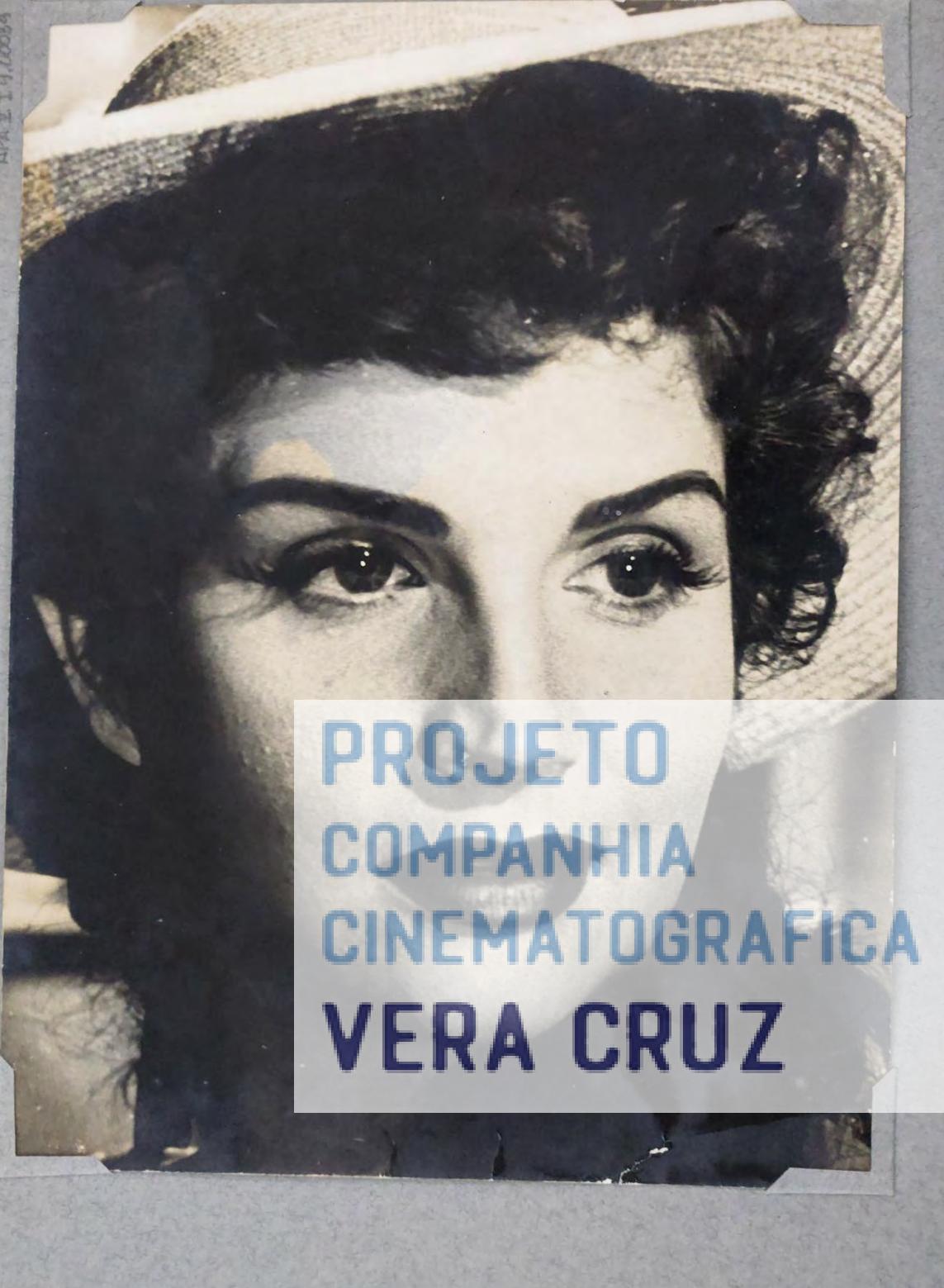
PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA
VERA CRUZ
"TICO-TICO NO FUBÁ"

Direção de
ADOLFO CELI
Distribuição
COLUMBIA PICTURES

VERA CRUZ
apresenta

com
ANSELMO DUARTE
TONIA CARRERO
MARISA PRADO

VERA CRUZ





225.1.00063

VERA CRUZ

APA. 022-088

"REPORTAGEM DO TEATRO EXPERIMENTAL"

Fotografias de cenas e do elenco das seguintes peças teatrais:

HEFFMAN - de Alfredo Mesquita,
e

FORA DA BARRA - de Sutton Vane
ambas apresentadas pelo G.T.E. (Grupo Experimental
de Teatro), em dezembro de 1944, no Teatro Municipal
de São Paulo.

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

Sagres e Paulo Mendonça

APA IV I 4.00503

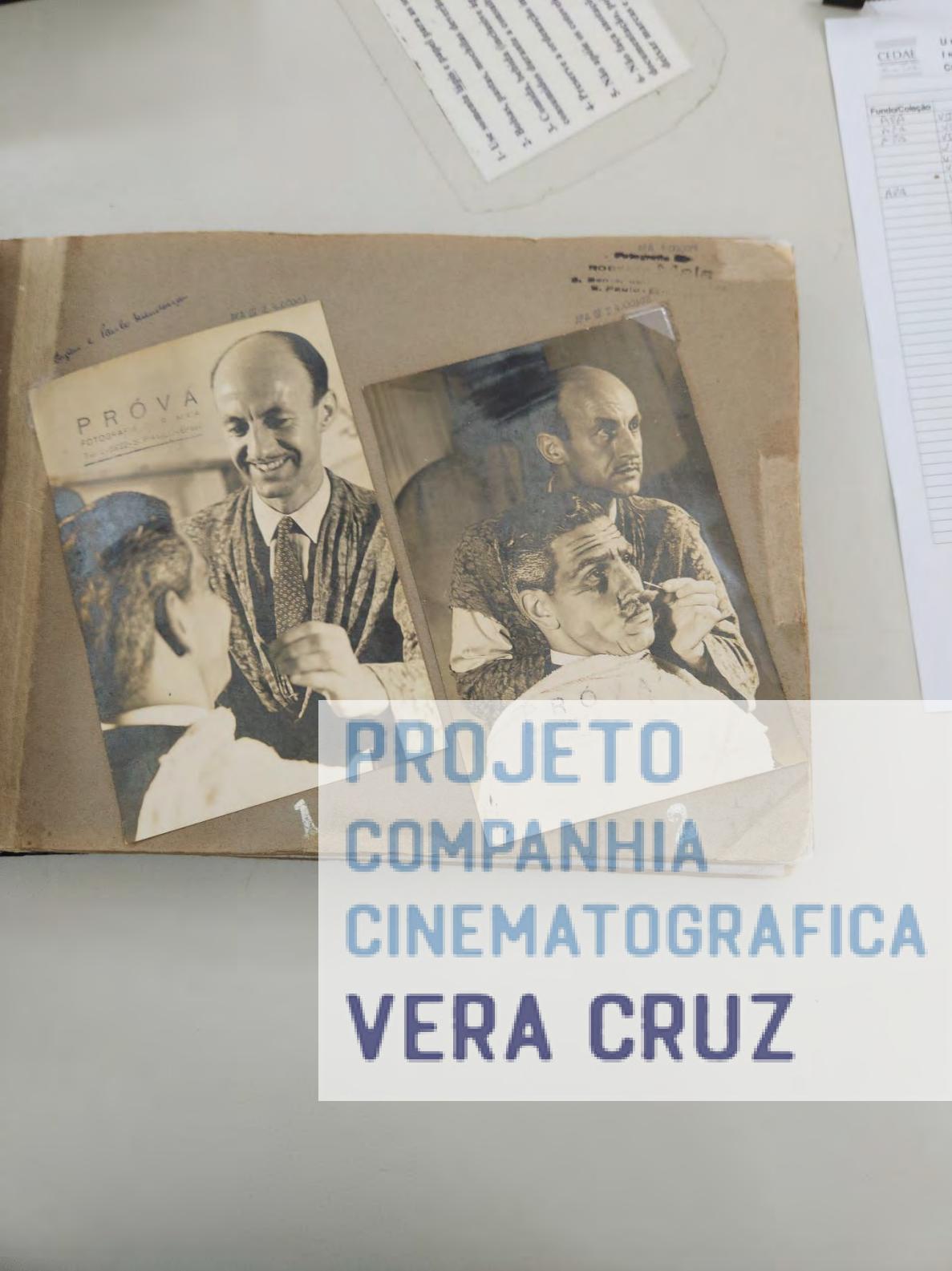
PRÓVA

FOTOGRAFIA DE R. MAIA
Tel. 2-6922-S. PAULO-Brasil

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**



PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRAFICA VERA CRUZ

Fundo/Coleção	Nº doc.	Relação dos doc.
AVP	VII -	3.00052.03
AVP	VII	3.00053.03
AVP	VII	1.00001.01
	VII	1.00101.01
	VII	0.01010.01
	VII	3.00150.01
	VII	1.00106.01
	VII	3.00060.01
	VII	1.00001.01

Campinas, ____ de _____ Ass. _____

CENTRO DE



PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA

VERA CRUZ



PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA

VERA CRUZ

MPA III 19.00079



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

*C. R. C.
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ*

5

Sylvia Raposo

Fotografia de
ROBERTO ME
S. Bento, 400 - Tel.
S. Paulo - BRAS

APRIL 1940



**PROJETO A
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

Alfredo Mesquita

APA III I 4.00003



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**



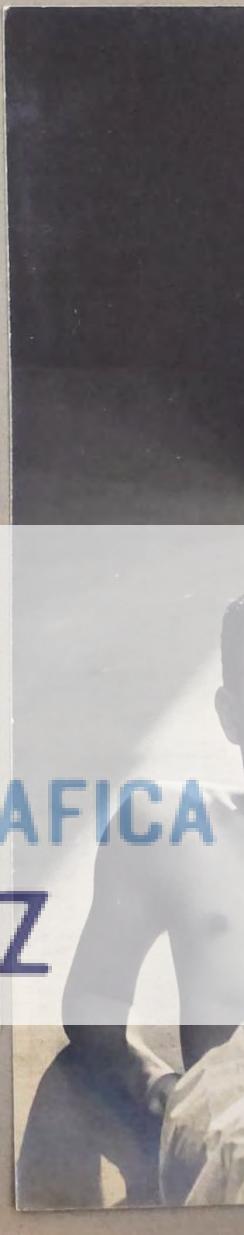
PROJETO
COMPANHIA
Almeida e Bla
CINEMATOGRAFICA
VERA CRUZ

Jean Meyer e Kala Hipólito

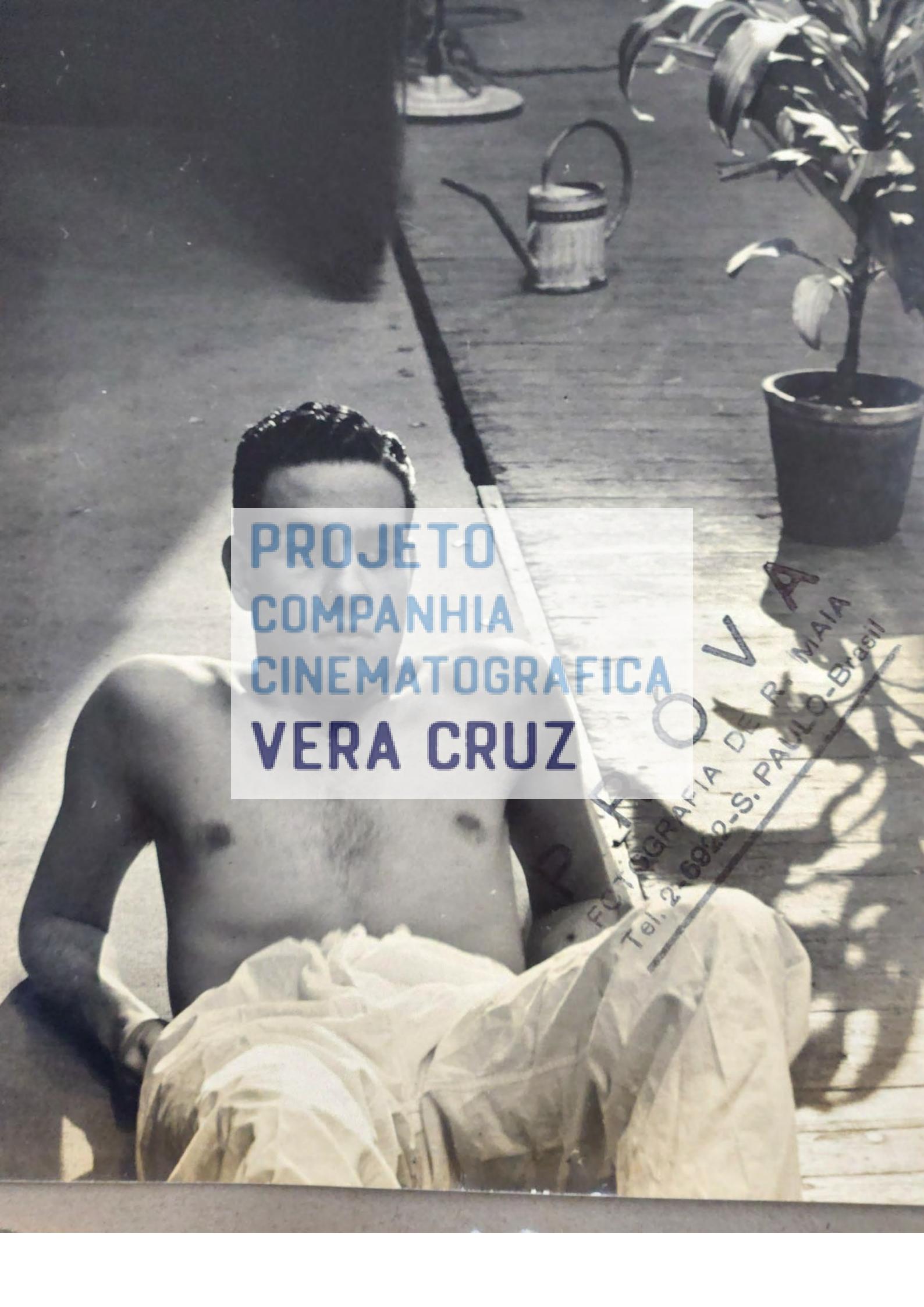
APA N° J 0.00083



Paulo



11.92



PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ

V
A
R
Q
O
T
E
C
T
I
G
R
A
F
I
C
A
D
E
R
M
A
I
A
P
A
L
U
O
-
B
R
A
S
I
L

FACT
IGR
A
F
Tel. 2-6840-S. PAULO - Brasil

Joan Meyer, Paulo Mendonça e Lygia

APA III J 4.00073



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA**

VERA CRUZ

PROVA
FOTOGRAFIA DE R. MATA
Sel. 2-6922-S. PAULO-Brasil



PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA

VERA CRUZ

Bei Mesquita,

Vito, 480
S. Paulo - E

APA II 34.00092



Maria Gómez
Milo... 1937

16 37

Bento, 480 - To
S. Paulo - BRA

ARA III I 4.00060



APR. IV 5 4.0006\$

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**



25

H6



26

43

15

PRÓVA
FOTOGRAFIA DE R. MAIA
Tel. 2-6922-S. PAULO-Brasil



José de Oliveira Andrade, diretor, José de Barros Pinto,
abrir Peter Paul, César, Henrique, Paul, e
Efigênia, Cândida

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

FOTOGRAFIA DE R. M. A.
Tel. 2-6922-S. PAULO

APR 10 3-4 OMONIUS

60



PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA**

VERA CRUZ

Revi Mesquita, Hilas, Lígia
APL II. I 4.00893 dupl.



PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA

VERA CRUZ



PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA

VERA CRUZ

Team
for payment
APA IV \$4.00003 APA 1.00010



PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA

VERA CRUZ

MPA IV 4.00016



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA**

VERA CRUZ

APA III I 4.00015



PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA

VERA CRUZ

Foto: M. Barro - Alfredo Mesquita / Negar
BRAZIL 16.00000



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA**

VERA CRUZ



PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA

VERA CRUZ



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

*dibacine
J. P. Paella 1957*

Obs.
so prece

APA II 3 4.0000



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA**

VERA CRUZ



PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA

VERA CRUZ



PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA

VERA CRUZ



(D. E. I.)
SÃO PAULO

SECRETARIA DO GOVERNO
Departamento Estadual de Informações
SERVIÇOS AUXILIARES

PROC. 33684/46

ALVARÁ N.º 6801

A TÍTULO PRECÁRIO

O Departamento Estadual de Informações, atendendo ao que requereu
GRUPO DE TEATRO EXPERIMENTAL (José de Barros Pinto),
 tendo em vista a documentação regular, resolve conceder-lhe alvará para
 realizar espetáculos teatrais nos dias 17, 19, 23 e 25 de SETEMBRO, corr.,
 das 21 às 24 horas, no Teatro Municipal, COM COBRANÇA DE ENTRADAS,



sujeitando-se à fiscalização das autoridades competentes.

Na obrigação de, antecipadamente, apresentar programas à seção competente.

Serviço da Expedição de Licenças e Alvarás

COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA

VERA CRUZ

São Paulo, 19 de Setembro de 1946

Mario Passerotti
ENCARREGADO
Mario Passerotti

Exibiu talão do imposto do sêlo por verba na importância de Cr\$ 36,20

G. de Recolhimento n.º 61099 Rec. n.º 54 Série n.º 598 de 5 / 9 / 46
 rp.

(D. E. I.)
SÃO PAULO

SECRETARIA DO GOVERNO
Departamento Estadual de Informações
SERVIÇOS AUXILIARES

PROC. 33684/46

ALVARÁ N.º 6801

A TÍTULO PRECÁRIO

O Departamento Estadual de Informações, atendendo ao que requereu
GRUPO DE TEATRO EXPERIMENTAL (José de Barros Pinto)

tendo em vista a documentação regular, resolve conceder-lhe alvará para
realizar espetáculos teatrais nos dias 17, 19, 23 e 25 de SETEMBRO, corr.,
das 21 às 24 horas, no Teatro Municipal, COM COBRANÇA DE ENTRADAS,

sujeitando-se à fiscalização das autoridades competentes.

Na obrigação de, antecipadamente, apresentar programas à seção competente.

Serviço de Expedição de Licenças e Alvarás

VERA CRUZ

São Paulo, 19 de Setembro de 1946

Mario Passerotti
ENCARREGADO
Mario Passerotti

Exibiu talão do imposto do sêlo por verba na importância de Cr\$ 36,20

G. de Recolhimento n.º 61099 Rec. n.º 54 Série n.º 598 de 5 / 9 / 46
rp.

TEATRO MUNICIPALPrograma

São Paulo, 17 de Setembro de 1946 - às 21 horas

O "GRUPO DE TEATRO EXPERIMENTAL"

apresenta

"As Alegres Comadres de Windsor"

Comédia em 3 atos, de Shakespeare

Tradução de Esther Mesquita
 Cenários e Vestimentas de Clovis Graciano
 Direção dos bailados: Chinita Ullmann
 Ponto: Helio Pereira de Queiroz
 Ensaios e encenação de Alfredo Mesquita

Personagens

Por ordem de entrada em cena:

PROJETO

Carlos Albo.....Mestre Evans
 Haroldo Gregori.....Mestre Shallow

Rafael Ribeiro da Luz.....Mestre Abrahão Slender

Helenice de Queiroz Mattoso.....Miss Quickly

Elke Stupakoff.....Miss Ana Page

Sergio Junqueira.....Mestre Fenton

José de Amorim Pinto.....Mestre Ford

Julio Leônidas.....Sir John Falstaff

Ruy Mesquita.....O Hoteleiro

Karimio Barroso.....Pistolão

Carlos Vergueiro.....Doutor Caio

Maria Irene Fraga.....Missis Page

Gemma Barbetta.....Missis Ford

Delmiro Gonçalves.....Mestre Page

Arthur Luiz Piza.....Nym

Milton de Lima e Souza.....Bardolfo

Enzo Rimoli.....Simplório

Carlos Fernando de Azevedo Sá.....Rugby

Benedito Costa.....Um criado

COMPANHIA**CINEMATOGRÁFICA****VERA CRUZ**

XXX

Preços: (Imposto incluso)

Frizas e Camarotes

Poltronas e Balcão

Foyer

Camarote Foyer: D.E.I.P.

Camarote de 2a. SÃO PAUL

INTERVENTORIO FEDERAL	
125,00	CR 250,00
50,00	CR 100,00
25,00	CR 50,00
125,00	CR 250,00
75,00	CR 150,00



APAF II J.00003 P58

TEATRO MUNICIPAL

Programa

São Paulo, 17 de Setembro de 1946 - às 21 horas

O "GRUPO DE TEATRO EXPERIMENTAL"

apresenta

"As Alegres Comadres de Windsor"

Comédia em 3 atos, de Shakespeare

Tradução de Esther Mesquita
Cenários e Vestimentas de Clovis Graciano
Direção dos bailados: Chinita Ullmann
Ponto: Helio Pereira de Queiroz
Ensaios e encenação de Alfredo Mesquita

Personagens

Por ordem de entrada em cena:

PROJETO

COMPANHIA

CINEMATOGRÁFICA

VERA CRUZ

Carlos Alberto.....	Mestre Evans
Haroldo Gregori.....	Mestre Shallow
Rafael Ribeiro da Luz.....	Mestre Abrahão Slender
Benedicto de Queiroz Mattoso.....	Miss Quickly
Like Stupakoff.....	Miss Ana Page
Sergio Junqueira.....	Mestre Fenton
José dos Santos Linto.....	Mestre Ford
Heitor Leitão.....	Sir John Falstaff
Ruy Mesquita.....	O Hotelero
Norício Barroso.....	Pistolão
Carlos Viegueiro.....	Doutor Caio
Carlinhos Faria.....	Missis Page
Gemma Barbetta.....	Missis Ford
Delmíro Gonçalves.....	Mestre Page
Arthur Luiz Piza.....	Nym
Milton de Lima e Souza.....	Bardolfo
Enzo Rimoli.....	Simplório
Carlos Fernando de Azevedo Sá.....	Rugby
Benedito Costa.....	Um creado

XXX

Preços: (Imposto incluso)

Frizas e Camarotes:

Poltronas e Balcão:

Foyer:

Camarote Foyer: D.E.I.P.

Camarote de 2a. SÃO PAULO

INTERVENTORIA FEDERAL
ESTADO DE SÃO PAULO
CR\$250,00
50,00
25,00
125,00
75,00





INTERVENTORIA FEDERAL
DEPARTAMENTO ESTADUAL DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE TURISMO E DIVERSÕES PÚBLICAS

APA IV I 1.0006 P58

CERTIFICADO N.º -2339-

CERTIFICO que a peça intitulada "AS ALEGRES COMADRES DE WINDSOR"

com 3 atos e quadros, do gênero de comédia-
original de Shakespeare-
tradução de -
adaptação de -

foi censurada a requerimento de José de Barros Pinto,
Vice-presidente do Grupo de Teatro Experimental registrada
no livro C à fls. 98 sob n.º 2339 em
13 de setembro de 1946, foi julgada apta para ser repre-
sentada em público, no território do Estado de SÃO PAULO.

RESTRIÇÕES Não há.

PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA

VERA CRUZ

São Paulo, 13 de setembro

de 19 46

Confere.

Jacques Dene
CHEFE DE SEÇÃO

escriturário

Visto.

DIRETOR DA DIVISÃO

Apresentou talão do imposto do sôlo por verba sob n.º -52- série 598 na
importância de Cr. \$ 90,00 em 5 de setembro de 19 46.



APTA IV I 1.00004 PS8

INTERVENTORIA FEDERAL
DEPARTAMENTO ESTADUAL DE IMPRENSA E PROPAGANDA
DIVISÃO DE TURISMO E DIVERSÕES PÚBLICAS

CERTIFICADO N.º -2339-

CERTIFICO que a peça intitulada "AS ALEGRES COMADRES DE WINDSOR"

com 3 atos e - quadros, do gênero de comédia-
original de Shakespeare-
tradução de -
adaptação de -

foi censurada a requerimento de José de Barros Pinto,
Vice-presidente do Grupo de Teatro Experimental- registrada
no livro C à fls. 98 sob n.º 2339 em
13 de setembro de 1946, foi julgada apta para ser repre-
sentada em público, no território do Estado de SÃO PAULO.

RESTRIÇÕES Não há.

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA**

São Paulo, 13 de Setembro de 1946

Confere.

Jacques Duhau
CHEFE DE SECÇÃO

Ass. *Brito*
ESCRITURÁRIO

Visto.

A
DIRETOR DA DIVISÃO

Apresentou talão do imposto do sôlo por verba sob n.º -52- série 598 na
importância de Cr. \$ 90,00 em 5 de setembro de 1946.

APA IV 1 2.0001 P58

TEATRO para o povo em todos os bairros. A Noite, s.l., 06 nov. 1944.

Teatro para o povo em todos os bairros

PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ

Duas cenas da peça de Alfredo Mesquita, a cujo ensaio assistimos

PÁGINA 01 14

MARINA V

TEATRO para o povo em todos os bairros. A Noite, s.l., 06 nov. 1944.

Acedendo ao convite de Lígia Fagundes, para ouvirmos o Grupo do Teatro Experimental não nos movia — é força confessá-lo — nenhum entusiasmo. Habitados como estamos a constatar tantos e tão soberbos fracassos em experiências de todos os tipos, pareceu-nos até lógico demais que essa tentativa não pudesse fugir àquele trágico destino.

E agora, depois que lá estivemos e externamos aprioristicamente a nossa opinião, estamos certos de que a nossa atitude foi um tanto ridícula.

Contudo, sentimo-nos perfeitamente à vontade e satisfeitos por ter errado em nosso julgamento.

Debatemos o assunto — aliás, debatemos não é bem o termo, pois deixamos o Grupo do Teatro Experimental absolutamente livre para discuti-lo, enquanto Erasmo Freitas anotava tudo tacograficamente — sob os seus aspectos mais importantes de modo que, já agora, podemos formular uma idéia mais ou menos equilibrada do que pretendemos realizar o Teatro Experimental.

O primeiro a se manifestar foi Alfredo Mesquita, espécie de "fac totum" do Grupo.

Guido por umas experiências bastante longas, preocupa-se ele com tudo o que ocorre nesse campo, afirmando, palestrandos que o plano que tem em vista realizar é bem interessante, principalmente por que, como ele o frizara várias vezes, "trata-se de um teatro de vanguarda, um teatro moderno."

PROJETO CINEMATOGRAPHIA VERACRUZ

DESPERTAR O INTERESSE PELO TEATRO

— "O Teatro Experimental é uma organização de experiência de teatro: mas não teatro em si, como gênero. Queremos fazer teatro moderno, avançado. Experiência no sentido interpretativo e autoral. Podemos classificá-lo de laboratório experimental, como não há outro, aliás, no Brasil, salvo no Rio de Janeiro onde, de um ano a esta parte, sobretudo depois da temporada dos comediantes, que assombrou os entendidos, está sendo despertado um interesse inovador. Dulcina, por exemplo, já começou a fazer um "teatro" diferente do que fazia, com grande sucesso, muito público e crítica excelente. Os Comediantes obtiveram imenso sucesso no Rio, chegando até a provocar inesperadas mudanças na maneira de encarar "o que se deva representar e como representar". Nós começamos anelando deles e nos estamos esforçando por que possamos chegar a iguais realizações aqui em S. Paulo. Tentaremos fazer que o público se interesse pelo teatro, pelo bom teatro; que se forme nele amor pelo teatro, pois conseguimos que, só com esse amor, o público procurará levá-lo a sério. Isto quanto ao público em si. Quanto ao teatro propriamente dito, nós o queremos moderno, com peças de vanguarda, ou então clássico, visto e representado pela maneira moderna de compreender o teatro, não só nas peças como nas encena-

cões. Tudo novo e o mais possível original, dentro do teatro e para o teatro. Estas são as nossas finalidades.

Quizemos conhecer o ponto de vista de Paulo Mendonça sobre o teatro popular brasileiro.

— "Sob o aspecto cultural —
(Conclui na 14.a pág.)

TEATRO para o povo em todos os bairros. A Noite, s.l., 06 nov. 1944.



Os componentes do grupo quando informavam a 'A NOITE' sobre as finalidades da organização

Teatro para o povo de todos PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ

disse — ele está ainda numa fase muito primitiva, muito tosca. Não assumiu ainda esse caráter de cultura, de formação que é o que nós queremos fazer e estamos realmente tentando fazer: pelo teatro, procurar elevar o nível cultural do povo. Porque o teatro em si é uma maneira de difundir a cultura. As companhias profissionais procuram mais fazer chanchadas, farças, barulho, sem fins educativos ou culturais. Nós desejamos, com a elevação do teatro, educar as plateias.

— Acha que o teatro experimental pode exercer influências no teatro profissional? — perguntamos a Lígia Fagundes.

— Creio que sim — respondeu-nos ela. No sentido de fazer com que ele volte sua atenção justamente para essas peças estrangeiras e nacionais com ampolas finalidades culturais e educativas, deixando de lado, por imprestáveis, certas peças (?) espécie de "scriptis", cenas, "sketchs", etc., levados comumente pelo rádio. Sob a influência do teatro experimental, é claro que ele precisa antes, torna-se vitorioso — é lógico que ele passará a encenar peças mais equilibradas, de arte realmente nobre. Bastaria aliás, trazer aqui o exemplo do Rio de Janeiro, onde os teatros populares começaram justamente a trilhar este caminho e tudo artiscam, levando à cena peças difíceis. E os profissionais apresentaram ao público essa modalidade e estão encenando peças complexas, como por exemplo "Bodas de Sangue" de Garcia Lorca...

Quisemos saber se, na escolha das peças, há preferências de estrangeiros ou nacionais.

— Preferências de nacionais propriamente não ha, mesmo por que os nacionais nada fi-

zaram até agora. E se nos também não fizemos foi por que não havia como fazê-lo. A única vez que tocamos nisto foi quando fizemos "O Navio dos Desdichados", que é uma promessa de outra peça escrita especialmente para nós, mas que não fizemos porque estavam faltando atores. E que é de um autor que só fez duas peças, que é o autor de "O Navio dos Desdichados". Mas que é de um autor que só fez duas peças, que é o autor de "O Navio dos Desdichados".

— No estrangeiro, não — respondeu-nos. Mantemos relações as mais cordiais com o Grupo do Teatro Universitário e com os Comediantes. Aliás, quando eles aqui estiverem, nos convidaram para assistir os seus espetáculos e vieram à nossa sede, aos nossos ensaios. Quando estivemos no Rio, estreitamos ainda mais esse contacto. São eles os únicos com quem mantemos ligações mais diretas.

O teatro é um meio de difusão cultural. Está certo. O povo necessita de cultura. Também está certo. O que não está certo é que se faça teatro com uma finalidade de seleção de público. Nesse plano que orientamos a nossa pergunta: sobre se havia qualquer idéia a esse respeito. E foi como se todos nos tivessem respondido a um só tempo, tal a reação que se manifestou.

— Não temos preferência sobre este ou aquele público, o que seria ilógico, tratando-se de teatro realmente equilibrado. Está claro que o que desejamos é um grande e culto público: público seletivo, compreensivo; não no sentido social pois, entre os granfinhos há muita falta de

compreensão e, podemos mesmo afirmar, verdadeira falta de cultura e gosto artístico. Já nos haviam sugerido a realização de um teatro popular — o que, aliás, já fazia parte do nosso plano de trabalho. Tão logo nos seja possível fazer teatro nos bairros para o povo para a massa, trataremos de fazê-lo sempre principalmente para o povo que nos visita.

— A elite, naturalmente, possui teatros à vontade, para sua diversão... — aventureiros.

— Na elite não nos jogam estudos por que não os há. Ela mesma escolhe certas coisas de acordo com seu livre arbítrio. Bom ou mau, não sabemos. Mas o fato é que não na teatro.

No sentido de dar maior amplitude ao nosso movimento, estamos planejando realizar uma excursão pelas maiores cidades do interior do Estado. Por outro lado, temos feito continuamente ofertas ao Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal, para darmos espetáculos integralmente gratuitos. Eles não tomaram conhecimento dos nossos reiterados oferecimentos, pelo menos até hoje. Entretanto, continuamos e continuaremos oferecendo a nossa colaboração, pois o nosso principal objetivo é servir a cultura do povo.

— A que atribui o Grupo essa negatividade? — perguntamos a Hélio Pereira de Queiroz o "ponto" do Grupo.

— A falta de interesse, de compreensão, de boa vontade — respondeu-nos. — Não querem compreender a importância e o valor do teatro. Mas não diz respeito apenas a nós a Alurac. Também o Teatro Universitário procura realizar espetáculos gratuitos e cada um segue. Não encontraram conhecimento da ofi-

TEATRO para o povo em todos os bairros. A Noite, s.l., 06 nov. 1944.



Os componentes do grupo quando informavam a 'A NOITE' sobre as finalidades da organização

Teatro para o povo de todos

PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ

disse — ele está ainda numa fase muito primitiva, muito tosca. Não assumiu ainda esse caráter de cultura, de formação.

zeram até agora. E se nos também não fizemos foi por que não havia como fazê-lo. Afinal, de que lançamos mão, só

compreensão e, podemos mesmo afirmar, verdadeira falta de cultura e gosto artístico. Já nos haviam sugerido a realização de um festival popular — o que,



Os componentes do grupo quando informavam a 'A NOITE' sobre as finalidades da organ

Teatro para o povo de todos

disse — ele está ainda numa fase muito primitiva, muito tosca. Não assumiu ainda esse caráter de cultura, de formação, que é o que nós queremos fazer e estamos realmente tentando fazer: pelo teatro, procurar elevar o nível cultural do povo. Porque o teatro em si é uma maneira de difundir a cultura. As companhias profissionais procuram mais fazer chanchadas, farças, barulho, sem fins educativos ou culturais. Nós desejamos, com a elevação do teatro, educar as platéias.

— Acha que o teatro experimental pode exercer influências no teatro profissional? perguntamos a Ligia Fagundes.

— Creio que sim — respondeu-nos ela. No sentido de fazer com que ele volte sua atenção justamente para essas peças estrangeiras e nacionais com amplas finalidades culturais e educativas, deixando de lado, por imprestáveis, certas peças (?) espécie de "scripts", cenas, "sketchs", etc., levados comumente pelo rádio. Sob a influência do teatro experimental, — é claro que ele precisa antes, torna-se vitorioso — é lógico que ele passará a encenar peças mais equilibradas, de arte realmente nobre. Bastaria aliás, trazer aqui o exemplo do Rio de Janeiro, onde os teatros populares começaram justamente a trilhar este caminho e tudo arriscam, levando à cena peças difíceis. E os profissionais apresentaram ao público essa modalidade e estão encenando peças complexas, como por exemplo "Bodas de Sangue" de Garcia Lorca...

Quisemos saber se, na escolha das peças, há preferências de estrangeiros ou nacionais.

— Preferências de nacionais propriamente não há, mesmo por que os nacionais nada fi-

zeram até agora. E se nós também não fizemos foi por que não havia como fazê-lo. A única de que lançamos mão foi "Vestido de Noiva", de Nelson Rodrigues, de quem temos uma promessa de outra peça escrita especialmente para nós.

— Várias vezes, em entrevistas que temos dado aos jornais, tenho solicitado que os autores nos mandem peças originais, novas, diferentes, criações inéditas. O nosso interesse é destacarmos o mais possível as criações brasileiras. Mas queremos peças de gente nova e não de medalhões.

— O Grupo mantém contacto com outras organizações idênticas, no país e no estrangeiro? — voltamos a interrogar.

— No estrangeiro não respondemos. Mantemos relações as mais cordiais com o Grupo do Teatro Universitário e com os Comediantes. Aliás, quando eles aqui estiverem nos convidaram para assistir os seus espetáculos e vieram. A nossa série dos nossos encontros quando estivemos no Rio, estreitamos ainda mais esse contacto. São eles os únicos com quem mantemos ligações mais diretas.

O teatro é um meio de difusão cultural. Está certo. O povo necessita de cultura. Também está certo. O que não está certo é que se faça teatro com uma finalidade de seleção de público. Nesse plano que orientamos a nossa pergunta: sobre se havia qualquer idéia a esse respeito. E foi como se todos nos tivessem respondido a um só tempo, tal a reação que se manifestou.

— Não temos preferência sobre este ou aquele público, o que seria ilógico, tratando-se de teatro realmente equilibrado. Está claro que o que desejamos é um grande e culto público: público seletivo, compreensivo; não no sentido social pois, entre os granfinos há muita falta de

compreensão e, podemos mesmo afirmar, verdadeira falta de cultura e gosto artístico. Já nos haviam sugerido a realização de um teatro popular — o que, aliás, já fazia parte do nosso plano de trabalho. Tão logo nos seja possível fazer teatro nos bairros, para o povo, para a massa, trataremos de fazê-lo porque é principalmente para o povo que nos voltamos.

— A elite, naturalmente, possui teatros a vontade, para sua livre escolha... — aventamos.

— Não, a elite não possui esses teatros por que não os há. Se houvesse ela escolheria, certamente, de acordo com seu livre arbítrio. Bom ou mau, não sabemos. Mas o fato é que não há teatro.

No sentido de dar maior amplitude ao nosso movimento, estamos planejando realizar uma excursão pelas maiores cidades do interior do Estado. Por outro lado, temos feito continuamente ofertas ao Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal, para darmos espetáculos integralmente gratuitos. Eles não tomaram conhecimento dos nossos reiterados oferecimentos, pelo menos até hoje. Entretanto, continuamos e continuaremos oferecendo a nossa colaboração, pois o nosso principal objetivo é servir a cultura do povo.

— A que atribue o Grupo essa negativa? — perguntamos a Hélio Pereira de Queiroz o "ponto" do Grupo.

— A falta de interesse, de compreensão, de boa vontade — respondeu-nos. — Não querem compreender a importância e o valor do teatro. Mas não diz respeito apenas a nós a situação. Também o Teatro Universitário prômous realizar espetáculos gratuitos e nada conseguiu. Não tomaram conhecimento da oferta.

PÁGINA

TEATRO para o povo em todos os bairros. A Noite, s.l., 06 nov. 1944.

— ... e o que Dulcina está fazendo atualmente... — diz ainda Alfredo Mesquita, e continua, respondendo à nossa pergunta sobre que peças projeta encenar:

— Temos uma peça inglesa de Sutton Wanhe, e vamos repetir "A sombra do mal", de Lenormand, justamente um dos autores mais conhecidos do chamado "teatro de vanguarda francês". Queremos também realizar uma adaptação de "Os Pássaros", de Aristófanes, de que estou incumbido, e mais ainda uma peça moderna, de minha autoria. Moderna não só como conceção, mas também como ideia central e assunto, na qual focalizamos certos problemas da mocidade ante o mundo atual. E tudo para a presente temporada.

É lógico que da organização de um Grupo com finalidades tão amplas, decorram despesas igualmente amplas, que não podem ser cobertas apenas com a boa vontade. Parece necessário que alguém compareça com o seu apoio não somente material como material!

E Lila Ipólito quem nos esclarece sobre essas necessidades do Grupo.

— Acho que o teatro experimental necessita do apoio de todos, de um modo geral, e do governo em particular. Desejamos que todos se façam presentes com a sua parcela de ação - estudantes, jornalistas, povo, enfim. O concurso do governo é claro facilitará profundamente nosso trabalho. Não seria absolutamente necessário que esse apoio fosse integralmente econômico. Basta-nos, nesse particular, que o Departamento de Cultura aceitasse os nossos oferecimentos para espécie de patrocínios por aquela entidade...

— oOo —

Dentre os vários movimentos que vêm sendo promovidos em defesa do teatro, avulta, pela sua importância, o Teatro do Negro, a cujos ensaios o Rio de Janeiro tem assistido e aplaudido.

Interessava-nos, consequentemente, conhecer a opinião do Grupo a respeito.

LIGIA FAGUNDES

Do Teatro de Negros, sabemos dispostos a continuar tém anunciado. Entretanto, nada obstante o pouco que conhecemos dele, apoiámos e estamos dispostos a continuar apoiando a idéia pois achamos-la excelente. Nos Estados Unidos há o Teatro de Negros formidável e, o que é mais, vitorioso. Estou ao par de que eles, no Rio, vão representar duas ou três peças dentre as quais Jubilahá, de Jorge Amado. A direção está confiada a gente capaz, competente, tudo indicando que vai dar muito certo...

ALFREDO MESQUITA

Sel que Vinícius de Moraes tem uma peça que deseja seja representada por esse teatro. É "A Lenda de Orfeu na Favela". Ele modernizou o processo e integrá-lo na Favela...

A NOITE

E você acredita em Vinícius como autor teatral?

MESQUITA

Eu acredito em Vinícius em geral...

* * *

Finalmente a conversa tomou outro aspecto. Assim, ficamos sabendo que Clovis Graciano é o diretor artístico do Grupo. Que é um entusiasta do teatro e que os seus cenários constituem fatores decisivos na representação das peças.

Soubemos, por outro lado, que o Grupo pretende realizar temporada apresentando quatro peças.

— Entretanto — diz Alfredo Mesquita — por absoluta falta de tempo, apresentaremos apenas duas. Mais tarde as outras quatro. Imediatamente reunimos as quatro, que representaremos no Rio...

Em São Paulo, as peças serão levadas à cena no Teatro Municipal sendo a estréia possivelmente a 20 ou 23 de novembro. O mais certo, entretanto é que seja na última semana de novembro. "Fóra da Barra", de Sutton Wanhe, em tradução de D. Nair G. Wright, e uma peça de Alfredo Mesquita, de costumes paulistas retratando os problemas da nova geração.

Fazem parte do Teatro de Experiência os seguintes elementos: Jean Meyer, Paulo Mendonça, Lucia Pereira de Almeida, Eduardo da Silva Prado, Peter Brado, Rui Mesquita, Lila Ipólito Barros Pinto, Elígena Faria de Freitas, Lala Ipólito e Abilio Pereira de Almeida.

TEATRO para o povo em todos os bairros. A Noite, s.l., 06 nov. 1944.

... E o que Dulcina está fazendo atualmente... — diz ainda Alfredo Mesquita, e continua, respondendo à nossa pergunta sobre que peças projeta encenar:

— Temos uma peça inglesa de Sutton Wanhe, e vamos repetir "A sombra do mal", de Lenormand, justamente um dos autores mais conhecidos do chamado "teatro de vanguarda frances". Queremos também realizar uma adaptação de "Os Pássaros", de Aristofanes, de que estou incumbido, e mais ainda uma peça moderna, de minha autoria. Moderna não só como concepção, mas também como icônia central e assunto, na qual focalizamos certos problemas da mocidade ante o mundo atual. E tudo para a presente temporada.

É lógico que da organização de um Grupo com finalidades tão amplas, decorram despesas igualmente amplas, que não podem ser cobertas apenas com a boa vontade. Parece necessário que alguém compareça com o seu apoio não somente moral como material.

É Lila Ipólito quem nos esclarece sobre essas necessidades do Grupo.

— Acho que o teatro experimental necessita do apoio de todos, de um modo geral, e do governo em particular. Desejamos que todos se façam presentes com a sua parcela de ação - estudantes, jornalistas, povo, enfim. O concurso do governo é claro facilitaria profundamente nosso trabalho. Não seria absolutamente necessário que esse apoio fosse integralmente econômico. Basta, nesse particular, que o Departamento de Cultura aceitasse os nossos oferecimentos para espetáculos patrocinados por aquela entidade... —oo—

Dentre os vários movimentos que vêm sendo promovidos em defesa do teatro, avulta, pela sua importância o Teatro do Negro, a cujos ensaios o Rio de Janeiro tem assistido e aplaudido.

Interessava-nos consequentemente, conhecer a opinião do Grupo a respeito.

LIGIA FAGUNDES

Do Teatro de Negros, sabemos dispostos a continuar têm anunciado. Entretanto, nada obstante o pouco que conhecemos dele, apoiámos e estamos dispostos a continuar apoiando a idéia pois achamos excelente. Nos Estados Unidos ha o Teatro de Negros formidável e, o que é mais, vitorioso. Estou ao par de que eles, no Rio, vão representar duas ou três peças dentre as quais Jubibá, de Jorge Amado. A direção está confiada a gente capaz, competente, tudo indicando que vai dar muito certo...

ALFREDO MESQUITA

Sei que Vinícius de Moraes tem uma peça que deseja seja representada por esse teatro. É "A Lenda de Orfeu na Favela". Ele modernizou o processo e integrá-lo na Favela...

A NOITE

E você acredita em Vinícius como autor teatral?

MESQUITA

Fui acreditado em Vinícius em geral... * * *

Finalmente a conversa tomou outro aspecto. Assim, ficamos sabendo que Clovis Graciano é o diretor artístico do Grupo. Que é um entusiasta do teatro e que os seus cenários constituem fatores decisivos na representação das peças.

Soubemos, por outro lado, que o Grupo pretende realizar a temporada apresentando quatro peças.

— Entretanto — diz Alfredo Mesquita — por absoluta falta de tempo, apresentaremos apenas duas. Mais tarde as outras duas, eventualmente, faremos no Rio.

No São Paulo, as peças serão levadas à cena no Teatro Municipal, sendo a estréia possivelmente a 20 ou 23 de novembro. O mais certo, entretanto é que seja na última semana de novembro. "Fóra da Barra", de Sutton Wanhe, em tradução de D. Nair G. Wright, e uma peça de Alfredo Mesquita, de costumes paulistas retratando os problemas da nova geração.

Fazem parte do Teatro de Experiência os seguintes elementos: Jean Meyer, Paulo Mendonça, Lucia Pereira de Almeida, Eduardo da Silva Prado, Peter Prado, Ruf Mesquita, Lila Ipólito Barros Pinto, Efigênia Faria de Freitas, Lala Ipólito e Abilio Pereira de Almeida.

RESSURGE o Grupo de Teatro Experimental apresentando ao público a peça "Fora da Barra". **Correio Paulistano**, São Paulo, 28 nov. 1944.

Ressurge o Grupo de Teatro Experimental apresentando ao público a peça «Fora da Barra»

1944
Uma tentativa em prol da elevação de nosso nível cultural — Os amadores que integram o conjunto revelam pendores para o palco — O ensaio geral da peça foi levada a efeito domingo no Teatro Municipal

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

RESSURGE o Grupo de Teatro Experimental apresentando ao publico a peça "Fora da Barra". **Correio Paulistano**, São Paulo, 28 nov. 1944.

Ressurge o Grupo de Teatro Experimental apresentando ao publico a peça «Fora da Barra»

1087
Uma tentatiya em pról da elevação de nosso nível cultural — Os amadores que integram o conjunto revelam pendores para o palco — O ensaio geral da peça foi levada a efeito domingo no Teatro Municipal



RESSURGE o Grupo de Teatro Experimental apresentando ao publico a peça "Fora da Barra". **Correio Paulistano**, São Paulo, 28 nov. 1944.

Ressurge o Grupo de Teatro Experimental apresentando ao publico a peça «Fora da Barra»

Uma tentativa em prol da elevação de nosso nível cultural — Os amadores que integram o conjunto revelam pendores para o palco — O ensaio geral da peça foi levada a efeito domingo no Teatro Municipal



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

PAGINADO

RESSURGE o Grupo de Teatro Experimental apresentando ao público a peça "Fora da Barra". **Correio Paulistano**, São Paulo, 28 nov. 1944.

O cliché focaliza um aspecto do ensaio geral dos elementos que integram o Grupo de Teatro Experimental, vendendo-se de Almeida e José de Barros Pinto.

Quando esta edição estiver circulando, os componentes do Grupo de Teatro Experimental já terão apresentado ao público paulistano o espetáculo de arte que haviam prometido e que vinha sendo aguardado com interesse. Trata-se da apresentação da peça "Fora da barra", de Sutton Vane, a cuja encenação geral assistimos domingo, no Teatro Municipal. Não nos levou o objetivo de fazer críticas artísticas, embora tivessemos notado que o conjunto revelava absoluta unidade, que os papéis estão na ponta da língua e que reina, antes de tudo, extraordinário entusiasmo entre os rapazes e moças que integram o Grupo de Teatro Experimental. Esse entusiasmo será, certamente, o ponto de apoio dessa tentativa artística ora empreendida.

COMO APARECEU O GRUPO DE TEATRO EXPERIMENTAL

Foi a senhorita Irene Smallbone quem teve a iniciativa de organizar o conjunto em 1942, reunindo alguns elementos cuja tendência para o palco foi desde logo revelada. Os ensaios se repetiram, e durante o ano seguinte o Grupo teve oportunidade de montar e representar duas peças, que alcançaram sucesso em nossas mídias artísticas, levando-se em conta, principalmente, que se tratava de um trabalho de amadores. "Soldado de chocolate", de Bernard Shaw foi a primeira, e "Sombra do mal", de Lee Norman foi a segunda e última peça que os elementos do Grupo representaram. Durante certo período,

dores estiveram inativos e agora, de três meses para cá, cuidaram de reorganizar o conjunto, para apresentar "Fora da barra", ontem levada a cena no Municipal e "Heffman", de Alfredo Mesquita, que será representada amanhã no mesmo teatro.

OS ELEMENTOS QUE INTEGRAM O GRUPO DE TEATRO EXPERIMENTAL

A escritora Lígia Fagundes, diretora de propaganda do conjunto, convidou a reportagem do "Correio Paulistano" para assistir ao ensaio geral, que, como dissemos foi levado a efeito domingo, à noite. Poderosos artistas todos os componentes do elenco, revelam, embora, como amadores que se iniciam na difícil arte, apresentem defeitos desculpáveis que os críticos não observam. Alfredo Mesquita soube ensinar o conjunto e "Fora da Barra" foi cuidadosamente montada, destacando-se os cenários, que foram feitos pelo consagrado pintor Clóvis Graciano. A diretora se descreve a bordo de um barco, onde se encontraram as protagonistas, que são criaturas que vivem no mundo do Além, julcando-se, entretanto, vivas. Mal julcando não reconheçamos em Sutton Vane um teatrólogo de grandes récitas e péga serrada. Achamos até interessante que o conjunto tenha encenado "Fora da barra" para assinalar o reinício de suas atividades artísticas. Em futuro bem próximo, outras peças serão apresentadas, e com elas há de se notar o desenvolvimento que os amadores vão ter com o correr dos tempos. Capacidade de rea-

lização, pelo que vemos, não lhes falta. "Heffman", de Alfredo Mesquita, que é o diretor teatral do Grupo de Teatro Experimental, já é uma peça em que os artistas poderão revelar melhor a sua tendência para o palco. Deve ter-se em conta de novidade, também, que Clóvis Graciano compôs para "Heffman" cenários mais arrojados, e por isso mesmo mais interessantes. Integram o Grupo de Teatro Experimental os seguintes amadores: Lucia Pereira de Almeida, Helenita de Queiroz Matoso, Efígenia Faria de Freitas, Peter Prado, José de Queiroz Matoso, Paulo Meneses, Calo Eduardo Calubbi, Abilio Pereira de Almeida e José de Barros Pinto.

Todos eles estão bastante animados e achamos que a crítica teatral de São Paulo não de receber-lhos bem, estimulando assim uma tentativa artística que o Grupo de Teatro Experimental faz em benefício da elevação de nosso nível cultural.

TO UNHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ

LÁGINA 02

GRUPO de Teatro Experimental. **O Jornal de São Paulo**, [São Paulo], 19 abr. 1945.

**GRUPO DE TEATRO
EXPERIMENTAL**

A convite do Departamento de Cultural Social dos Sindicatos dos Trabalhadores dos vinhos, município de Santo André, em sua primeira apresentação oficial, e no intuito de continuar o seu programa, auspiciosamente iniciado em teatros de bairro desta Capital, de difusão e elevação do teatro, em espetáculos populares, o Grupo de Teatro Experimental realizou ontem, no Teatro Carlos Gomes, de Santo André, uma récita em homenagem aos trabalhadores daquele próspero município, levando à cena a peça "Heffman", do aplaudido escritor e teatrólogo Alfredo Mesquita. Em interessantes e originais encenações de Clóvis Graciano, tomaram parte os seguintes artistas: Genoveva e Efigênia, Maria de Freitas, Miriam Litchitz, Paulo Mendonça, Rui Mesquita, Marina Freire Franco, Lila, Inôlito, Jean Meyer e Lala Inôlito, atuando como ponto Helio Pereira de Queiroz.

O encontro, bem demonstra, mais uma vez, o alcance e a significação de iniciativas culturais desse gênero, no qual pretende perseverar o G.T.E., que, reiniciando suas atividades no corrente ano, vem preparando novo e carinhoso programa, com peças clássicas e de atualidade, a serem desempenhadas pelos seus companheiros, desta Capital, no Rio de Janeiro e em várias cidades vizinhas.

**P
R
O
C
O
M
P
A
N
H
I
A
C
I
N
E
M
A
T
O
G
R
A
F
I
C
A
V
E
R
A
C
R
U
Z**

OS TEATROS de amadores estão trabalhando.⁰⁷ *Jornal de São Paulo*, São Paulo, 29 jul. 1945. Incompleto.

OS TEATROS DE AMADEORES ESTAO TRABALHANDO

JORNAL DE SÃO PAULO 29-7-1945

A7A
P.085 F-24

Os "Comediantes", o "GTE" e o "GUT" — Como a diversão pode ser mais séria do que o ofício — Virtuosismo, formação de hábitos e educação — Com dinheiro, ou sem dinheiro... do Ministério



PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRAFICA VERA CRUZ

Nessas fotografias são registrados o contraste entre o projeto dos "Comediantes" e a realidade da montagem teatral de um grupo de amadores. Do Rio veio, quando da temporada paulista, o jovem diretor Guto, que rapidamente adaptou os espetáculos ao teatro, e de fundo constante para os palcos móveis de "Félix e Melisanda" (Desenho de Santa Rosa). Ao lado, três personagens do GUT desce-
gam, num intervalo, junto ao céu do palco, pintado com que o "GUT" viajou por todo o interior. (Desenho de Clóvis Graciano).

PAGINA 01

OS TEATROS de amadores estão trabalhando.⁰⁷ Jornal de São Paulo, São Paulo, 29 jul. 1945. Incompleto.

OS TEATROS DE AMADEORES ESTAO TRABALHANDO

JORNAL DE SÃO PAULO 29-7-1945

Os "Comediante", o "GTE" e o "GUT" — Como a diversão pode ser mais séria do que o ofício — Virtuosismo, formação de hábitos e educação — Com dinheiro, ou sem dinheiro... do Ministério



PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ

Nessa fotografia fica registrado o contraste entre o grandioso do "Comediante" e a simplicidade da montagem do GUT, que é um teatro de "teatro". Da Ria veio, quando da temporada paulista, o diretor do GUT, Celso Lacerda Júnior, levando em cada peça em que se fazia diferença, que servia de fundo constante para os palcos móveis de "Pelas e Melhoradas" (Desenho de Santo Ribeiro). Às laterais, essas pinturas que só se vêem desenham, num intervalo, junto ao céu do pôr, pintado com que o "GUT", viajou por todo o interior. (Desenho de Cícero Graciano).

PÁGINA 01

OS TEATROS DE AMADORES EST

JORNAL DE SÃO PAULO 29-7-1945

Os "Comediantes", o "GTE" e o "GUT" — Como a diversão do ofício — Virtuosismo, formação de hábitos e educação — Com d



PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ

Nessas fotografias fica registrada a parada, entre os comediantes "Comediantes" e a "Veracruz". Do Rio veio, quando da temporada paulista, o imenso dovelê de tecido fino, iluminado constante para os palcos móveis de "Peleas e Melissanda" (Desenho de Santa Cruz, num intervalo, junto ao céu de papel pintado com que o "GUT" viajou po-

MADORES ESTAO TRABALHANDO

29-7-1945

HFA
P.085 p.26

"GUT" — Como a diversão pode ser mais séria do que
ritos e educação — Com dinheiro, ou sem dinheiro... do Ministério



PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ

dioso dos "Comediantes" e a modestia de montagem do "Grupo Universitário de Teatro docel de tecido fino, iluminado em cada cena com uma luz diferente, que serviu ssanda" (Desenho de Santa Rosa). Ao lado, três personagens do Gil Vicente discutem que o "GUT" viajou por todo o interior. (Desenho de Clovis Graciano).

OS TEATROS de amadores estão trabalhando. *Jornal de São Paulo*, São Paulo, 29 jul. 1945. Incompleto.

**REPO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

Dávales trocas de ambições que só surgiu no final do Congresso de Escritores. Para diversão do leitor, digamos honestamente que, por sinal, disso tudo, só uma competição entre São Paulo e um pouco paraíba, com suas competições futebolísticas. Contudo, mesmo sem os mestres em questão de teatro, desse mas só para dar uma ideia de quanto tempo consumiram as ameaças à Praia Grande, é só lembrar o professor Gómez, da Ribeira, em 1937, fala com alusão ao Palácio de Friburgo (que é francês) e um mês depois Julio Dantas, como se aí já se não nasciam os dois anos do "curto espaço" nos teatros.

Desses grupos, o que destaca é o de São Paulo, que é a grandeza do cinema brasileiro, ponderando-se de que modo é preciso salvá-los de si mesmos, em favor da cultura. "Comediantes" de Rio, e o "Grupo de Teatro Experimental" e o "Grupo Universitário de Teatro", em São Paulo.

Outra nota sobre o cinema é que, apesar de ter uma forte tradição, ele é, em verdade, um gênero de teatro, orientado perfeitamente para o teatro.

REF ID: A02

PAGE N° 03

OS TEATROS de amadores estão trabalhando. *Jornal de São Paulo*, São Paulo, 29 jul. 1945. Incompleto.

temente distinção que cada um ilhes tem e o caráter bem marcado de suas representações. Enquanto os vários grupos profissionais mal se distinguem uns dos outros pelo nome da metrila, no 1, os amadores cuidam conscientemente de que poderíamos chamar de "personalidade" de seus espetáculos. Nunca seria possível confundir uma peça francesa dirigida por Adacto Filho, com um Musset realizado por Alfredo Mesquita. E mais, os maiores, os cenários, a "mise-en-scène," a distribuição e a marcação têm uma nota peculiar, um sabor próprio, o qual leva o público a pensar que esses moços, que se divertem fazendo teatro, levam muito mais a sério a sua direção do que os profissionais o seu ofício.

Os "Comediantes", que são assim uma descendência de quantos esforços vêm sendo feitos no Rio pelos pioneiros do teatro amador, como Pascoal Carneiro Magno, Adacto Filho, Brálio, Pedreira, etc., acabaram por se constituir em "grande companhia". O Ministro da Cultura, cujas lentes pareciam só lhe possibilhar uma visão metropolitana das coisas de espírito, subvenzionou os largamente (o gesto, aliás, só podia merecer aplausos, mas ainda assim levava o rosto do autor do Ministério subvenzionaria também os teatros amadores de outras partes do território nacional...), e, contando com uma caixa bem lastreada, os "Comediantes" não tiveram maiores hesitações. Lancaram-se na linha que sempre desejaram, que era a do teatro de arte, do grande teatro, do clássico estético teatral. Além dos seus diretores artísticos, jijou convenientemente contratar os serviços de Ziemblinski, o diretor polaco refugiado no Brasil, cuja visão cênica correspondia às mil maravilhas, aos desejos dos "Comediantes". Ziemblinski é homem dedicado a peças como, por exemplo, "Péleas e Melisso" de Maeterlinck, que faz representar em recitativo pausado e dramático, numa verdadeira dignidade de artista. Até que os primeiros golpes e tento de montar o "Voo de Noiva" de Nelson Rodrigues, quando ser pendiido de vez perdido uma só das chaves do vistosismo que oferece a técnica cinematográfica forem exercitados. O entusiasmo dos atores pelas cenas feitas de luz (enumeradas e às cegas) pelos seus palcos multiplicou-se pro-



O "Grupo Experimental de Teatro" prefere as montagens e os vestuários simples e elegantes. Este bar de navio viu decidir-se os destino dos roteiros de "Fora da Barraca" (Crédito de Graciano).

PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ

PÁGINA 03



TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA

Rua Major Diogo N.os 311 e 315
SÃO PAULO

São Paulo, 28 de Maio de 1949
Ilmo. Sr. Octavio Guinle
Cia. Hoteis Palace
Rio

Presado sr. Guinle

Preso ao meu serviço de advocacia e tambem aos ensaios da nova estreia -The Time of Your Life- de Saroyan, não tenho podido dar uma fugidaao Rio, como era de meu desejo. Não estou descuidando, todavia, de nossa temporada no Teatro Copacabana. Tenho preparado o elenco, a propaganda bem como estamos estudando os cenarios, a serem projetados por Aldo Calvo e pela Sra. Fifi Assumpção.

Já compuz o texto de uma circular, em fino papel, com cliches e noticias sobre a temporada e apreciações da critica sobre as peças a serem apresentadas. Vou mandar imprimir cerca de 5.000 para serem distribuídas pelo bairro de Copacabana. Vou mandar uma prova dessa circular a V.S.; quem sabe a Cia. Hoteis Palace não tomara medida semelhante para lançamento do Teatro?

Outrossim, estudo a possibilidade de se estreiar o Teatro Copacabana com uma "avant-première" de gala, da "A Mulher do Proximo", em beneficio de uma idonea instituição de benemerencia. As diretoras da Instituição se encarregariam da distribuição das entradas a um preço elevado de que se deduziria para o meu grupo a importância de Cr.\$50,00 para o meu grupo. A inauguração do nosso Teatro, com a "A Mulher do Proximo" foi realizada tambem em "avnt premiére" em que se cobraram Cr.\$.. 250,00 per capita.

Se V.S. quizer estudar essa ideia junto á Sra. Léa Afonseca, por exemplo, acho que seria interessante. Poder-se-ia, tambem, dar uma "avant premiére" de Fifi Calvo.

Em meados do mes de julho serão enviados os cenarios e o nosso cenarista Bassano Vaccarini irá dirigir e ajudar a sua montagem. Penso poder realizar os engaios gerais em 9 e 10 de julho, estrelando no dia 11. Até la, é certo, o Teatro estará pronto.

**PROJETO
CONTINUA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

(continuação)

Durante o mez de Junho farei diversas incursões ao Rio para tratar dos diversos assuntos concernentes à temporada. Em todo o caso, se V.S. achar interessante a ideia da "avant première" de gala e em beneficio, seria necessário tomarem-se, desde logo, as providencias, afim de que haja tempo de se distribuirem as entredas a preços de beneficio.

Aguardando suas presadas ordens, despeço-me cordialmente,

PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ



Teatro do Estudante do Brasil

Secretaria: STA. LUZIA, 303 - 10.º - 5/1005 - TEL. 42-8135
(Casa do Estudante do Brasil)

DIRETOR - FUNDADOR
PASCHOAL CARLOS MAGNO

*Da cas. à bili. Pereira de
Almeida:*

desde que cheguei, dizia-me "Então quando é que escreve ao Abilio?" Amanhã. O amanhã ia criar cabos brancos quando me atirei a esta pobre maquina de escrever para um bate-papo. Primeiro para dizer-lhe obrigado pelo interesse dispensado ao T.E. Pelas generosas palavras que soube dizer a meu respeito e de meu trabalho. Pelo que está realizando, com seu amor ao teatro, pelo teatro em geral. Já imagino que a loja do "Museu de Arte Moderna" já vai tornando eres de pequena plateia - "Vieux Colombier" mudando seu endereço de Paris para S. Paulo - a fim de poder instalar seu "Teatro Experimental". Vai ficar, daqui, desta distancia, numa imensa torcida, desejando-lhe apoio de toda a gente para levar avante tão grande e importante empreitada. O "Teatro do Estudante" inaugura ainda este mes seu "Seminario de Arte Dramatica". Vai de escolas que andam necessitados. Cansei-me de improvisações. Uma escola, como a do Mesquita ai, que selecione e oriente vocações. Depois de Setembro, quando minha casa ficar pronta, no Curvelo, em Santa Tereza, o Seminario se instalará ai definitivamente. Há mar por todos os lados e se levantar o braço e ouvir toque no céo. A paisagem é bonita, e ai na casa um "Teatro-Dise" com cem lugares que servirá para espetáculo experimental de autores e atores. O "Seminario" ganhará esse teatro, o jardim com suas palmeiras velhas, seus bancos de azulejos, sua paisagem e minha biblioteca. Quando eu morrer-

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**



Teatro do Estudante do Brasil

Secretaria: STA. LUZIA, 305 - 10.º - S/1005 - TEL. 42-8135
(Casa do Estudante do Brasil)

DIRETOR - FUNDADOR
PASCHOAL CARLOS MAGNO

*Mu. cas. à bili. Pereira de
Almeida:*

desde que cheguei, dizia-me "Então quando é que escreve ao Abilio?" Amanhã. O amanhã ia criar cabos brancos quando me atirei a esta pobre máquina de escrever para um bate-papo. Primeiro para dizer-lhe obrigado pelo interesse dispensado ao T.E. Pelas generosidades palavras que soube dizer a meu respeito e de meu trabalho. Pelo que está realizando, com seu amor ao teatro, pelo teatro em geral. Já imagino que a loja do "Museu de Arte Moderna" já está tomando áreas de pequenas plateias - "Vieux Colombier" mudando seu endereço de Paris para São Paulo a fim de poder instalar seu "Teatro Experimental". E fico, daqui, desta distância, numa imensa torcida, desejando-lhe apoio de toda a gente para levar avante tão grande e importante empreitada. O "Teatro do Estudante" inaugura ainda este mês seu "Seminário de Arte Dramática". É de escolas que andam necessitados. Cansei-me de improvisações. Uma escola, como a do Mesquita ali, que selecione e oriente vocações. Depois de Setembro, quando minha casa ficar pronta, no Curvelo, em Santa Tereza, o Seminário se instalará ali definitivamente. Há men por todos os lados e se levantar o braço-curva toque no círculo. A paisagem é bonita e eu na casa um "Teatro-Düssel" com cem lugares que servirá para campo experimental de autores e atores. O "Seminário" ganhará esse teatro, o jardim com suas palmeiras velhas, seus bancos de azulejos, sua paisagem e minha biblioteca. Quando eu morrer-

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

Dear Mrs. [unclear]
-Meu Deus que não seja já!- ganhará então
a casa toda. Você quando vier ao Rio, depois
de Setembro, está convidado a ir olhar de
perto a casa e soltar falação aos "seminaristas".
Recomende-me à sua Senhora! E mande-me notícias
suas e do "T.E.": fotografias de "Glass Menagerie",
críticas, etc.

Afetuosa mente

Pachon Flávio Mafra

PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ

Meu Deus que não seja já! - ganhará então
a casa toda. Você quando vier ao Rio, depois
de Setembro, está convidado a ir olhar de
perto a casa e soltar falácias aos "seminaristas".
Recomende-me à sua Senhora. E mande-me notícias
suas e do "T.E.": fotografias de "Glass Menagerie",
críticas, etc.

Afectuosamente

Pachon Flávio Mello

PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ

de Setembro, está convidado a ir olhar de perto a casa e soltar falação aos "seminaristas".

Recomende-me á sua Senhora. E mande-me notícias suas e do "T.E.": fotografias de "Glass Menagerie",

críticas, etc.

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

*Afetuosa mente
Adão Negro*



PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA

VERA CRUZ



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA
VERA CRUZ**



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA**

ALFREDO MESQUITA E CLONIS GRACIANO

VERA CRUZ



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA
VERA CRUZ**



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

SÉRGIO JUNQUEIRA E HELENITA
MATTO SO

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**





**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

Documentos.

Arquivo
Títulos da
Fábrica de
Documentos.



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA
VERA CRUZ**

HAROLDO GREGORY, MARINA FREIRE, BARROS
PINTO, HELENITA MATTOSO, RUY MESQUITA,
DELMIRO GONÇALVES, BABY PIZA



PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ

DELMIRO GONÇALVES, ABILIO, MARINA
FREIRE, HAROLDO GRÉGORY, HELENITA
E JOSÉ MATTOSO



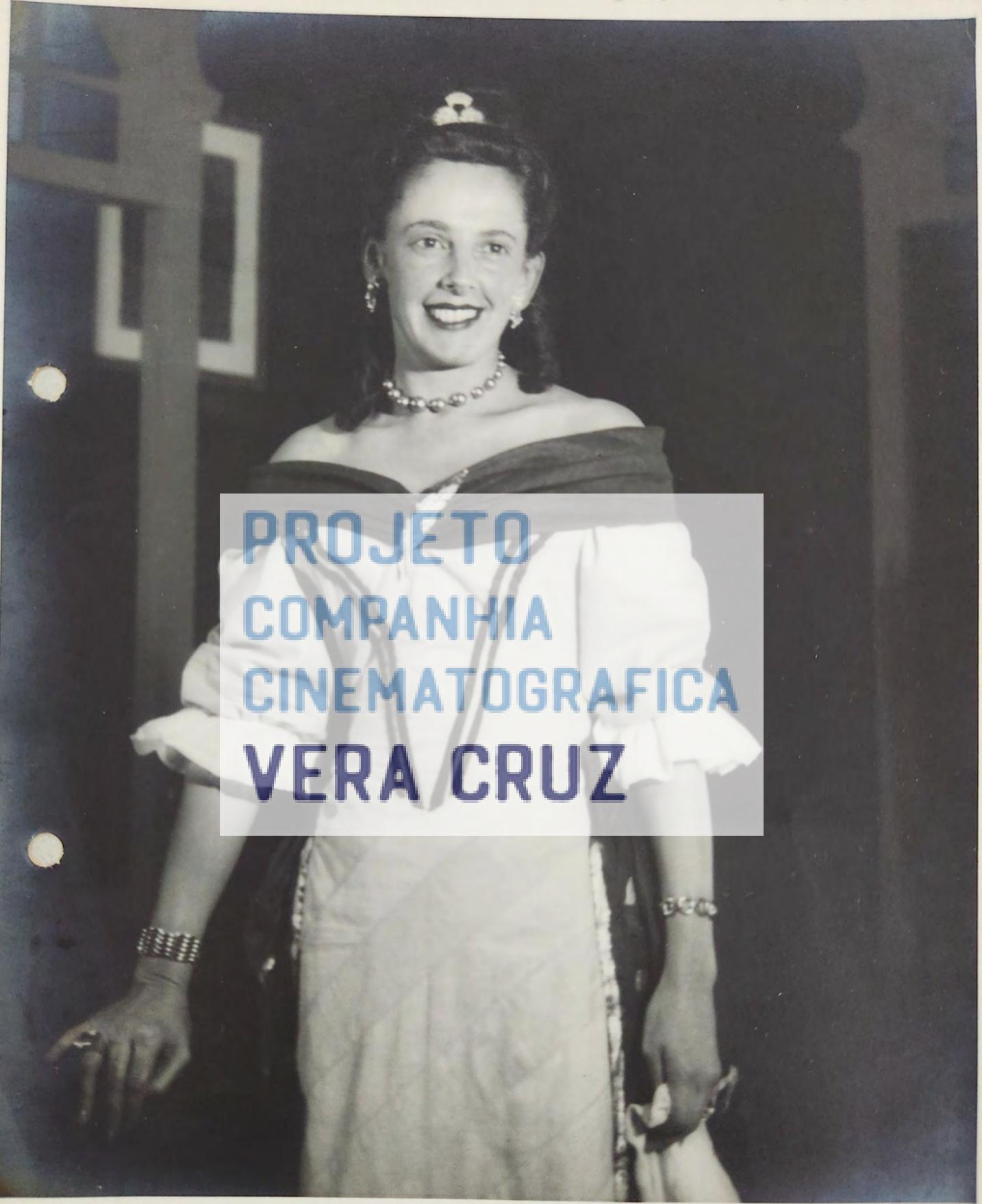
**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA
VERA CRUZ**

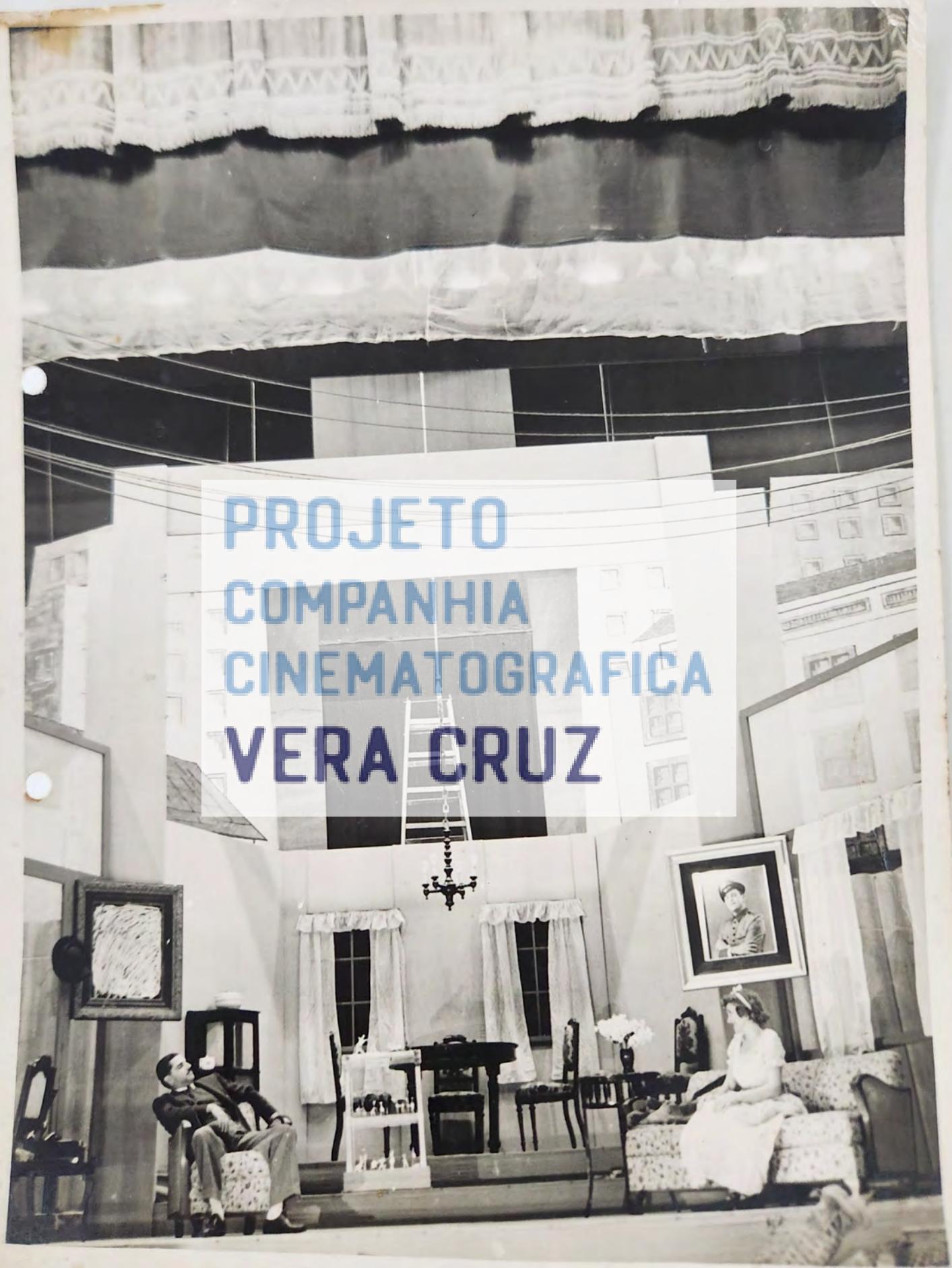


**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**



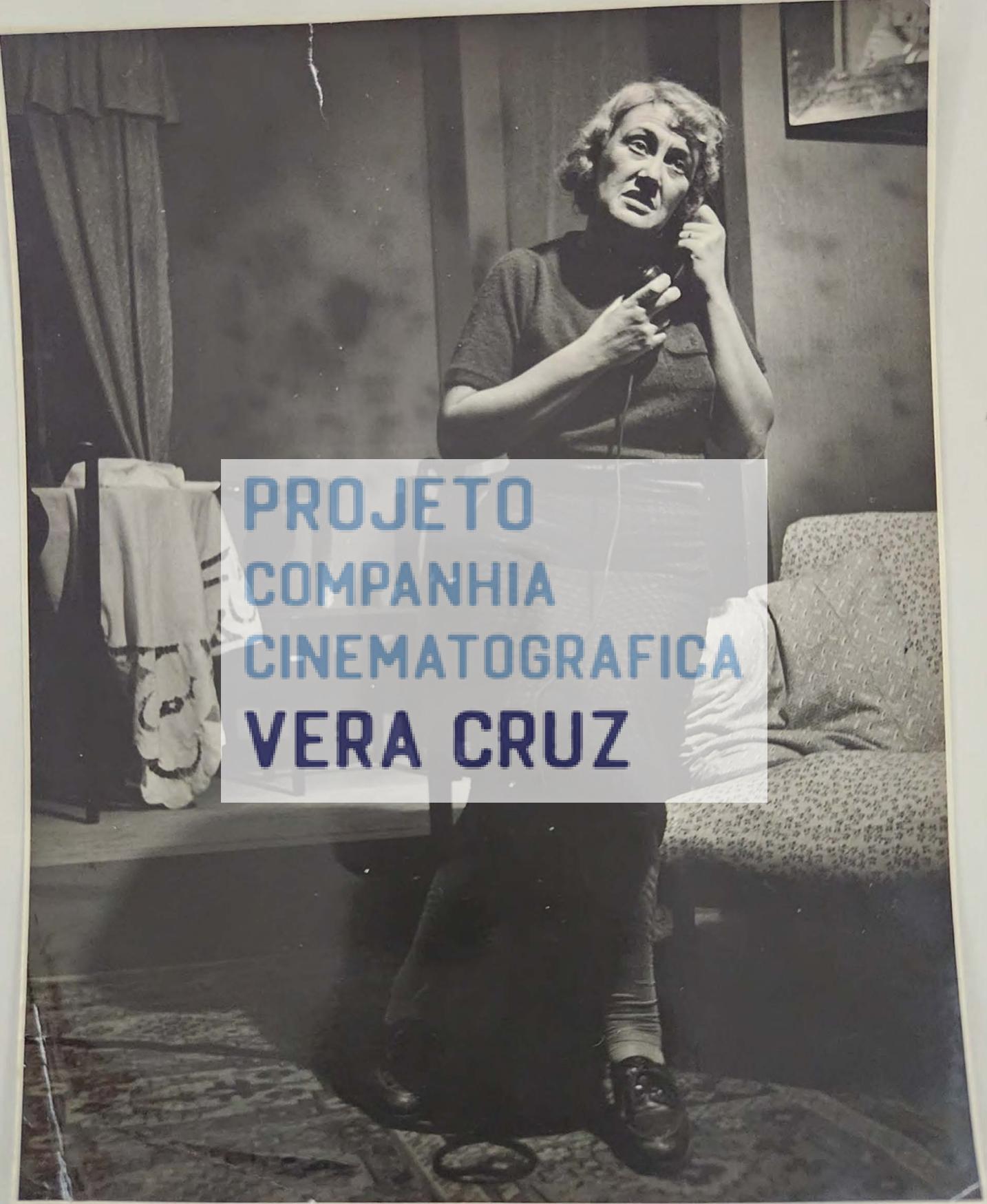
**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**





**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA
VERA CRUZ**

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA
VERA CRUZ**



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**



A black and white photograph showing a street scene. In the foreground, two men are walking away from the camera; one is wearing a dark suit and the other a light-colored jacket. In the background, there are several multi-story buildings with tiled roofs and numerous windows. The overall atmosphere is historical.

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

APA IV T 4.00128 PSS



APA IV T 4.00129 PSS
dupl.

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA
VERA CRUZ**





**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**





51

58

APA IV 3 4.000 PSE

dupl.

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

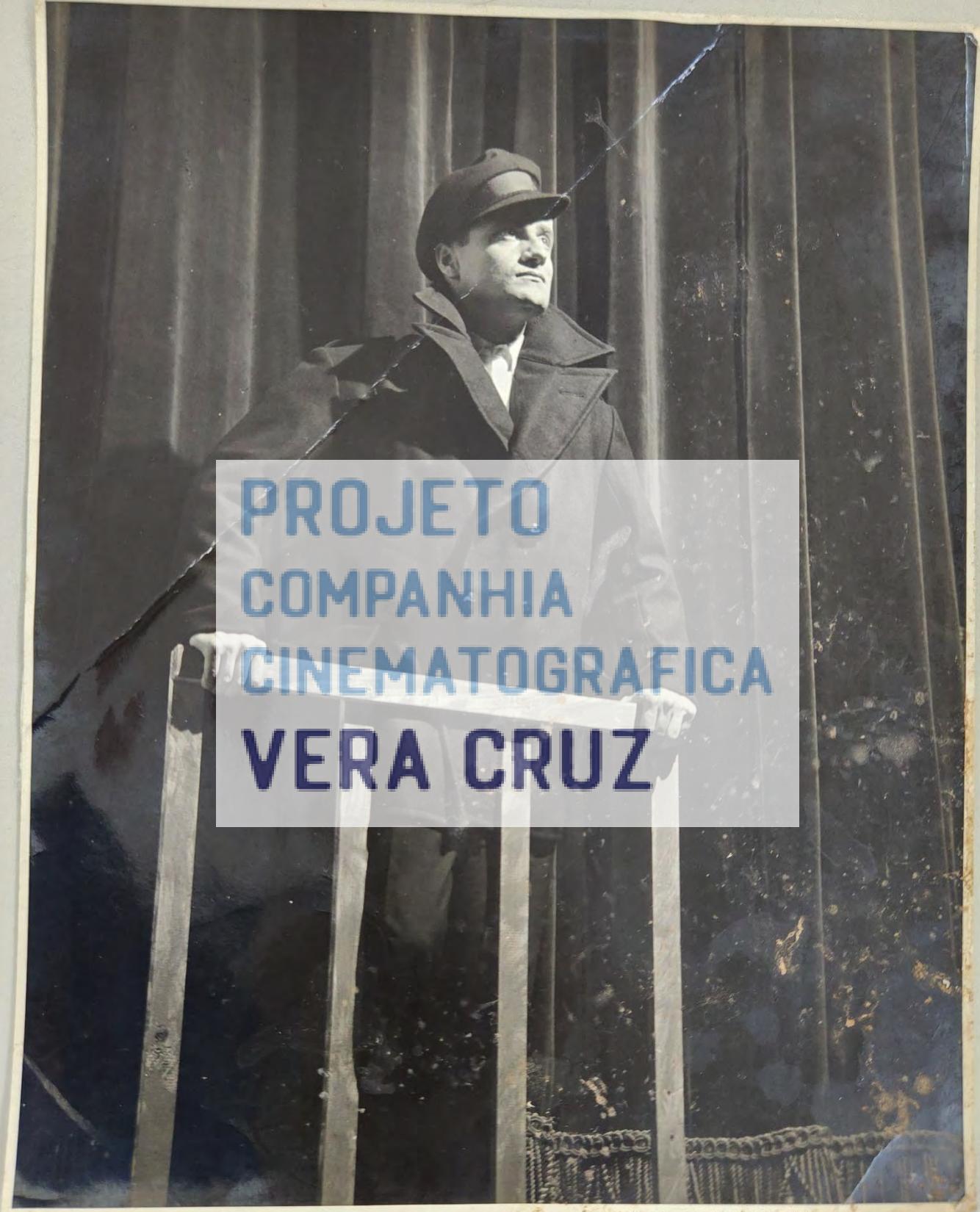
**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA
VERA CRUZ**

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA
VERA CRUZ**

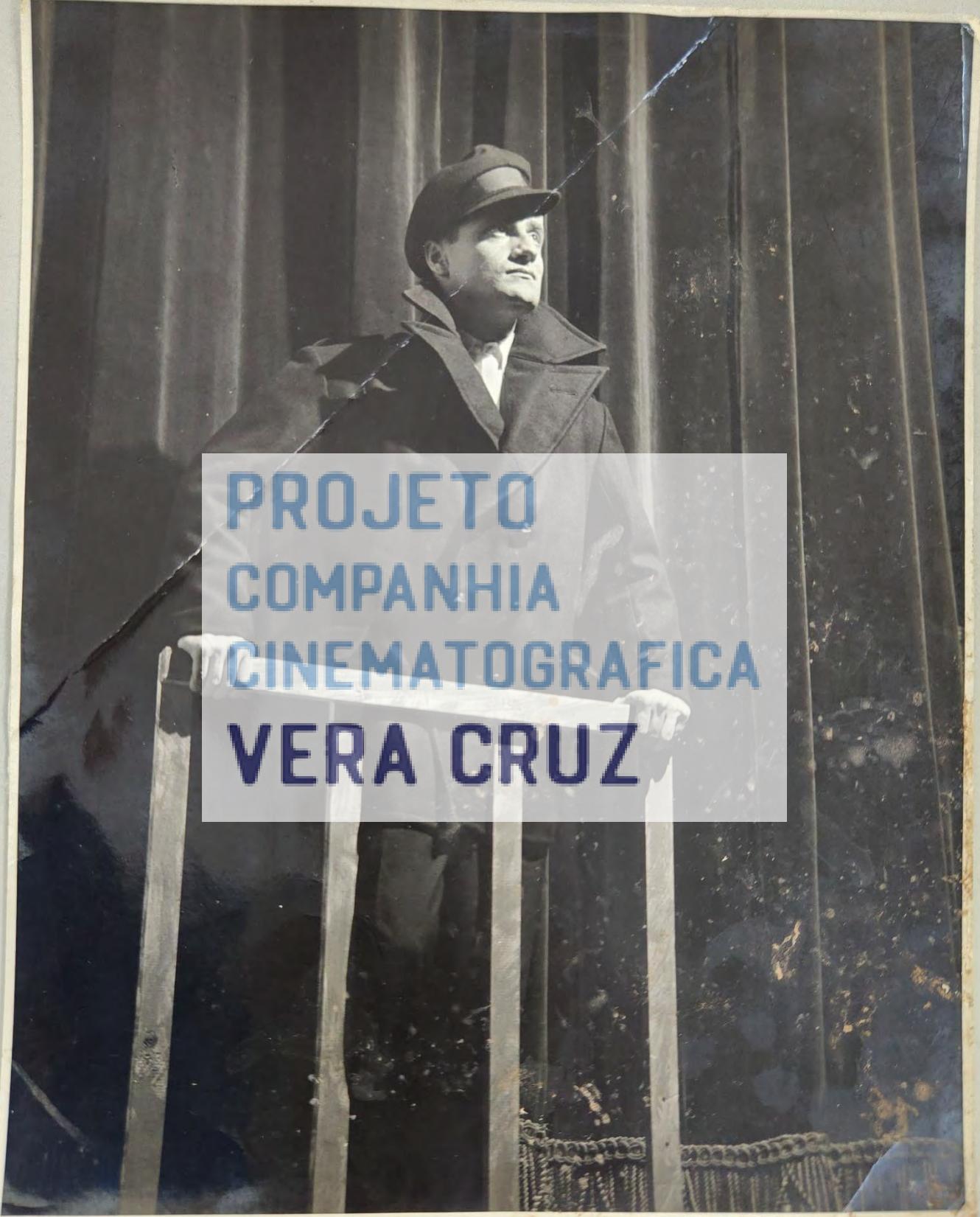


APA IV J 4.00133 PSF
dupl.

PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA
VERA CRUZ**



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

APA IV J 4.00134 758

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

758



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRAFICA
VERA CRUZ**

PROJETO
ANEXO 4.0016 P58
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ

GA

JEAN-PAUL SARTRE

ENTRE
QUATRO
PROJETO
PAREDES
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
(Huis Clos)
VERA CRUZ

Tradução de
Guilherme de Almeida

GA

O ESTADO DE S. PAULO — TERÇA-FEIRA, 31 DE JANEIRO DE 1950

I ★ Cinema ★ Radio ★

PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ

Nydia Licia e Cacilda Becker numa cena da peça "Entre quatro paredes" de Sartre, traduzida por Guilherme de Almeida. Essa peça está sendo representada com sucesso invulgar no Teatro Brasileiro de Comédia

CENTRO DE
Cidade Universitária
Tel.: 0-XX-19-37

MORTES DE JORNAL E FORMATO

Momento oportuno para considerações sobre Sartre dramaturgo: o Teatro Brasileiro de Comédia está apresentando "Entre quatro paredes" (Huis Clos).

Retorne-se, para lembrança, à primeira peça de Sartre no Brasil: "A... Respeitosa", satira ferina contra a civilização norte-americana. Atraiu público muito mais pelo seu título impublicável na nossa imprensa do que pelo seu valor teatral. Levada à cena em forma de estrelismo: Olga Navarro dominando do princípio ao fim e as outras personagens veladas, apagadas, quase sem existência em um teatro... existencialista!

Primeira mostra de Sartre no Brasil, com apêndices de sensacionilismo, onda publicitária, quase comercialização integral de algo que é obra de arte, está envolta no manto de um espírito criador e é criação.

Segunda fase de Sartre entre nós: "Entre quatro paredes". Muito mais representativa que a primeira, com caráter de universalidade, ao passo que a primeira não pode fugir à fatalidade de ser explosão de um espírito do ocidente, — que toca às alturas, é bem verdade —

GA NO MUNDO TEATRAL GA

As quatro virtudes de Sartre

contra a civilização do mais rico país do novo mundo.

Por mais severas que sejam as restrições que se possa fazer

à obra teatral do genial francês, não é possível negar que ela exsuda inteligência. Que importa se ela é apenas a projeção cênica de sua "Weltanschauung", do seu cosmorama?

Enfrentar de peito os problemas da vida, ainda mesmo com "olhos de aço", dá-lhe outra virtude: a coragem. Os temas que formam a essência de "L'être et le néant" transpõem-se para "Huis Clos", peça que revela, talvez mais que tudo, a vitalidade do escritor. E quem lhe negará sensibilidade na análise que, em "Morts sans sépulture", faz sobre o heroísmo e os sentimentos que o animam, o orgulho, o amor e a crença?

Excetuando "Les mains sales", que ainda não lemos, "Huis Clos" surge aos nossos olhos, em alguns de seus momentos, com uma força dramática que lembra mestres do passado.

Qual o tema dessa peça, como se transcorre ela no seu ato único, é o que veremos na próxima crônica.

NICANOR MIRANDA

O Diário de S. Paulo - 4-2-950

sonage
no. A
de esq

TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA



Em vesperal, às 16 horas, e às 21 horas, a Companhia Permanente do T.B.C. leva novamente à cena, hoje a peça existentialista "Entre Quatro Paredes", de Jean Paul Sartre, em tradução de Gullherme de Almeida. Direção geral de Adolfo Celi e interpretação de Cacilda Becker, Sergio Cardoso, Nidia Licia e Carlos Vergueiro. Completa o programa a comédia "O Pedido de Casamento", de A. Tchecov, em tradução de Vitor Merinov. Na gravura, Cacilda Becker, como aparece em "Entre Quatro Paredes".

'E OS OUT'

*Per-
um
uela
ada-
sis",
vo-
em
entir
bei-
a, o
dem
so-*

*ciedade caot-
ranca de
quatro paredes
asfixicas. Stu-
cin são feite-
ma precaria
mane que,
mutila e se-
nando a açã-
bre o outro,
tre, o "defla-
morragia int-*

A verdade

A verdade espetáculo pertencente na cultura acontece pelo olhar da sua realidade dolorosa. Fica que o céu é outros. Só a intra-uterina raiosa da solidão em limite sangue.

E se entre
ticamente, as
sonagens do
no. A função
de esquadriar
realidade, de
do roubá-la,
mais um pato
olha do que
a possui. Si-
cura um espe-
volvesse a po-
imagem, ma-
ção a compa-
no pode vê-la
sui-la. O ol-
sul como di-
infernalmen-
no no olhar
de Inês. Apa-
de decidir da
coragem de
olhar, na sua
cortante, a
multidão. E
ta a pusilan-
vel do infer-
Claro, o que

"Folha da Manhã", 5. II. 1950.

GA

Artes - Teatro - Cinema -

SARTRE, OS ESPÉLHOS E OS OUTROS

GUILHERME DE ALMEIDA traduziu de modo fluente esse "Entre quatro paredes", que Sartre faz passar sobrenaturalmente no inferno, numa concessão ao público, evidente, quando lhe bastaria para sua tese de angústia, nojo, narcisismo, essa aleatoriedade terra dos homens. Lugares comuns na filosofia do papa do existencialismo são retomados como

temas em "Huis-Clos". Passa por toda a peça um sopro pestilencial daquela mesma fisiologia desagradável que faz, em "Le Survivant", Irene "abrir a boca para vomitar as palavras", que em "Le Mur" deixa Lulu sentir um cheiro de vômito no beijo de Henry.

A infanticida, a lesbica, o covarde podiam muito bem estar murados em nossa so-

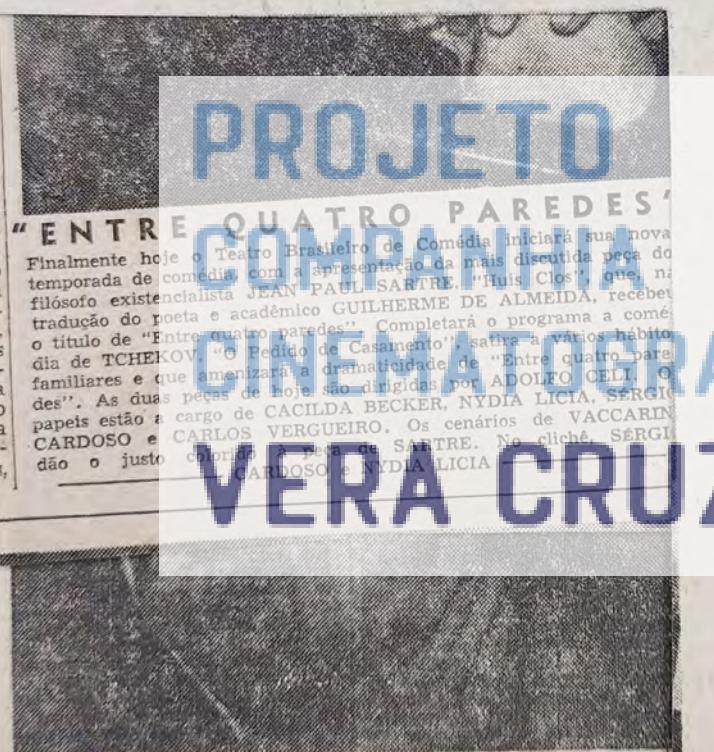
ciedade caótica, sem esperança de liberação, entre quatro paredes herméticas e asfíxicas. Stelle, Inês e Garcin são feitos daquela mesma precária substância humana que, em convívio, se mutila e se molesta, ocasionando a ação de um ser sobre o outro, como quer Sartre, o "deflagrar de uma hemorragia interna".

A verdade é que saímos do espetáculo pensando obsessivamente na desdita da criatura acontecer, na terra, mais pelo olhar dos outros que pela sua realidade orgânica e dolorosa. Ficamos a imaginar que o céu é a ausência dos outros. Só talvez a criatura intra-uterina realize esse paraíso da solidão que se confina em limites de seu próprio sangue.

E se entreolhavam, dramaticamente, aquelas três personagens do drama sartreano. A função do olhar é a de esquadrinhar na alheia realidade, de em certo sentido roubá-la, tornando-se ela mais um patrimônio de quem olha do que de quem de fato a possui. Stelle em vão procura um espelho que lhe devolvesse a posse da própria imagem, mas em compensação a companheira de inferno pode vê-la e portanto possuí-la. O olhar não só posui como decide e condena, infernalmente. Está o Inferno no olhar de Stelle e no de Inês. Apenas ele é que pode decidir da covardia ou da coragem de Garcin. E esse olhar, na sua expressão fria, cortante, analítica é uma multidão. E é ele que decreta a pusilanimidade insanável do infeliz. Em "Huis Clos", o escritor existencialista muitas vezes invade Pirandello (e quem não o invade no grande teatro contemporâneo?) porque o olhar multiplio da humanidade é um desdobramento de múltiplas verdades, aquelas verdades que, segundo o italiano, são tantas quantos os entes do mundo...

Ao deixarmos o teatro, em noite de anteontem, pensavamo-nos no paraíso da solidão absoluta, mas da solidão refletida em mil espelhos e de tal sorte que a humanidade nem mais precisasse de amor...

HELEN



CACILDA BECKER numa cena da peça "Entre quatro paredes", de Sartre, traduzida por Guilherme de Almeida, cuja estréia está anunciada para o dia 24 do corrente, pela Companhia Permanente do Teatro Brasileiro de Comédia

Escravidão africana

EXC RECORTE DE JORNAL E FORMATO

"ENTRE QUATRO PAREDES" GA

Sobre uma peça de Jean Paul Sartre

Comunicam-nos da Chancelaria do Arcebispado:

"Comunico aos fieis da arquidiocese que foi encerrada a representação, num dos teatros da Capital, da peça "Entre Quatro Paredes", do romancista existencialista Paul Sartre, através da qual se pretende ensinar e pregar, em plena luta do dia, a prostituição da família e da juventude brasileira. Tendo sido condenadas pela Santa Sé as obras desse autor, por imorais, os fieis não poderão assistir, sem pecado grave, a referida representação.

De ordem de s. em. revma.

Conego Roque Viggiano, chanceler do Arcebispado.

S. Paulo, 23 de janeiro de 1950".

PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ

"Estado" - 24.1.50

GA
RO DE COMÉDIA



PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ

"ENTRE QUATRO PAREDES"

Finalmente hoje o Teatro Brasileiro de Comédia iniciará sua nova temporada de comédia, com a apresentação da mais discutida peça do filósofo existencialista JEAN PAUL SARTRE, "Huis Clos", que, na tradução do poeta e acadêmico GUILHERME DE ALMEIDA, recebeu o título de "Entre quatro paredes". Completará o programa a comédia de TCHEKOV, "O Pedido de Casamento", satira a vários hábitos familiares e que amenizará a dramaticidade de "Entre quatro paredes". As duas peças de hoje são dirigidas por ADOLFO CELI. Os papéis estão a cargo de CACILDA BECKER, NYDIA LICIA, SÉRGIO CARDOSO e CARLOS VERGUEIRO. Os cenários de VACCARINI dão o justo colorido à peça de SARTRE. No clichê, SÉRGIO CARDOSO e NYDIA LICIA

"Dinis da Nata" - 24.I.1500

GA Guilherme de Almeida traduziu Sartre

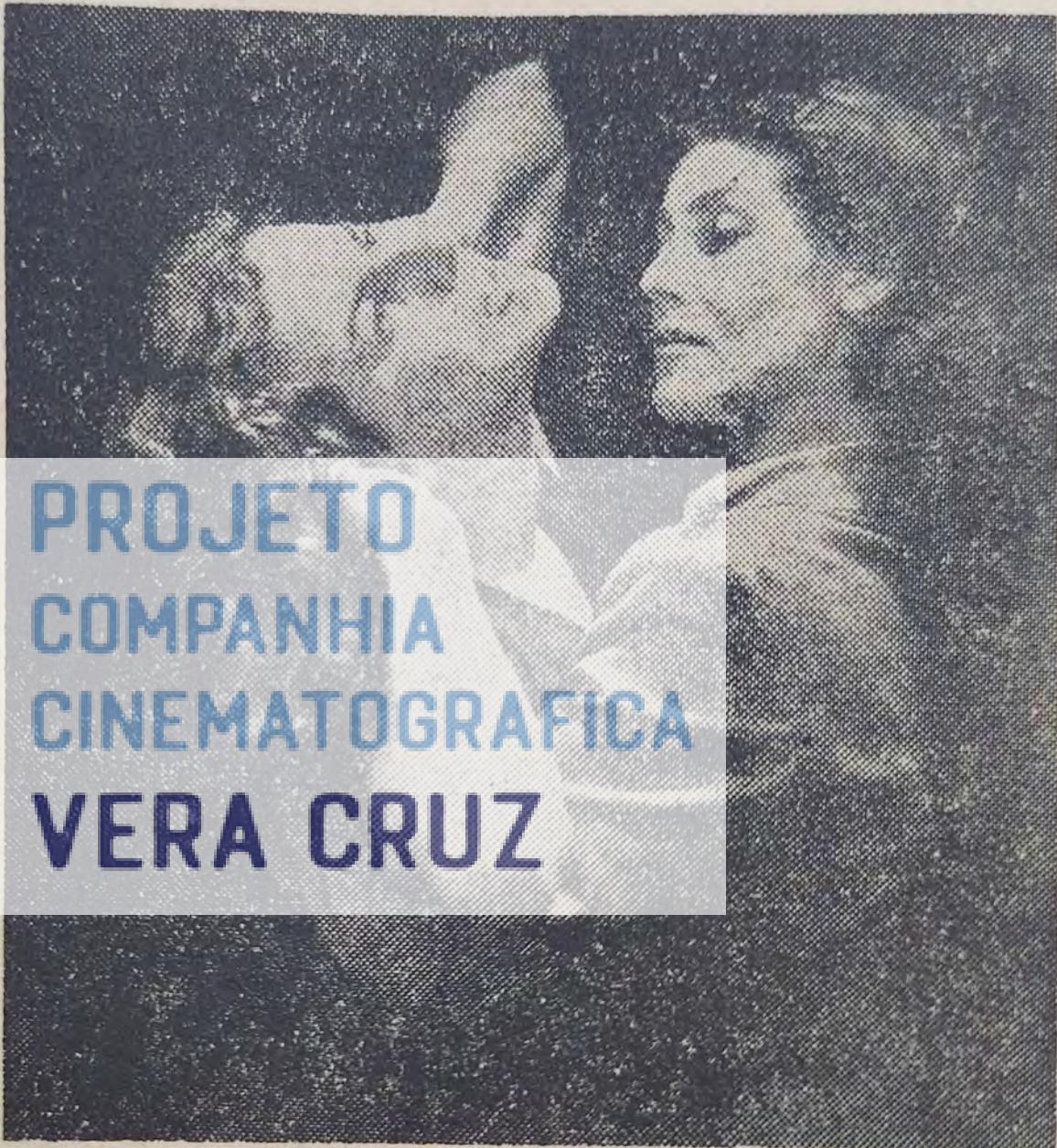
PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ

"Entre quatro paredes" é o título brasileiro que o poeta e acadêmico Guilherme de Almeida deu a "Huis Clos" de Jean Paul Sartre, peça que constituirá a estréia do próximo dia 24, terça-feira, no Teatro Brasileiro de Comédia. Com "Entre quatro paredes" volta à cena do teatro da rua Major Diogo a aplaudida atriz Cacilda Becker. A direção está a cargo de Adolfo Celi. Ao lado de Cacilda Becker teremos Sergio Cardoso, Nydia Licia e Carlos Vergueiro. E' óbvio acen-tuar o grande interesse despertado em nosso público pela tradução, direção, interpretação e o desejo de assistir à obra do filósofo existencialista. Completará o espetáculo de terça-feira, a comédia de Anton Tchekow, "O Pedido de Casamento" pela primeira vez representada em nossos teatros

FORMATO

GA

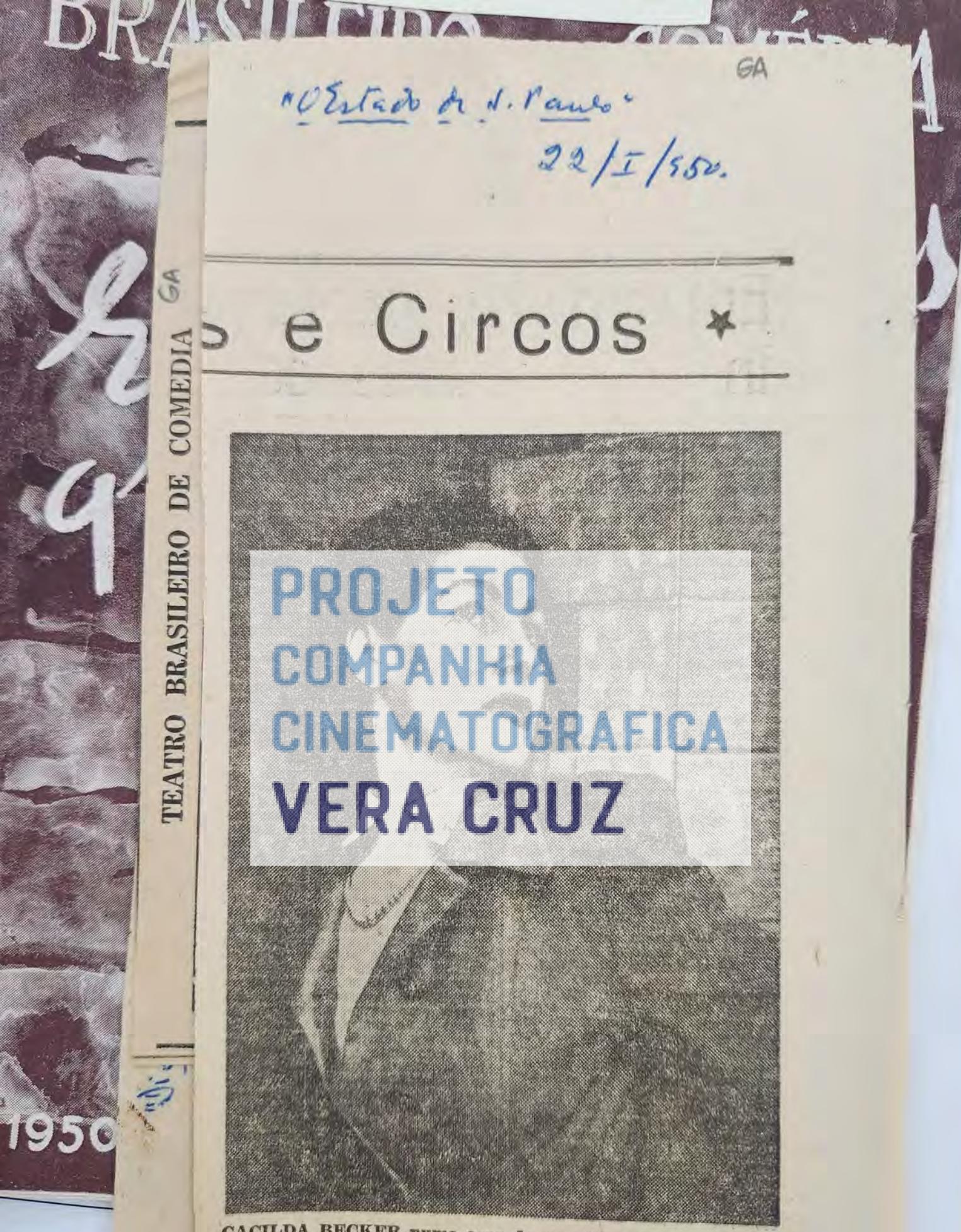
SARTRE, TRADUZIDO POR GUILHERME DE ALMEIDA



**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

"Diancio da N. Paris"
20. I. 560

Na proxima terça-feira, dia 24, o Teatro Brasileiro de Comedia apresentará uma peça de Jean Paul Sartre. "Entre Quattro Paredes" (Huis clos) traduzida por Guilherme de Almeida e dirigida por Adolfo Celi. No mesmo programa, com o intuito de amenizar o drama existencialista será apresentada a alegre comedia de A. Tchekow, "O Pedido de Casamento", traduzida por Vitor Merinov. As duas peças constituem novidade absoluta para a cena brasileira e terão a interpretação da Companhia Permanente do Teatro Brasileiro de Comedia, da qual fazem parte Cacilda Becker, Nydia Licia, Sergio Cardoso e Carlos Vergueiro, integrantes do mesmo conjunto. No cliché, Cacilda Becker, como "Inês", e Nydia Licia, como "Estelle"



O Estado de S. Paulo

GA

22/1/50.

TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA

V e Circos *

PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ

CACILDA BECKER numa cena da peça "Entre quatro paredes", de Sartre, traduzida por Guilherme de Almeida, cuja estréia está anunciada para o dia 24 do corrente, pela Companhia Permanente do Teatro Brasileiro de Comédia

E FORMATO

GA

A

GA

TEATRO BRASILEIRO DE COMEDIA

DIA 24 — ESPETACULO N.º 2

Abertura da nova Temporada de Comedia:

“ENTRE QUATRO PAREDES”

(HUIS-CLOS) DE JEAN PAUL SARTRE

Tradução de GUILHERME DE ALMEIDA — Direção de ADOLFO CELI

E

“O PEDIDO DE CASAMENTO”

DE A. TCHEKOV — Tradução de VICTOR MERINOV — Direção de ADOLFO CELI

portanto em minha unga
de traduzir em minha unga
tanta energia, que vai construirão,
olhos do público o edifício rigorosamente funcional ao
tencialismo artreano. (eu ia dizer: “na arte de tra-
duzir”) no ofício de traduzir, e principalmente do francês.
Embora já calejado na (eu ia dizer: “na arte de tra-
duzir”), no ofício de traduzir, e principalmente do francês,
confesso que “Huis-Clos” foi, para mim, um tropeço duro.
A começar pelo título.
E é só no meu trabalho de tradução desse título que vou
nchor, por uns instantes, demorar meu pensamento e gastar
minhas palavras.

PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA

1501
1-1

VERA CRUZ

TRADUÇÃO DE UM TÍTULO

Guilherme de ALMEIDA

COMO PRIMEIRO LANÇAMENTO deste ano corrente de 1950, entra depois-de-amanhã, 24 de janeiro, no cartaz do Teatro Brasileiro de Comédia, o "Huis-Clos" de Jean-Paul Sartre. Coube-me a áspera tarefa — que em mim se foi transformando em desafio, e portanto em estímulo, e consequentemente em entusiasmo — de traduzir em minha língua a peça rude e rápida que com tanta energica nitidez vai construindo, tijolo a tijolo, aos olhos do público, o edifício rigorosamente funcional do existencialismo sartreano.

Embora já calejado na... (eu ia dizer: "na arte de traduzir") no ofício de traduzir, e principalmente do francês, confesso que "Huis-Clos" foi, para mim, um tropeço duro.

A começar pelo título. E só no meu trabalho de tradução desse título que vou agora, por uns instantes, demorar meu pensamento e gastar minhas palavras.

PROJETO

Lida, sentida e compreendida a peça, logo se convence a gente de que ela só poderia ter tido o título que teve: "Huis-Clos". Não é isto apenas uma "trouvaille": é uma imposição. Dir-se-ia que Sartre partiu desse título, que ele preexistiu era anterior à peça, tão essencial é dele. Daí a importância de sua tradução.

O debate público é uma das conquistas do Direito moderno. Em França, no entanto, quando o processo envolve matéria, por exemplo, de segurança nacional, honra pessoal ou capaz de provocar escândalo, intentar contra a ordem os mais costumeiros modos a parte requerer e o magistrado determinar "le huis clos", isto é, que a audiência deva correr sem a presença do público.

Assim, "huis clos" sagrou-se, em francês, expressão técnica forense. E precisamente nesse sentido foi que a tomou Sartre, pois que a sua angustiada e angustiante peça é um julgamento sem assistência. "Garcin", "Inès" e "Estelle", cada qual é o juiz e o carrasco para os outros dois, porque... porque "l'enfer, c'est les Autres".

Ora, no nosso vocabulário jurídico não existe tradução precisa para "huis clos". Temos a "segredo de justiça" — dir-se-á. Mas, não. Em segredo de justiça pode correr apenas o inquérito policial; nunca o processo, os debates. Ora, o inquérito, para os três miseráveis detentos do salão Segundo Império, já havia corrido "antes": "avant, quand nous gardions de l'espoir"; antes, quando havia o "fato" da

(Conclui na pag. seguinte)

DE UM CONSTANTE LEITOR

Escravidão africana

Candu

TRADUÇÃO DE UM TÍTULO

Guilherme de ALMEIDA

COMO PRIMEIRO LANÇAMENTO deste ano corrente de 1950, entra depois-de-amanhã, 24 de janeiro, no cartaz do Teatro Brasileiro de Comédia, o "Huis-Clos" de Jean-Paul Sartre. Coube-me a áspera tarefa — que em mim se foi transformando em desafio, e, portanto em estímulo, e consequentemente em entusiasmo — de traduzir em minha língua a peça rude e rápida que com tanta energética nitidez vai construindo, tijolo a tijolo, aos olhos do público, o edifício rigorosamente funcional do existencialismo sartreano.

Embora já calejado na... (eu ia dizer: "na arte de traduzir") no ofício de traduzir, e principalmente do francês, confesso que "Huis-Clos" foi, para mim, um tropeço duro.

A começar pelo título.

E é só no meu trabalho de tradução desse título que vou agora, por uns instantes, demorar meu pensamento e gastar minhas palavras.

*

Lida, sentida e compreendida a peça, logo se convence a gente de que ela só poderia ter tido o título que teve: "Huis-Clos". Não é isto apenas uma "trouvaille": é uma imposição. Dir-se-ia que Sartre partiu desse título, que ele pre-existia, era anterior à peça tão essencial e ele. Daí a importância de sua tradução.

O debate público é uma das conquistas do Direito moderno. Em França, no entanto, quando o processo envolve matéria, por exemplo de segurança nacional, honra pessoal, ou capaz de provocar escândalo, mentir contra a ordem, os bons costumes, pode a parte requerer e o magistrado determinar "le huis clos", isto é, que a audiência devorra sem a presença do público.

Assim, "huis clos" sagrou-se, em francês, expressão técnica forense. E precisamente nesse sentido foi que a tomou Sartre, pois que a sua angustiada e angustiante peça é um julgamento sem assistência. "Garcin", "Inès" e "Estelle", cada qual é o juiz e o carrasco para os outros dois, porque... porque "l'enfer, c'est les Autres".

Ora, no nosso vocabulário jurídico não existe tradução precisa para "huis clos". Temos o "segredo de justiça" — dir-se-á. Mas, não. Em segredo de justiça pode correr apenas o inquérito policial; nunca o processo, os debates. Ora, o inquérito, para os três miseráveis detentos do salão Segundo Império, já havia corrido "antes": — "avant, quand nous gardions de l'espoir"; antes, quando havia o "fato" da

(Conclui na pag. seguinte)

DE UM CONSTANTE LEITOR

Escravidão africana

Candi

12-0100
jul 21/8

bis pelo ponto
5 furos

GA

AB

3
4

JEAN - PAUL SARTRE 12-504 V.C.

ENTRE QUATRO PAREDES

PROJETO
(HUTS CLOS)
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ

Tradução de - 10-496 VT

COLIFERME DE ALMENDRA - 10-496 V.C.

S. Paulo

1950

8-534 V.C.

c.10-496

10-496-quito

4 furos centro

5
3
2

"ENTRE QUATRO PAREDES" foi representada pela primeira vez em São Paulo ^a 24 de Janeiro de 1950, sob a direção de Adolfo Celⁱ, cenário de Bassano Vaccarini, ~~ad. comp.~~
~~decor.~~ no TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA, com a seguinte distribuição:

1,4

PROJETO COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA VERA CRUZ

INES Cacilda Becker — 4 n.
ESTELLE Nídia Lícia — 4 n. 27
GARCIN Sergio Cardoso — 4 n.
O CRIADO Carlos Vergueiro — 4 n.

1

7/8

- c.18-c.313 v-nº.127

PROJETO
ENTRE QUATRO PAREDES
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ

~~NOTA~~

Esta

- 8-534 3½ furos
10 cm

■ tradução obedece o texto da 33^a
edição do "THEÂTRE" de Jean-Paul
Sartre (NRF, Librairie Gallimard).
Os direitos de representação pertencem à Companhia Brasileira
de Comédia; e os de reprodução em livro, aos autores
(prof. pen)

57

9/10

2

PERSONAGENS - 10-498

INÊS

ESTELLE

GARCIN

**PROJETO
COMPANHIA
CINEMATOGRÁFICA
VERA CRUZ**

3

garcia 29400

(11)

3

5x8

14/15

GARCIN, O CRIADO

48 W 50U
121U
100 U 96

96 94

3½ fune

14

(12) Um salão Segundo Império. Um bronze só-
bre a lareira.

GARCIN (que entra e olha em torno) — Pois é.

O CRIADO — Pois é.

GARCIN — Então é assim...

O CRIADO — E' assim.

GARCIN — Acho... Acho que com o tempo a gente se acostuma com os
moveis.

PROJETO

O CRIADO — Isso depende das pessoas.

GARCIN — Será que todos os quanto são iguais?

O CRIADO — Que idéia! Recebemos chinezes, hindús. Que quer que
eles façam com uma poltrona Segundo Império?

GARCIN — E eu? Que quer que eu faça? Sabe quem era eu? Ora! Is-
so não tem importância. O que é fato é que sempre vivi no meio de mo-
veis de que não gostava, e de situações falsas; achava isso adorável.

Que tal: uma situação falsa numa sala-de-jantar Luís-Felipe?

O CRIADO — Vai ver: tambem não ficará mal num salão Segundo Impé-
rio.

GARCIN — Ah! Bom, bom, bom! (Olha em torno) Em todo caso, por es-
sa eu não esperava... Não me diga que não sabe o que se diz lá! *for*

O CRIADO — Sobre o que?

GARCIN — Quer dizer... (Num gesto vago e largo) sobre isto tudo.

O CRIADO — Acreditar nessas tolices! Gente que nunca pôz os pés a-

6117 - 12-504 →

196 qui. Se ao menos ~~h~~ tivesse estado ~~aqui.~~ ^{por} X

O CRIADO — E' mesmo.

X Riem os dois.

GARCIN, (ficando sério de-repente) — Onde estão as estacas?

O CRIADO — O que?

GARCIN — As estacas, as grelhas, os funis de couro.

O CRIADO — Está brincando?

GARCIN, (olhando-o) — Como? Ah! bem. Não, não estava brincando. (Um silêncio. Anda um pouco.) Nem espelhos, nem janelas, naturalmente. Nada que seja frágil. (Com súbita violência) E porque me tomaram a escova-de-dentes?

PROJETO COMPANHIA

CINEMATOGRÁFICA

VERA CRUZ

GARCIN, (batendo com raiva no braço da poltrona) — Nada de familiaridades. (comigo) Reconheço a minha posição, mas não admito que...

O CRIADO — Basta! Desculpe. Mas, que quer? Todos os freguezes fazem a mesma pergunta. Mal chegam: "Onde estão as estacas?" Garanto que nesse instante ~~ele~~ ^{nem estão} ~~pensa~~ ^{ndo} em fazer sua "toilette". Depois, ficam X mais calmos, e aí vem a escova-de-dentes. Mas, pelo amor de Deus, pense um pouco! Afinal de contas, permita que eu lhe pergunte, por que escovar os dentes?

GARCIN, (bossegado) — E' mesmo, por que? (Olha em torno) E por que olhar nos espelhos? Ao passo que esse bronze, felizmente... Creio que há certos momentos em que ~~serei capaz de olhar sem faltar o firme.~~ De olhar ~~sem faltar o firme,~~ hein? Ora, ora! não há nada que ocultar; digo-lhe firme,

(q)